

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - ICHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E
CULTURA NA AMAZÔNIA - PPGSCA**

ALEXANDRE MARCO ARAÚJO CHAVES

PAIXÕES E CORES DA TORCIDA BARÉ
Significados sociais do ato de torcer por um time de futebol
profissional em Manaus

Bolsista FAPPEAM

Manaus
2013

ALEXANDRE MARCO ARAÚJO CHAVES

PAIXÕES E CORES DA TORCIDA BARÉ
Significados sociais do ato de torcer por um time de futebol
profissional em Manaus

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Linha de pesquisa: Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais

Orientadora: Prof.^a Doutora Artemis de Araújo Soares.

Manaus

2013

Ficha catalográfica
(Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

Chaves, Alexandre Marco Araújo
Paixões e cores da torcida baré: significados sociais do ato de torcer por um time de futebol profissional em Manaus / Alexandre
C512p Marco Araújo Chaves. - 2013.
109 f. : il. color. ; 31 cm.
Dissertação (mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia)
— Universidade Federal do Amazonas.
Orientador: Prof^a. Dr^a. Artemis de Araújo Soares.

1. Futebol – Aspectos sociais 2. Futebol – Torcedores –
Manaus (AM) 3. Clubes de futebol – Manaus (AM) I. Soares,
Artemis de Araújo, orientador II. Universidade Federal do
Amazonas III. Título

CDU (2007): 316:796.332(811.3)(043.3)

ALEXANDRE MARCO ARAÚJO CHAVES

PAIXÕES E CORES DA TORCIDA BARÉ
Significados sociais do ato de torcer por um time de futebol profissional em
Manaus

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociedade e cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Aprovado em _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Doutora Artemis de Araújo Soares – Membro

Universidade Federal do Amazonas

Prof^a. Doutora Iraildes Caldas Torres - Presidente

Universidade Federal do Amazonas

Prof. Doutor Afonso Celso Brandão Nina -Membro

Universidade Federal do Amazonas

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sua infinita bondade e amor que tem sido derramado abundantemente em minha vida desde o meu nascimento.

A minha Mãe do céu Maria a quem aprendi a amar e sentir sua proteção materna.

A minha mãe Irene a quem devo praticamente tudo. E por sempre me incentivar a estudar e ensinado que esse era o caminho.

A meu pai Oswaldo de quem herdei o amor ao futebol. E por ter me mostrado que é possível tirar grandes lições das coisas mais simples.

Aos meus irmãos Claudia, Junior e Telma pelo amor incondicional demonstrado em todos os momentos. Em especial a minha irmã Claudia, maior amiga que tenho nessa vida e que muito me ajudou na minha caminhada de mestrado.

A minha pequena família, minha esposa Úrsula, meus filhos Caleb, Ian e Francisco. Vocês são minha inspiração, razão de viver e minha paz.

Aos meus poucos e valiosos amigos de verdade.

Ao Pedro Máximo que incentivou a trazer para academia o tema futebol e muito me ajudou desde o início da caminhada acadêmica.

Ao Marcos Dutra, companheiro nessa jornada de mestrado que muito me ajudou por estar sempre disposto a ouvir minhas aflições acadêmicas e pessoais.

Ao Walter Nascimento por me substituir nos treinamentos de voleibol várias vezes durante esse período de mestrado.

Ao amigo Marcelo Soares por suas contribuições na formatação do trabalho e em nossas lutas por um voleibol amazonense mais forte sempre.

A minha querida orientadora Prof^a. Dr^a. Artêmis de Araújo Soares. Por ter me ajudado, me cobrado e incentivado sempre, sobretudo nos piores momentos, quando adoeci e pensei em abandonar o mestrado. Muito obrigado por não ter desistido de mim.

A professora Dr^a. Iraíldes Caldas por ter sido a primeira a acreditar no meu projeto de pesquisa mesmo quando ele tinha 4 páginas. Suas contribuições foram inestimáveis.

Ao professor Dr. Afonso Celso Brandão Nina pelas contribuições durante toda a minha jornada acadêmica que começou nas aulas da Faculdade de Educação Física, depois como meu orientador na minha especialização e agora me dando a honra de fazer parte da Banca de Defesa da Dissertação.

A Faculdade La Salle por ter me dado a oportunidade de contribuir na formação de futuros profissionais de Educação Física. Em especial ao coordenador do curso, professor Joao Carlos da Silva Filho, incentivador e amigo.

A minha querida equipe de voleibol da Escola Nilton Lins. Em especial a minha atleta Rochely Santos que se tornou uma filha muito querida.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que chegássemos ao término de nossa caminhada no mestrado.



“Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se não tivesse amor eu nada seria. Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e toda ciência, ainda que tivesse toda fé a ponto de transportar montanhas, se não tivesse amor eu nada teria”.

–Coríntios 13.

RESUMO

Este estudo apresenta uma discussão acerca das significações simbólicas presente nas práticas torcedoras manauenses. O objetivo da pesquisa consistiu em investigar os significados sociais do ato de torcer por um time de futebol profissional em Manaus. Para realização de nossa pesquisa partimos do pressuposto inicial que ato de torcer é aparentemente simples, visto pelo prisma das referências e dos padrões de identidade da população brasileira. Porém, imersos nesta aparente simplicidade, e para além das manifestações esportivas estão presentes dinâmicas de intensas relações de paixão, significados sociais e culturais amplos, nos quais seus signos trazem consigo um universo simbólico que dizem muito sobre a sociedade brasileira, e manauense, de forma particular. A pesquisa caracterizou-se como um estudo do tipo etnográfico e na coleta das informações foram utilizados como instrumentos questionário, entrevista semiestruturada além de um diário de campo. Para decodificar os discursos dos sujeitos entrevistados e extrair deles a essência do fenômeno, utilizamos a análise do discurso. No intuito de desvendar os significados sociais presentes no ato de torcer foram escolhidas as torcidas organizadas que torcem pelos times locais, pois apesar do atual estágio do futebol amazonense elas existem e possuem representatividade local. A coleta de dados da pesquisa envolveu torcedores organizados da torcida Império Alvinegro do Atlético Rio Negro Clube, da torcida organizada Narraça do Nacional Futebol Clube e da torcida organiza Furacão Azul do São Raimundo Esporte Clube. Além dos torcedores organizados também fizeram parte dessa pesquisa os torcedores comuns, com a finalidade de se averiguar suas percepções sobre os significados do ato de torcer e se estas diferiam das percepção dos torcedores organizados, assim como também para conhecer quais os times de sua preferência. O estudo revelou que o ato de torcer para os torcedores manauenses de futebol, que em sua grande maioria torcem prioritariamente por clubes profissionais do Estado do Rio de Janeiro, exerce uma importante função social na vida dos mesmos pelas formas de sociabilização e identificação presentes simbolicamente e por sua capacidade de gerar momentos excitantes e emocionantes, no seio de um cotidiano altamente regulamentado e normatizado.

Palavras-chaves: Futebol; Torcedores; Sociedade.

ABSTRACT

This study presents a discussion of symbolic meanings present in local practices cheerleaders. The research objective was to investigate the social meanings of twist for a professional football team in Manaus. To carry out our research we assume that the initial twist is seemingly simple, seen through the prism of references and identity standards of the population, however, immersed in this apparent simplicity, and in addition to the sports events are present dynamics of intense relations passion, social and cultural meanings ample, where their signs bring with them a symbolic universe that say a lot about the Brazilian society and Manauense so particular. Our research was characterized as an ethnographic study and data collection were used as instruments, questionnaires, semi-structured interviews and a field journal. To decode the discourse of the interviewees and extract from them the essence of the phenomenon, we used discourse analysis. In order to unravel the social meanings present in the twist were chosen cheerleaders who cheer the teams, because despite the current state of football amazonense they exist and have local representation. The data collection of the research involved fans organized cheerleading Alvinegro the Empire Athletic Club Rio Negro, the organized supporters Narraça the National Football Club and the fans organizes Hurricane Blue São Raimundo Esporte Clube. Besides the organized fans were also part of this research the ordinary fans, in order to ascertain their perceptions of the meanings of the twist and these differed from the perception of organized supporters, as well as to know which teams of your choice. The study revealed that the twist to manauenses football fans, who mostly twist primarily by professional clubs of the State of Rio de Janeiro, plays an important role in the social life of the same forms of socialization and identification symbolically present and for its ability to generate exciting and thrilling moments, within a highly regulated and standardized daily

Keywords: Football, Fans; Society

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Gráfico 01 – A importância do ato de torcer para o torcedor organizado..	59
Figura 02 – Gráfico 02 – A importância do ato de torcer para o torcedor comum.	60
Figura 03 – Gráfico 03 – Sentimentos dos torcedores organizados pelos que torcem por seu time de preferência.....	60
Figura 04 – Gráfico 04 – Sentimentos dos torcedores comuns pelos que torcem por seu time preferência.....	61
Figura 05 – Gráfico 05 – Formas de relacionamento entre torcedores organizados do mesmo time.....	61
Figura 06 – Gráfico 06 – Formas de relacionamento entre torcedores comuns que torcem pelo mesmo time.....	61
Figura 07 – Gráfico 07 – Motivos que influenciaram o torcedor organizado na escolha do time de preferência.....	63
Figura 08 – Gráfico 08 – Motivos que influenciaram o torcedor comum na escolha do time de preferência.....	63
Figura 09 – Gráfico 09 – Preferência dos torcedores comuns de futebol	73
Figura 10 – Gráfico 10 – Torcedores organizados participantes da pesquisa.	74
Figura 11 – Foto 1 – Torcida organizada Império Alvinegro.....	75
Figura 12 – Foto 2 – Torcida organizada Narraça.....	76
Figura 13 – Foto 3 – Torcida organizada Furacão Azul.	77
Figura 14 – Gráfico 11- Perfil dos torcedores organizados por estado civil	78
Figura 15 – Gráfico 12 – Perfil dos torcedores comuns por estado civil.	79
Figura 16 – Gráfico 13 - Perfil dos torcedores organizados por sexo	79
Figura 17 – Gráfico 14 - Perfil dos torcedores comuns por sexo.....	80
Figura 18 – Gráfico 15 – Distribuição dos torcedores organizados por faixa etária	81
Figura 19 – Gráfico 16 - Distribuição dos torcedores comuns por faixa etária.	81
Figura 20 – Gráfico 17 – Distribuição dos torcedores organizados por renda mensal...82	
Figura 21 – Gráfico 18 – Distribuição dos torcedores comuns por renda mensal.	82
Figura 22 - Gráfico 19 – Distribuição dos torcedores organizados por nível de escolaridade.....	83

Figura 23 – Gráfico 20 – Distribuição dos torcedores comuns por nível de escolaridade.....	83
Figura 24 – Gráfico 21 – Segundo time de preferência dos torcedores comuns de futebol.....	72

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I - O FUTEBOL E SEUS TORCEDORES: A GÊNESE DE UMA PAIXÃO	18
1.1 O futebol e o significado do ato de torcer para os brasileiros	18
1.2 Nasce o futebol e com ele o torcedor: caracterização histórica e social do futebol e das práticas torcedoras	20
1.3 Tipologia torcedora e Clubismo	31
CAPITULO II - ESPORTE, CULTURA E CATARSE: OLHARES DIVERSOS SOBRE O FUTEBOL	39
2.1 O futebol e seus significados	39
2.2 Interpretando o futebol na cultura e na sociedade	41
2.3 Funções sociais do lazer e do esporte: contribuições de Norbert Elias e Eric Dunning	51
CAPITULO III - PAIXÕES DA TORCIDA BARÉ	70
3.1 Quem é o torcedor Baré?.....	74
3.2 Por que o torcedor baré se distância dos clubes de futebol locais?.....	85
3.3 Significados sociais do ato de torcer para a Torcida Baré.....
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	96
ANEXOS	102

Introdução

“Só o futebol permite que você sinta aos 60 anos exatamente o que sentia aos 6. Todas as outras paixões infantis ou ficam sérias ou desaparecem, mas não há uma maneira adulta de ser apaixonado por futebol. Adulto seria largar a paixão e deixar para trás essas criancices: a devoção a um clube e às suas cores como se fosse a nossa outra nação, o desconsolo ou a fúria assassina quando o time perde, a exultação guerreira com a vitória. Você pode racionalizar a paixão, e fazer teses sobre a bola, e observações sociológicas sobre a massa ou poesia sobre o passe, mas é sempre fingimento. É só camuflagem. Dentro do mais teórico e distante analista e do mais engravatado cartola aproveitador existe um guri pulando na arquibancada” (VERÍSSIMO, 2010: 25).

Sempre esteve presente em nossa vida a cultura do futebol. As emoções mais viscerais que em primeiro lugar nos vêm mente são as do futebol. Os jogos que assistimos quando garoto moram em lugares que variam do obscuro aos mais luminosos da nossa memória. Sentir o coração parar de aflição segundos antes de uma cobrança de pênalti e segurar na mão de nosso pai nesse momento é uma imagem que nos atravessou a infância e configurou a vida, pois foram esses os principais elos de diálogo entre nós.

Para nós o futebol sempre esteve carregado de muitos significados que traziam consigo a capacidade de demonstrar os vários lados da vida, que nos fazia mirar as alturas, mirar o infinito e acreditar que era possível chegar lá. Foi no futebol que muitas vezes matamos a nossa fome e sede de emoção, atalhando a desertificação do peito de nossas histórias de lutas. Em riqueza simbólica ele trazia poesia, filosofia e saber que se congregavam com drama, amor e paixão se transformando em uma forma sublime de representação e identificação. Mas será dessa forma com todos os torcedores?

Na tentativa de responder a esse questionamento escolhemos abordar o futebol através das significações dadas pelo grupo que ele construiu em torno de si: os torcedores.

Por essas razões, é intenção de nosso estudo refletir sobre os significados sociais do ato de torcer por um time de futebol profissional em Manaus, e no intuito de ampliar a reflexão e a discussão científica sobre este tema, buscamos compreender de que forma os manauenses vivenciam o ato de torcer por equipes de futebol profissionais de outros estados e locais, e se essas práticas desempenham uma função social.

Entendemos, entretanto que o ato de torcer por uma equipe de futebol profissional enquanto fenômeno social exige uma compreensão que envolve diferentes planos de análise.

Na análise dos fatos sociais, em um primeiro nível podemos nos indagar a respeito das formas de funcionamento e organização de um determinado grupo social; quais as redes de inter-relações e determinações que o envolvem e o inserem no tecido da sociedade. Ao mesmo tempo em que este grupo pode ser influenciado, também sofre influências no seu comportamento e nas representações simbólicas que ele elabora.

Em um segundo plano de análise, não necessariamente independente do primeiro, podemos questionar quais as interações existentes entre dado fenômeno social com os demais fatos socioculturais, as condições históricas, econômicas, políticas e sociais nos quais está inserido.

Esse tipo de análise abrangente se faz necessária, pois o fenômeno social das práticas torcedoras não é um fenômeno que ocorre de forma divorciada do tecido social. Como afirma Bourdieu (1990), o espaço dos esportes, apesar de ser relativamente autônomo, é um espaço que não é fechado em si mesmo, estando este inserido em um sistema de práticas e consumos.

É necessário incluir ainda um terceiro nível de reflexões, correspondente à busca de se compreender as interconexões entre o fenômeno social e os processos psíquicos individuais que ocorrem nos membros dos grupos que o constituem. Apesar de o ato de torcer ser aparentemente simples, uma vez visto pelo prisma das referências e dos padrões de identidade da população brasileira aí também estão presentes dinâmicas de intensas relações de paixão, significados sociais e culturais amplos, dos quais emergem signos que trazem consigo um universo simbólico e dizem muito sobre a sociedade brasileira e a manauense, de forma particular.

Assim sendo, a análise de um fenômeno como o das práticas torcedoras no futebol comporta uma análise nos níveis cultural, sociológico e psicossocial que inclui consulta à literatura pertinente, no sentido de buscar compreender o funcionamento dos grupos sociais em suas manifestações e determinações individuais e coletivas, ou seja, sobre as torcidas organizadas e o torcedor comum.

Afinal, como fazer a análise desse objeto de forma tão abrangente?

Em primeiro lugar, tornou-se necessária a identificação das categorias centrais deste trabalho - o futebol, os torcedores e a sociedade - que suscitaram dúvidas, reflexões e questionamentos no momento de fazer as escolhas sobre a melhor maneira de buscar o entendimento das questões aqui propostas.

A proximidade afetiva deste autor com os temas abordados causaram também algumas dificuldades, pois uma das condições colocadas tradicionalmente pelo cânone

científico para a compreensão de determinado objeto é a análise imparcial e o distanciamento do mesmo. As compreensões sobre cada uma destas categorias são, por vezes, divergentes e inspiraram algumas possibilidades-caminhos a serem trilhados para alcançar tais objetivos.

Luna (1996) aponta que raramente um procedimento empregado é fruto de uma escolha. Entendemos que ao falar em procedimentos, o autor se referia às técnicas para execução do trabalho de pesquisa. Não obstante, também acreditamos que as características de uma pesquisa não são objeto de uma escolha involuntária e aleatória, mas são conduzidas pelo problema e pelas perguntas referentes à pesquisa. Nesse sentido, o problema desta pesquisa solicitou a aplicação das abordagens qualitativa e quantitativa, entendendo que ambas são importantes e complementares.

Por essas razões, nossa pesquisa caracterizou-se como um estudo do tipo etnográfico, ou, como defende André (2007), uma adaptação da etnografia. Segundo o autor, quando a pesquisa de campo utiliza algumas técnicas características da etnografia e se busca fazer aquilo que Geertz (1989) chamou de “descrição densa”, o método deve ser considerado como etnográfico. No caso da nossa pesquisa as técnicas etnográficas utilizadas foram a entrevista intensiva e a observação participante.

Para a coleta das informações foram utilizados dois instrumentos, um questionário e uma entrevista semiestruturada. Segundo Bruyne (1991, p. 99), “várias técnicas podem e devem frequentemente ser empregadas numa mesma pesquisa para reunir um feixe de dados ao mesmo tempo disponíveis, acessíveis e conforme a seu objetivo de investigação”.

O questionário foi o primeiro instrumento entendido como qualificado para esta pesquisa. Laville e Dionne (1999, p.183,184) afirmam que dentre as vantagens do questionário pode ser lembrado que se mostra econômico no uso e permite alcançar rápida e simultaneamente um grande número de pessoas, uma vez que elas respondem sem a necessidade de um entrevistador. A uniformização assegura, de outro lado, que cada pessoa veja as questões formuladas da mesma maneira, na mesma ordem e acompanhadas da mesma opção de resposta, o que facilita a compilação e a comparação das respostas escolhidas e permite recorrer ao aparelho estatístico quando chega o momento da análise.

Estas características do questionário permitiram alcançar algumas metas como a uniformidade de resposta em relação a um determinado tema. Em nossa pesquisa foram

aplicados 126 questionários, sendo 54 para os torcedores organizados e 72 para os torcedores comuns, ambos aqui considerados sujeitos da pesquisa.

Optamos também pela entrevista semiestruturada uma vez que esse tipo de entrevista teria um roteiro a ser seguido. Ao mesmo tempo, permitiria um maior grau de liberdade para avançar em questões que surgissem em particularidade em cada uma das entrevistas (NEGRINE, 2004). Foram realizadas 60 entrevistas, sendo 30 para cada grupo de sujeitos pesquisados.

Para decodificar os discursos dos sujeitos entrevistados e extrair deles a essência do fenômeno, utilizamos a análise do discurso com base em Lefrèvre (2005), que a define como sendo a reconstrução, a partir das respostas individuais, de um discurso-síntese que expresse uma representação social, ou seja, um discurso coletivo.

Vale ressaltar que a fase do tratamento do material nos levou a teorização sobre os dados, produzindo o confronto entre a abordagem teórica anterior e o que a investigação de campo aportou de singular como contribuição. Ressaltamos ainda que a análise dos dados foi para nós um processo extremamente complexo que envolveu retrocessos entre dados concretos e conceitos abstratos, entre raciocínio indutivo e dedutivo, entre descrição e interpretação.

Tendo como objetivo geral de nossa de pesquisa é investigar os significados sociais do ato de torcer por um time de futebol profissional em Manaus, escolhemos como sujeitos da pesquisa, torcedores organizados e torcedores comuns.

Antes de iniciarmos efetivamente nosso trabalho de campo fizemos visitas às torcidas organizadas, assistimos a jogos de futebol profissional junto aos torcedores, participamos de reuniões administrativas das torcidas e nos ambientamos com suas dinâmicas sociais que sempre giravam em torno do seu time de preferência.

Quanto aos torcedores comuns, fomos aos locais onde eles se reúnem para assistirem às partidas de futebol de seus times de preferência. Nesses momentos, constatamos que a vivência com os torcedores poderiam trazer ricos elementos que não seriam apreendidos na aplicação dos questionários e nem com as entrevistas. Com isso surgiu a opção por utilizarmos o diário de campo. Ele poderia complementar os dados, registrando o contexto em que os mesmos foram obtidos.

Tal instrumento se mostrou necessário pois durante o preenchimento do questionário a maioria dos torcedores estabelecia um diálogo acerca das respostas que davam ou mesmo para além das informações solicitadas no questionário. Estes diálogos permitiam chegar às informações que não eram acessíveis na objetividade do

questionário nem nas entrevistas semiestruturadas, além de retratar a percepção sobre o contexto em que as práticas torcedoras estavam inseridas.

Após os contatos iniciais, e aqui vale a pena ressaltar a enorme receptividade que tivemos, cada torcedor recebia a explicação sobre a temática da pesquisa e como se daria a aplicação dos questionários e entrevistas a serem realizados. A participação era confirmada por meio da concordância em um termo de consentimento livre e esclarecido.

As práticas de campo ocorreram entre os meses de outubro de 2012 e abril de 2013, por meio de contatos com as direções das torcidas organizadas, vivência das práticas torcedoras, aplicação dos questionários e realização das entrevistas.

O ato de torcer é aparentemente simples, visto pelo prisma das referências e dos padrões de identidade da população brasileira, Porém, imersos nesta aparente simplicidade, e para além das manifestações esportivas, estão presentes dinâmicas de intensas relações de paixão, significados sociais e culturais amplos, que necessitam de maiores e mais aprofundados estudos, pois seus signos trazem consigo um universo simbólico que dizem muito sobre a sociedade brasileira e manauense, de forma particular.

O futebol foi incorporado à teia de significados do povo brasileiro. Incorporou-se tão bem que, mesmo sem sermos os inventores dessa modalidade esportiva, hoje somos reconhecidos como o “país do futebol”. É exatamente este casamento entre o futebol e o homem brasileiro que nos faz pensar na importância deste esporte em nossa cultura e as muitas possibilidades despercebidas de seu desenvolvimento e influência. O futebol é um ritual para os torcedores, um bom negócio para os investidores e uma ótima alternativa de lazer para os praticantes.

Por esta razão e pelas razões inicialmente expostas surgiu o interesse de realizar o presente estudo pretendendo também revelar um pouco mais sobre os mecanismos de tensão, adaptação e controle característicos na sociedade de modo geral, e mais especificamente na sociedade manauense, implícitos no ato de torcer.

Este trabalho igualmente intenta contribuir para a compreensão de como o ato de torcer produz relações de proximidade e de identificação entre pessoas, que neste estudo especificamente, encontram-se socialmente separadas na cidade de Manaus.

Quanto à sua estruturação, o trabalho está assim esquematizado:

CAPÍTULO UM – Futebol e seus Torcedores: a gênese de uma paixão –
Apresentaremos as origens atribuídas ao futebol; contextualização deste esporte no

Brasil e no Amazonas; aspectos da prática torcedora no mundo através da caracterização histórica e social do fenômeno; Clubismo no Brasil e em Manaus.

CAPÍTULO DOIS – Esporte, Cultura e Catarse: olhares diversos sobre o futebol –

Apresentação das principais discussões postas por importantes autores de projeção sobre os significados do futebol para a sociedade e algumas representações que os sujeitos entrevistados possuem sobre a torcida, o futebol e a sociedade.

CAPÍTULO TRÊS – Paixões da torcida baré –

Construído com base nas entrevistas dos sujeitos pesquisados, neste capítulo será feita uma análise das possíveis causas do distanciamento entre os torcedores manauenses e os clubes de futebol profissional local e a paixão por times de futebol de outros Estados e os resultados da pesquisa e as análises que abrangem os significados sociais do ato de torcer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - faremos nossas considerações finais tendo sempre como referência a contextualização do estudo e as teorias nas quais o mesmo está ancorado.

CAPITULO 1 - O FUTEBOL E SEUS TORCEDORES: a gênese de uma paixão

“... devo dizer que, se não há diferenças entre os fatos da história e da ficção, então não faz sentido ser historiador”. (Eric Hobsbawm).

1.1 O futebol e significado do ato de torcer para os brasileiros

Para melhor compreensão sobre “o ato de torcer”, é necessário situá-lo historicamente. O presente capítulo irá abordar as origens atribuídas ao futebol, sua contextualização no Brasil e no Amazonas e vários aspectos da prática torcedora no mundo através da caracterização histórica e social do fenômeno.

Costa (2004) afirma que o futebol é reconhecidamente um fenômeno cultural global. É jogado e visto em todo mundo, sendo inclusive praticado em muitas comunidades indígenas, ultrapassando todo tipo de barreiras sociais, econômicas, políticas e até de gênero nos dias atuais.

Verificamos que a presença desse esporte no cotidiano dos brasileiros, torcedores ou não, pode ser notada até mesmo na língua falada, recheada de expressões como por exemplo, “dar bola”, usada para expressar interesse amoroso ou sobre um assunto qualquer; enganar alguém, em qualquer situação, é o mesmo que “driblar” ou “dar um chapéu”, bem como, quem engana ou faz algo desagradável, “pisa na bola”; ser excluído de algo é ficar “fora da jogada”; depois de um acontecimento trágico, é comum o uso da expressão “bola pra frente”, como consolo; desistir de alguma coisa pode ser expresso por “tirar o time de campo”; a aposentadoria é o “pendurar as chuteiras”; algo que promete dar certo “vai dar jogo”; para informar a chegada em determinado lugar se diz “estou na área” etc.

Em geral a participação do futebol na vida do povo brasileiro é considerada extraordinária, percebendo-se que o fervor pelo mesmo tem marcado gerações. Basta observarmos o quanto ele está presente em vários momentos na vida das pessoas: quantas músicas retrataram o futebol; quantos filmes, peças de teatro e novelas o tiveram como personagem principal ou como cenário para suas tramas; quantas horas diárias a imprensa televisiva e radiofônica gasta com o futebol; quanto espaço diário de jornal é dedicado a esse esporte, em detrimento da cobertura de outros, confirmando assim a presença do futebol no cotidiano de nosso País.

O futebol transcende a condição de fenômeno esportivo, tornando-se também importante elemento sociocultural, interessando às mais amplas e variadas camadas sociais no mundo inteiro e de maneira especial ao Brasil, considerado por muitos, o país do futebol. Apresenta-se como uma expressão sociocultural do povo brasileiro, estabelecendo teias de significados e mediando relações que vão além da simples manifestação esportiva.

Daolio (1997) aponta alguns caminhos para a compreensão dessa significativa identificação cultural brasileira com esse sistema cultural esportivo:

- a) O futebol apresenta-se em primeiro lugar como um exercício de igualdade, expresso nas regras que orientam a sua realização, correspondendo a um autêntico anseio presente no seio da desigual e polarizada sociedade nacional;
- b) O futebol é um esporte praticado com a parte inferior do corpo, particularmente os pés, o que parece favorecer a uma possível predisposição corporal presente no povo brasileiro, relacionada a seu matiz de miscigenação entre brancos, negros e índios.
- c) No futebol destaca-se a prática do drible como expressão corporal criativa do jeito moleque e brincalhão do povo brasileiro em contornar as dificuldades da sua existência;
- d) Apesar de ser um esporte coletivo, o futebol permite a livre expressão da individualidade, oportunizando aos verdadeiros craques a demonstração de sua genialidade criativa através de dribles inesperados, combinações de passes, mudanças rápidas de deslocamentos, o que lhe confere uma vantagem diferencial diante da estrutura coletiva da equipe adversária.

Dentro desse contexto ousamos afirmar que torcer por uma equipe de futebol no Brasil é um imperativo social mais forte até mesmo do que as opções políticas. Somos praticamente induzidos a escolher algum time para que possamos nos apresentar perante a sociedade, pois essa é uma identidade que todos os brasileiros “normais” devem possuir. Desde o seu nascimento o brasileiro está sujeito a essa cobrança identitárias presente na maioria dos grupos sociais existentes.

Damo (1998) ressalta que o ato de torcer por uma equipe de futebol é uma construção cultural oriunda das relações vivenciadas junto à família e amigos, sendo a identificação com o time regida por uma lógica de significados. O torcer mexe com as nossas emoções e nos deixa expostos a uma gama de variações de humor, podendo nos

levar do riso ao choro, da alegria à decepção, ou seja, um verdadeiro elevador de sentimentos.

Vincular-se a um “time do coração” é, no Brasil, uma escolha importante, frequentemente mediada por relações familiares, e que inscreve o torcedor em um complexo sistema de classificações estabelecendo aliados e adversários instantaneamente, articulando lógicas identitárias em âmbito local, regional, nacional e internacional. (REIS, 1998).

A emoção e a beleza presentes em uma partida de futebol fascina multidões em todo planeta. Prado (1994) afirma que há poucos prazeres comparáveis ao de pular e gritar com a multidão comemorando um gol que passa a ser de todos, por direito de contiguidade emocional. São poucos aqueles que em contato com estas emoções, ficam indiferentes.

Os torcedores são uma parte fundamental do espetáculo futebolístico. São eles que fazem desse esporte um evento ainda mais admirável. Para Damo (2007) os torcedores impõem ao futebol “a circularidade das emoções”, e dão significados ao capital simbólico presente neste esporte.

1.2 Nasce o futebol e com ele o torcedor: caracterização histórica e social do futebol e das práticas torcedoras

O Futebol Moderno sob a forma que conhecemos nasceu nas escolas públicas britânicas, ou mais especificamente na Rugby School em 1845 (DUNNING, 1997). Seu surgimento, porém não foi obra de um acaso, pois, de acordo com Bourdieu (1983), o esporte nasceu primeiramente para ocupar o tempo dos jovens a um baixo custo, enquadrando-os em todas as suas horas escolares. Uma vez estabelecido nas escolas, o Futebol alcançou o interesse e o gosto das classes trabalhadoras, estendendo-se às fábricas inglesas. Daí para o mundo, sua difusão ocorreu facilmente, dado o poder que os ingleses mantinham em inúmeras colônias espalhadas pelo mundo.

A história oficial da origem do futebol no Brasil relata que o paulistano do Brás, Charles Miller, é o responsável direto pela introdução da instituição do futebol. Nascido em 1874, filho de ingleses e escoceses, aos nove anos de idade foi estudar na Inglaterra. Retornou ao Brasil em 1894 trazendo em sua bagagem duas bolas da marca inglesa Shoot, dois uniformes completos, uma bomba de ar, uma agulha e um pequeno livro contendo as regras básicas para jogar – tais como haviam sido definidas poucos anos

antes pela Federação Inglesa de Futebol – além das experiências que teve como jogador de futebol nas escolas inglesas pelas quais passou (NOGUEIRA, 2000).

Essa história considerada oficial não está completa e tampouco é a única versão. É certo que a Charles Miller é atribuída a responsabilidade direta pela introdução do futebol no país, ao menos no que concerne às versões oficializadas e institucionalizadas deste esporte. No entanto, existem outras versões que nos falam, por exemplo, da influência que os povos indígenas tiveram no esporte. Murad (1996) defende que é pouco conhecido o fato de que esses mesmos povos influenciaram sobremaneira o mais legítimo esporte bretão exatamente no instrumento que é o principal objeto de toda a disputa – a bola. Pode-se praticar o futebol e quaisquer condições climáticas, geográficas e espaciais e com qualquer quantidade de pessoas, mas nunca sem a bola:

“Há... uma contribuição ainda mais positiva do menino ameríndio aos jogos infantis e esportes europeus: a bola de borracha por ele usada num jogo de cabeçada. Este jogo brincavam-no os índios com uma bola, provavelmente revestida de caucho, que aos primeiros europeus pareceu de um pau muito leve; rebatiam-na com as costas, às vezes deitando-se de borco para fazê-lo.” (MAURÍCIO MURAD, 1996, p. 92).

Podemos constatar que são inúmeras as versões sobre a chegada do futebol no Brasil. Além da versão oficial, existem outras que apresentam de um desenvolvimento marginal do futebol nas grandes cidades e que nos fornecem concepções alternativas sobre qual teria sido realmente o primeiro jogo de futebol realizado em terras brasileiras. Histórias que não podem ser minimamente negligenciadas devido ao seu caráter explicativo da influência que o futebol exerce na cultura e das próprias transformações que ele sofreu ao longo de pouco mais de cem anos em terras brasileiras.

O que há de concreto nas histórias sobre o início da prática futebolística são as incontáveis controvérsias, tendo como resultado uma falta de consenso. Mesmo porque, em se tratando de futebol, o consenso é algo difícil de acontecer, já que as discussões, as controvérsias e as jocosidades funcionam como um combustível da importância que o futebol possui para o brasileiro.

No que diz respeito ao Amazonas, a história do futebol é também bastante antiga, porém os registros documentais de sua presença em terras barés são raros e escassos. Atualmente, o único historiador ainda vivo que possui um grande acervo sobre a presença do futebol pros lado de cá é Carlos Zamith, que por sua idade e condições de

saúde, quase não tem mais condições de atender as pessoas que o procuram para entrevista-lo e ter acesso ao seu acervo, o que dificultou bastante nossa pesquisa em seu recorte regional.

Entre 1890 e 1914, *Manáos* conheceu um período de auge econômico, social e urbanístico em função do *boom* da Borracha. De pequena vila transformou-se em poucos anos na “Paris dos Trópicos”, dotada de monumentos e palácios, rede de esgotos, paralelepípedos nas suas principais vias, do Teatro Amazonas, de uma intensa vida cultural e artística, pontes, mercado, um moderno porto flutuante etc. (FIGUEIREDO, 2001).

As companhias e comerciantes ingleses foram os agentes que realizaram a conexão entre o sistema extrativista amazônico de borracha e os mercados industriais mundiais, particularmente o da indústria automobilística, em franca ascensão. Os ingleses que se estabeleceram em Manaus foram os principais financiadores do processo de urbanização da cidade. (FIGUEIREDO, 2001).

Segundo Zamith (2008) as primeiras manifestações do futebol no Amazonas ocorreram no antigo campo do Luso, onde hoje está localizado o Ginásio Renné Monteiro, circunvizinho à Ponte dos Bilhares na Avenida Constantino Nery. Ali ocorriam partidas disputadas entre os ingleses que residiam em Manaus.

Normando (2007) afirma que a afluência do público manauense em número cada vez maior para os locais de jogo sinalizou claramente que para manter um mínimo controle sobre o futebol era necessário organizar-se. Logo, essas partidas descompromissadas foram sendo substituídas por embates mais bem preparados. Cronistas passaram a discutir as regras e as táticas de jogos, chegando mesmo a ensinar, em suas colunas, técnicas de manuseio da bola. Formaram-se times que tentaram a manutenção do status diferenciado através de uniformes, bandeiras e elencos selecionados.

O autor anteriormente mencionado relata que num primeiro momento, procurou-se evitar a entrada de nacionais nas equipes. O Racing Club, por exemplo, gabava-se de ter apenas ingleses em seu elenco. Estabeleceu-se que a temporada de futebol iria de Março a Julho de cada ano, o que garantiria jogos disputados com clima mais ameno e, ao mesmo tempo, permitiria que os atletas participassem de outras modalidades esportivas nos demais meses, preservando, dessa forma, o espírito indômito do *sportsmen*.

Toda essa movimentação favoreceu para que em 1914 fosse criada a Liga Amazonense de Futebol, entidade que já iniciou um campeonato com duas divisões e 13 clubes, sendo seis na primeira e sete na segunda (NORMANDO, 2007).

O primeiro campeonato oficial de futebol no Amazonas aconteceu em 1914, quando o *Manaus Athletic Club*, formado essencialmente por jogadores ingleses, sagrou-se campeão, tendo o fato se repetido em 1915. Com a derrocada do Ciclo da Borracha, os ingleses retornaram ao seu país de origem, deixando como herança obras arquitetônicas importantes, certos costumes e algumas formas de expressão cultural como o futebol, já então consagrado na vida social e esportiva dos manauenses (ZAMITH, 2008).

O futebol é um esporte com especificidades próprias que suplantam seu caráter meramente desportivo. É uma paixão nacional, rica de significados simbólicos que transcendem para a sua compreensão as quatro linhas do campo. Constitui-se em um universo extremamente amplo e complexo de relações sociais. O gosto do brasileiro pelo futebol compreende boa parte da formação da nação brasileira que incorporou esse esporte como um elemento de identidade e expressão de sua cultura. Um dos principais aspectos deste universo de relações é o ato de torcer e todas as representações que estão aí presentes.

As torcidas de futebol existem provavelmente desde que existe essa modalidade esportiva. Por essa razão pode-se afirmar que desde suas origens o futebol se fez acompanhar de uma prática torcedora. A história documentada de práticas torcedoras, porém, é bastante escassa. Não faz muito tempo que alguns historiadores têm voltado seus esforços nesta direção. A maior parte dos trabalhos vai localizar o surgimento das torcidas no mesmo momento do aparecimento do futebol moderno do século XIX, na Inglaterra.

A maioria dos estudos que pesquisamos sobre as práticas torcedoras tem como temática central as manifestações de violência. É no momento em que os acontecimentos trágicos em torno das torcidas começam a ter uma relevância maior que os pesquisadores lhes dirigem suas atenções. A violência é um fenômeno social mais amplo. Ela é, antes de tudo, um fenômeno próprio do tecido social e das relações humanas. É muito mais uma possibilidade inerente ao homem, enquanto parte de sua própria constituição, do que posse exclusiva de alguns grupos que, por este fato, se localizariam de forma diferenciada no tecido social: violência como mais uma das potencialidades presentes nas ações humanas.

A violência inegavelmente existe e é condenável, e está presente em quase todos os grupos sociais, não sendo exclusiva das práticas torcedoras, no entanto o ato de torcer envolve outras manifestações que envolvem uma parcela maior de torcedores do que aqueles que estão envolvidos em violência.

Para se fazer uma análise de cunho antropológico sobre determinado fenômeno é necessário conhecer aspectos históricos do mesmo, com o intuito de projetá-los no espaço-tempo das sociedades em que se dão e poder compreender um pouco mais da contraditória lógica do comportamento deste fenômeno. Assim, apresenta-se aqui uma breve trajetória do torcedor de futebol brasileiro, a partir da qual se pode notar como as transformações da sociedade se refletiram também nos modos de se torcer por um time.

A história do torcedor brasileiro é bastante longa. Segundo Rodrigues Filho (1964), ela se iniciou em 1900 na implementação do esporte no país. Nesta época o esporte não tinha muita popularidade, mas foi crescendo ao longo dos anos. A história que o autor narra refere-se, principalmente, ao futebol do Estado do Rio de Janeiro.

Os torcedores masculinos e femininos iam aos jogos muito bem vestidos: eles de paletó e elas com os trajes sociais da época. O autor citado ressalta que alguns torcedores traziam uma fitinha com as cores do clube amarrada na lapela do chapéu de palha. O futebol brasileiro era marcado pelo ferrenho elitismo: era um esporte para ricos, jogado e visto apenas pelas classes altas e as mulheres estavam sempre presentes aos jogos e eram numerosas e exaltadas.

Pimenta (1997) afirma que a torcida é, naquele momento, um lugar de encontro das elites vinculadas aos clubes sociais/esportivos e, além disso, um espaço de exibição e de distinção social: vestindo finas roupas – à moda da época – os torcedores e torcedoras desfilavam e transformavam em espaço de socialização das elites, um local destinado, em princípio, simplesmente para a expectativa de um evento esportivo.

Por volta de 1910, o jogador e o torcedor eram mais “civilizados”. Eram, na sua grande maioria, os ingleses que imigravam para o Brasil e seus descendentes, os quais passavam parte da vida estudando na Inglaterra e voltavam ao Brasil. Os brasileiros que tinham condições financeiras para praticar um esporte dedicavam-se ao remo, o mais popular da época. Até a maneira de comemorar a vitória em um jogo não era tão brasileira, pois os vencedores se confraternizavam com os perdedores em um jantar comemorativo. Mas logo o brasileiro criaria a sua maneira de comemorar a vitória do seu time.

Do jantar nivelador de confraternização, surgiu do brasileiro algo bem único, o gozo:

Uma espécie de trote de carnaval. Como o trote de carnaval entre conhecidos, era preciso ter intimidade para gozar de alguém. Às vezes, os moleques ficavam esperando o time que perdia, lá fora, para gritar “está de cabeça inchada” e sair correndo. Para amarrar latas velhas atrás dos automóveis de capota arriada, alugados para trazer e levar jogadores. Os jogadores vinham, tomavam os carros, quando os carros partiam, o barulho das latas velhas era uma espécie de gargalhada. A gargalhada dos moleques. Contra o gozo dos moleques havia o recurso de sair atrás deles, de pular do carro. Não havia recurso algum contra o gozo dos colegas, dos conhecidos, dos companheiros. Muita gente deixava de ir ao estudo, ao trabalho, trancando-se, ficando doente de repente, a cabeça inchada (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 47).

Outra maneira de gozo, segundo autor, era o “enterro” de um jogador proeminente do clube derrotado. Montava-se o caixão, colocava-se nele o nome do jogador e era feita a “procissão”.

Damo (1998) afirma que se pode fazer uma divisão da história do futebol em quatro grandes fases e que esta divisão tem pontos coincidentes com a trajetória histórica dos modos de torcer no Brasil.

Segundo o autor na primeira fase entre 1894 e 1904, o futebol se manteve restrito aos clubes urbanos pertencentes a estrangeiros e à elite local; a segunda, entre 1905 e 1933, foi a fase amadora, marcada por grandes passos de divulgação e pressão crescente para melhorar o nível do jogo através de subsídios para os jogadores; a terceira, de 1933 a 1950, período inicial do profissionalismo; e a quarta, de 1950 até hoje, marcada pelo reconhecimento internacional, comercialização sofisticada e maturidade” do futebol como recurso nacional incontestável.

Concordando com essas divisões acima relatadas, Sobrinho (2005) afirma que na primeira fase, que poderia também ser denominada de fase de **implantação**, o futebol era um esporte elitizado, praticado entre cavalheiros ligados a uma mesma classe social. Mesmo com as discriminações contra jogadores que não pertencessem ao mesmo círculo social da maioria dos integrantes dos clubes, as rivalidades se resumiam aos períodos de duração das partidas peijas após as quais, geralmente, ocorriam confraternizações entre os atletas. A julgar pelos relatos históricos, os torcedores também se comportava dessa maneira.

Ainda segundo o autor, na segunda fase, a da **afirmação**, quando começam a surgir times representantes de outras classes sociais, bem como dissidências de outras agremiações, é que aparecem as primeiras rivalidades.

Em São Paulo, em 1910, surge o Sport Club Corinthians Paulista, que se firma desde o início como o “time do proletariado e do sub-proletariado urbano (inclusive uma grande maioria de negros)” (DAMO, 1998, p. 44). Rapidamente, o Corinthians conquista grande número de torcedores, ansiosos por ver seus representantes derrotarem o estrangeiro e o rico arrogante.

Em 1914, surge o Clube de Futebol Palestra Itália, atual Sociedade Esportiva Palmeiras, que, como representante da colônia italiana na capital paulista, se torna o time de maior torcida na época. Não demorou mais que um ano para que as duas equipes se tornassem rivais em campo e fora dele, dando origem a um dos mais conhecidos antagonismos do futebol brasileiro, explicado por Anatol Rosenfeld “como uma oposição entre o elemento local, nativo, e o elemento estrangeiro em ascensão que disputam entre si um mercado de trabalho ainda reduzido” (DAMO, 1998, p. 44).

No Rio de Janeiro, apesar de o Bangu ter surgido ainda na *fase de implantação* como representante do operariado e do subúrbio e ser antagonista de todos os times formados na elite carioca, a primeira grande rivalidade surgiu em virtude de um “racha” acontecido no Fluminense em 1911, quando vários jogadores do clube se desentenderam com a direção e bateram na porta do Flamengo, clube que até então se dedicava exclusivamente ao remo.

Apesar disso, até o advento da profissionalização, os torcedores do Fluminense e Flamengo pertenciam a uma mesma classe social em sua maioria. Apenas a partir da década de 1930 é que as torcidas desses times começaram a se diferenciar e uma tornou-se representante da “elite entre a elite” (Fluminense) e a outra, do povão (Flamengo).

A partir da década de 1920, com a crescente popularização do futebol e a profissionalização oficializada em 1933, o Brasil já tinha as principais rivalidades entre torcedores, que perduram até hoje.

Outras rivalidades famosas pelo Brasil são: entre Cruzeiro e Atlético, em Belo Horizonte; Grêmio e Internacional, em Porto Alegre; Ponte Preta e Guarani, em Campinas; Bahia e Vitória, em Salvador; Remo e Paysandu, em Belém; Náutico, Santa Cruz e Sport, em Recife; Goiás e Vila Nova, em Goiás.

No Amazonas, Zamith (2008) afirma que as práticas torcedoras barés tiveram como palco inicial o Parque amazonense localizado no bairro Nossa Senhora das Graças, antigo Beco do Macedo, na Zona Centro-Sul. Segundo o autor, o Parque Amazonense surgiu em 1906, no governo do então coronel Antônio Constantino Nery e do prefeito de Manaus, o coronel Adolpho Guilherme de M. Lisboa, que através da Lei

da Intendência autorizou que aquela terra, no antigo bairro Mocó, fosse concedida a um cidadão e que ali se construísse um hipódromo.

Em 1912, o hipódromo foi fechado e, em 1918, através de uma doação de um Dispensário Maçônico, foi construído um estádio de futebol, que passou a receber jogos do Campeonato Amazonense. O primeiro clássico no Parque foi entre Rio Negro e Nacional, no dia 13 de julho de 1918, com o placar de 1 a 1.

Em Manaus, durante muito tempo o Rio Negro e o Nacional foram os protagonistas da maior rivalidade futebolística da cidade.

O Atlético Rio Negro Clube foi fundado em 13 de novembro de 1913 tem como principal apelido a alcunha de "Barriga Preta", em alusão ao seu uniforme principal, que tem a camisa branca com uma faixa horizontal preta. Tendo como seu mascote um galo o Rio Negro é o clube com ata de fundação, mais antigo em atividade do estado, sendo reconhecido como uma das principais forças históricas do futebol amazonense e também um dos mais tradicionais da região norte. Seu fundador foi o jovem Schinda Uchôa teve a ideia e insistiu com os companheiros para que criassem um clube. O nome do clube no início tinha a grafia "Athletic Rio Negro Club" o que remetia a muitos clubes de origem inglesa na cidade, depois a grafia foi aportuguesada para "Atlético Rio Negro Clube". O nome do clube é uma homenagem clara ao rio do qual Manaus está situada a margem esquerda: o Rio Negro. O que torna o Rio Negro um dos poucos clubes profissionais, senão o único que tem em seu nome uma homenagem a algo que de fato é regional. O que o torna de longe o clube mais ligado a imagem da cidade (ZAMITH, 2008).

O Nacional Futebol Clube Foi fundado em 13 de janeiro de 1913. O clube nasceu de uma cisão de outra agremiação da época o Manaus Sporting Club. A cisão fora motivada por desentendimento entre o presidente do Manaus Sporting, Dr. Edgard de Melo Freitas e o capitão da equipe Manuel Fernandes da Silva, quando em reunião da diretoria discutia-se determinado artigo do Estatuto do Clube. A oposição encontrou apoio entre muitos de seus companheiros de equipe, da qual faziam parte, entre outros, o Sr. José Marçal dos Anjos, de tradicional família Manauara, que em solidariedade o acompanharam na saída do Manaus Sporting. Assim em uma casa familiar na Rua 7 de Setembro, centro antigo de Manaus, nascia o "Eleven" Nacional, com um grupo de jogadores totalmente de origem brasileira. O que motivou o nome "Nacional", apesar da palavra estrangeira "Eleven" que em português significa "Onze", foi a totalidade de jogadores brasileiros que jogavam no clube, numa época em que o futebol em Manaus

era quase que exclusividade dos ingleses que já haviam fundado clubes como Manaus Athletic Club. Ou seja, o nome "Eleven Nacional" era um homônimo ao time de onze jogadores de origem brasileira (ZAMITH, 2008).

A rivalidade entre Rio Negro e Nacional era forte: quem tivesse a ousadia de passar diante da torcida rival levava um "banho de urina" ou uma "pedrada de laranja", ou qualquer coisa do tipo como escorões, bandeiradas e ameaças.

Mas, em todo o histórico desse clássico não houve um registro de agressões mais fortes ou de brigas generalizadas. O caso mais sério foi a de uma decisão onde os torcedores nacionalinos invadiram o campo, tomaram e quebraram a taça que estava nas mãos do elenco e dos dirigentes rionegrinos e a polícia precisou intervir para evitar confrontos e brigas de proporções maiores (ZAMITH, 2008)

O futebol amazonense ainda possui outros clássicos como o Pai-Filho, protagonizado pelo Fast e pelo Nacional, onde o filho (Fast Clube) enfrenta o pai (Nacional). O clássico recebe esta denominação pelo Fast ter sido fundado por dissidentes do Nacional. Este clássico ganhou grande atenção após o afastamento do Rio Negro na década de 70. O Galo Preto, disputado pelos vizinhos São Raimundo e Sul América. Segundo Zamith (2008) essa disputa leva esse nome pelos famosos rituais de macumba que eram feitos antes dos confrontos.

A partir da década de 80 com o início da participação dos times do interior do Estado no campeonato amazonense de futebol outras rivalidades surgiram. O Penarol de Itacoatiara e o Princesa do Solimões de Manacapuru rivalizaram-se entre si e contra os times da capital.

Sobrinho (2005) afirma que a maioria dessas rivalidades, inclusive a de nosso Estado se ancora em motivos históricos, pois o torcedor não só se sente representado pelos jogadores e pelas cores do clube, mas também se sente como uma parte do time, já que fala dele sempre na primeira pessoa (meu time ganhou, nós somos os melhores, etc.). O autor ressalta que o clube passa a carregar então todas as marcas culturais do grupo que representa. Por isso, alguns adversários incorporam o "inimigo" a ser odiado. Pode-se supor que uma das possíveis causas dessa rivalidade são as representações sociais e culturais formadas pelos torcedores sobre seus times.

Corroborando com essa ideia Reis (2006) afirma que os clubes de futebol apresentam não só os atributos da disputa esportiva, mas expressam também as expectativas da população em termos das dinâmicas sociais vividas: desigualdades, injustiças, rivalidades solidariedade e outros.

A partir de 1950 os modos de torcer passaram por outra modificação, inicialmente sob a influência da Copa do Mundo daquele ano e da expansão dos centros urbanos.

Com uma grande colaboração dos meios de comunicação de massa, especialmente da televisão, os clubes de futebol viram o número de torcedores se multiplicar, bem como as suas respectivas torcidas. Surgiram as torcidas uniformizadas em moldes muito diferentes de como são conhecidas as torcidas organizadas de hoje, surgidas na década de 1960.

Há registros de grupos de torcedores que iam uniformizados ao estádio desde a década de 1940. Segundo Pimenta (1997), não há uma cronologia exata do fenômeno, mas ele indica a *Charanga do Flamengo* como o primeiro grupo de torcedores organizados do Brasil, surgido em 1942. No entanto, Gianoli (1996) aponta o *Grêmio Sãopaulino* (mais tarde, TUSP – Torcida Uniformizada do São Paulo), fundado em 1939, como a primeira “uniformizada” do país. O autor, porém, lembra que nesse grupo paulista “não havia uma estrutura organizativa e o vínculo se dava com o clube” (PIMENTA, 1997, p.65).

Segundo Pimenta (1997) esses agrupamentos surgidos a partir da década de 40, apesar de poderem ser considerados precursores, não têm muito em comum com o que se conhece hoje por torcidas organizadas. O autor ressalta que mesmo utilizando bandeiras, faixas, camisetas dos clubes, banda musical, essas torcidas não tinham e nem pensavam em formar uma estrutura burocrática.

O fenômeno das torcidas organizadas continuaria a se delinear no Rio de Janeiro, com a criação da *Torcida Organizada do Vasco*, em 1944 (esta, ainda em atividade). Diferentemente do que acontece hoje, os três agrupamentos de torcedores citados possuíam como principal característica atitudes festivas e pacíficas. Inclusive, a *Charanga* condenava qualquer tipo de violência nas arquibancadas e evitava usar palavrões. Essa situação, entretanto, começou a mudar a partir dos anos de 1960, quando surge a Torcida Jovem do Flamengo, dissidente da romântica *Charanga* e que passa a ter na violência sua marca registrada (PIMENTA, 1997).

Em São Paulo, nasce a Gaviões da Fiel, do Corinthians, que por força de possuir uma estrutura burocrática, ser regida por regras estatutárias, com presidente, conselheiros e diretores escolhidos através de eleições periódicas, é por muitos considerada como a primeira torcida organizada do país. Não por ser a mais antiga, mas

por seu modo de organização, que se tornou modelo para as demais torcidas. (SOBRINHO, 2005)

Oliveira (2000) vê na trajetória da torcidas organizadas modificações que acompanharam as transformações históricas e sociais: “Elas fazem parte de um conjunto de relações mais amplas e que, de certa forma, respondem às mudanças pelas quais passaram tanto o futebol quanto a própria sociedade” (OLIVEIRA, 2000, p.44).

Assim, na década de 1950, os grupos de torcedores organizados e uniformizados tinham como objetivo apenas torcer pelo time.

Os torcedores-símbolos, como eram chamados, representavam toda a torcida do time e tinham prestígio na imprensa. Ao contrário de hoje, estes grupos não viam inimigos do outro lado da arquibancada, mas apenas adversários que deveriam ser superados na festa das bandeiras e na animação da partida (Oliveira, 2000, p.44)

As torcidas organizadas surgem então como a representação do torcedor no cenário político do futebol, ou seja, na administração do clube. Para Pimenta (1997), o que distingue uma “organizada” das demais formas de torcer é o fato de as primeiras possuírem uma estrutura burocrática à qual o torcedor se associa através do pagamento de mensalidades e se “enquadra” a um regulamento e maneiras de procedimento dentro e fora dos estádios, estabelecidos pela organização. Para Oliveira (2000), as organizadas, ao imporem limites, hierarquias, vestirem-se de modo diferenciado, criarem padrões estéticos de como torcer, influenciar gostos e comportamentos de seus associados, se distinguem definitivamente das demais formas de torcer.

A grande diferenciação das “novas” organizadas para as antigas “uniformizadas” ou torcedores-símbolo é a desvinculação e independência das primeiras em relação ao clube. A maior parte das torcidas nasce a partir de situações conflituosas. Há uma espécie de rede de solidariedade, há um sentido de união entre os torcedores que se agrupam sob um nome e uma causa. Essa colaboração faz com que o indivíduo se sinta entre os seus. Para muitos, a organizada funciona como uma família; os demais associados, para ele, são seus irmãos, com os quais podem contar sempre.

Portanto, há embutido no fenômeno das *organizadas*, processos de identificação em duas mãos. De um lado, se dão através da diferenciação, quando os torcedores adotam uma agremiação e se distinguem dos demais. De outro, se dá pela *afinidade* entre os associados, que se juntam para serem iguais entre eles.

Pertencer a uma torcida significa muito mais que ter simpatia por um time. Implica em compromissos como pagamento de mensalidades, a presença no estádio, conhecer as músicas, ensaiar coreografias e, em alguns casos, protagonizar muita confusão.

As torcidas organizadas possuem uma história própria, que está intrinsecamente ligada à história do futebol no Brasil e também à história do processo de urbanização e do crescimento econômico das grandes cidades. Sua história é, essencialmente, um reflexo da história econômica, política e social do Brasil das últimas quatro décadas e também do desenvolvimento do próprio esporte ao qual está vinculada.

Essas torcidas de futebol são, portanto, apenas um entre uma grande diversidade de outros grupos localizados em pontos estratégicos da trama social, que se oferecem ao sujeito na qualidade de um núcleo de identificações possíveis. No entanto, como caracterizado anteriormente, um grupo composto de valores e ideais de sociabilidade bastante específicos, mas nada distante dos valores e ideais da sociedade mais ampla.

1.3 Tipologia torcedora e o clubismo

Uma vez que os sujeitos dessa pesquisa estão distribuídos em torcedores organizados e torcedores comuns, faz-se necessário um esclarecimento mais detalhado sobre essas e outras tipologias relacionadas às práticas torcedoras.

Tendo como referência o futebol argentino das décadas de 1950 e 1960, Panzeri (1967) afirma que os modos de torcer se dividem entre os que veem e os que sentem, ou entre os que “vão ver jogar” e aqueles que “vão ver ganhar”.

Os primeiros apenas apreciam (ou não) o espetáculo e, provavelmente, nutrem alguma simpatia, ainda que momentânea, por uma das equipes. Para o autor este tipo de espectador não classificaria a si mesmo como um “torcedor de futebol”, diria ser apenas simpatizante e, tão logo o espetáculo termine, é capaz de esquecer a vitória ou a derrota que acabou de presenciar.

Qualquer análise que este tipo de torcedor fizesse a respeito do futebol se resumiria a ter apreciado ou não o espetáculo oferecido, o que não o impediria de ter aplaudido ou desaprovado com alguma intensidade detalhes do jogo.

Para Turtelli (2002) existem três categorias de torcedores:

Na primeira categoria estão “os que vão ver jogar”: espectadores “que gostam de futebol e que vão aos estádios para assistir a uma partida que, de antemão, promete

ser um bom espetáculo”, ou seja, não costumam se envolver emocionalmente com o time além do contexto dos jogos enquanto eles se desenrolam e, tão logo ele acabe o sujeito passa a ter outras preocupações e o futebol pouco ou nada influencia no seu cotidiano. O autor ressalta que o futebol, para eles, é visto como um passatempo, uma atividade de lazer. Ainda que possam sentir alguma tristeza ou euforia quanto ao resultado das partidas, são sentimentos passageiros.

Na segunda categoria também apontada por Panzeri (1967), se encontram os que vão ao estádio “ver ganhar”. O time para o qual torcem pode jogar muito mal, porém, se ganhar, já basta. A eles não importa a qualidade do espetáculo, mas sim o resultado. E se o resultado for o contrário do que esperam, sofrerão, poderão ficar muitos dias amargurados em consequência da derrota. Na verdade, em suas mentes, não é a equipe que perdeu, mas eles mesmos. O autor os classifica como “doentes” ou “fanáticos” uma vez que sofrem verdadeiramente.

O futebol perderia grande parte de sua motivação e popularidade se não tivesse o suporte desses “doentes”, pois são eles que, ao levarem para o campo de disputa suas incontroladas paixões, angústias e alegrias, atuam sobre o ânimo dos jogadores.

Segundo Sobrinho (2005), no contexto da sociedade brasileira contemporânea, os “fanáticos” podem ser divididos em dois tipos: os comuns e os organizados. Ambos têm como motivação a paixão ou o amor pelo clube. Porém, tais sentimentos se tornam apenas um pano de fundo para diferentes modos de expressão e comportamentos.

Com uma tipologia parecida, Reis (1998) afirma que existem dois tipos de torcedores: os organizados e os independentes. Esses últimos são aqueles que demonstram predileção por um determinado clube sem se importar se vão ou não vão aos estádios acompanhar os jogos, se cantam, xingam ou apenas assistem e, ainda, demonstram suas tendências clubísticas vestindo a camisa de seus times, sem depender de uma organização estrutural para isso.

Para Turtelli (2002) os “fanáticos” comuns são aqueles que se autoproclamam torcedores de um time, envolvem-se de um modo mais aprofundado com o futebol do que os “que vão ver jogar”. O autor ressalta que, geralmente, são bastante interessados pelo que acontece no campo e acompanham os fatos relativos à vida do clube também fora dos gramados. Muitos podem ser até sócios, porém, não se envolvem diretamente nas questões administrativas da agremiação. Também não costumam assistir a todos os jogos no estádio e, raramente, acompanham os times quando estes atuam em localidades distantes. Os sentimentos desses torcedores estão vinculados exclusivamente ao clube.

Reis (1998) afirma que outra diferença do torcedor *comum* em relação ao *organizado* é que ele pode torcer só ou acompanhado, isso não faz diferença, o importante é ver seu time jogar. Já o fanático que se associa a um grupo específico só vê sentido em ir ao estádio junto com os demais componentes da torcida. Para ele, pode ser mais ou tão importante estar ao lado dos seus do que presenciar a partida em si.

Para o torcedor fanático, seja ele comum ou organizado, o futebol ocupa um espaço de grande relevância em sua vida. E por causa do futebol é capaz de deixar de lado outros compromissos sociais, podendo inclusive agir de forma violenta pelas cores de seu clube. Enfim, tem o comportamento determinado em função do futebol. A vitória ou a derrota de sua equipe é que determinará seu humor.

Machado (1997), com uma abordagem diferenciada das apresentadas até aqui, propõe a divisão do torcedor em três categorias que ele chama de consumidores afetivos do futebol: consumidores primários, que são aqueles que ficam profundamente envolvidos com o futebol e assistem aos jogos de suas equipes de preferência diretamente nos estádios; consumidores secundários, que assistem aos jogos de futebol pela televisão ou ouvem no rádio, mas não frequentam pessoalmente os estádios onde estão sendo realizadas as partidas; consumidor terciário, pessoas que, de vez em quando, interessam-se pelos jogos de futebol não como espectadores mas através dos meios de comunicação. São indivíduos que abordam e discutem o tema futebol como fariam sobre qualquer outro assunto ocasionalmente abordado.

Além das tipologias de torcedores apresentadas, é possível ainda assinalar outras categorias de torcedores: o eventual, que só aparece quando seu time disputa o título de alguma competição ou que torce pela seleção do país durante a Copa do Mundo; o torcedor do contra, que não tem um time de preferência, mas sim um que odeia e nem sempre o alvo de tal aversão é o clube, mas seus torcedores.

As tipologias são relatadas de acordo com os diferentes autores que as classificam conforme o comportamento dos grupos sociais onde estão inseridos respectivamente

A experiência vivenciada numa partida de futebol para o torcedor é algo, que muitas vezes, é de difícil compreensão, diferindo emocionalmente de qualquer situação da vida cotidiana. Essa experiência está relacionada com o nível de excitação apresentado pelos torcedores no momento de uma partida de futebol de seu time de preferência.

Tendo como referência um estudo de Holanda (2009) iremos apresentar as designações utilizadas em vários países para os torcedores de futebol, inclusive no

Brasil. Vale ressaltar que estas designações estão sempre relacionadas à forma como são vividas as práticas torcedoras e os estados emocionais dos mesmos, que apresentam singularidades e sutilezas muito específicas, integrando-se, por vezes, ao estoque e ao repertório de “lendas locais”.

Segundo Holanda (2009) no final do século XIX, a Inglaterra consagraria dois termos específicos para fazer menção ao espectador de futebol: fan, abreviação de fanatic, palavra de raiz religiosa ligada, por um lado, à idéia de devoção e doação e, por outro, à de exaltação e idolatria; e *supporter*, derivação de *to support*, verbo que implica defender, apoiar, incentivar.

Na Itália, a palavra originária vem da medicina, tifosi ou tifoso que designa aquele que está acometido por uma febre (tifo). O termo remete à imagem do estado febril de quem é contagiado por uma enfermidade incontrolável ou de quem vê alterada a normalidade de sua conduta em virtude da elevação térmica do corpo, decorrente da excitação e do transtorno emocional a que está sujeito um indivíduo no ápice de uma partida de futebol.

Nos países de língua hispânica, segundo Conde (2005), em especial Espanha, Argentina e Uruguai, utilizariam a partir dos anos de 1950 o vocativo *hincha* para designar o adepto do futebol, em substituição a palavras até então correntes como aficionados, fanáticos e simpatizantes.

A tradução correspondia ao verbo inchar, que suscita a idéia de uma transformação similar a uma bola de futebol quando inflada por uma bomba de gás. Por analogia, o termo foi pensado como uma compressão corporal associada à oscilação dos estados de ânimo daquele que assiste ao jogo, ora a retrair-se com a condição adversa de uma derrota, ora a insuflar-se com a condição favorável de uma vitória.

Holanda (2009) ressalta que a invenção da palavra torcedor em língua portuguesa também está relacionada às sensações vividas no futebol.

Em Portugal, segundo o autor, seria empregada a palavra adepto, “aquele que se ajoelha em respeito quase religioso por seu time.

O tom anedótico de suas origens no Brasil era atribuído à autoria do beletrista Coelho Neto. Esse escritor notabilizou-se, nas primeiras décadas do século XX, no Rio de Janeiro, por seu pendor entusiástico pelo Fluminense Football Club, do qual foi diretor e pelo qual chegava a entrar em campo para reclamar do juiz, interpelando-o com bengala em riste, quando via seu clube lesado.

A palavra torcedor, oriunda do verbo torcer, era consignada pelos cronistas com base em uma observação pitoresca feita nos dias de jogo: em meio aos lances de indefinição e expectativa anteriores ao arremate de um gol, lenços eram torcidos e contorcidos na arquibancada por parte do público feminino presente que, conhecido pela contenção e pela moderação verbal, contrastantes com os gritos, os berros e os impropérios mais permissivos ao público masculino, exprimia de maneira sutil seu sofrimento com as tensões emanadas da partida.

Segundo Rodrigues Filho (2003) no futebol no Rio de Janeiro da década de 1910, os jogadores distraíam-se cercados de moças, cada uma querendo namorar um deles. No dia seguinte, elas estariam na arquibancada, mordendo lencinhos de renda, soltando gritinhos, torcendo pela vitória do Flamengo.

O autor ressalta que os lenços antecederam também à introdução das bandeiras como mecanismos de sinalização e de saudação dos torcedores aos jogadores em campo.

Para se compreender a paixão do torcedor por seu time de preferência é necessário entender quais representações trazem consigo tal ato e o que representa para o torcedor seu clube de preferência. Esta preferência iremos chamar de Clubismo ou pertencimento clubista.

O termo “Pertencimento clubístico”, segundo Damo (2007) foi um neologismo criado para explicar a identidade própria do futebol de espetáculo, aplicável também a outras modalidades esportivas, tais como *rugby* e o basquete.

O autor afirma que o amor aos clubes é a mola propulsora dos esportes coletivos, especialmente do futebol. Ainda que tenhamos torcedores não-praticantes, é raro encontrar praticantes que não tenham seu clube do coração.

Diferentemente dos simpatizantes, os torcedores seguem um clube durante toda a sua vida, estendem as emoções vividas no espaço-tempo do jogo para além deles, e por vezes assumem atitudes consideradas irracionais.

Ainda que a fase não esteja boa ou que a equipe caia de rendimento, o torcedor não muda de time. Sofre com ele, acreditando em dias de sucesso, tornando-se ainda mais fanático. No Brasil, essa fidelidade vem desde o dia do nascimento, quando o garoto recebe um nome, uma religião e um time de futebol para o qual vai torcer a vida toda. Fidelidade que muitas vezes está expressa na porta do quarto da maternidade, quando os pais penduram um par de chuteiras e um uniforme em miniatura, representando o time de futebol da família.

Ao longo da infância, há um contínuo processo de inculcação de valores e hábitos positivos sobre o time da família e negativos em relação às equipes adversárias. Assim se aprende no nosso país a torcer por uma determinada equipe de futebol, diferentemente das equipes de voleibol ou basquetebol que, como representantes de empresas, mudam de nome a cada temporada.

Franco Júnior (2007) afirma que devemos considerar o futebol como um fenômeno à parte dos outros esportes, sobretudo no que se refere à sua capacidade de produzir um universo simbólico próprio, uma dinâmica de relações e significações peculiares.

Damo (2007) ressalta que como a escolha do clube do coração não é feita ao sabor das contingências, uma vez realizada não pode ser alterada facilmente, cabendo ao torcedor arcar com o ônus da sua opção. Trocar de clube, "virar a casaca", é uma falta gravíssima, podendo gerar suspeitas sobre a hombridade do sujeito.

Franco Junior (2007) afirma que o clubismo no futebol preserva aquilo que o torna um fenômeno sociocultural tão fascinante e presente na vida cotidiana das pessoas: sua dimensão afetiva. O autor ressalta que a identidade torcedora do futebol profissional não é abalada pela lógica econômica, uma vez que apesar de o torcedor passar a consumir mais produtos de seu clube (camisas, ingressos, programas televisivos, páginas na internet), sua fidelidade, seu sentimento de pertença e a sua paixão não podem ser vendidos nem comprados.

O sentimento de pertença é um dos ingredientes principais da espetacularidade futebolística, tal como o sentimento de pertencer a uma coletividade que o transcende, como é próprio da esfera religiosa (DURKHEIM, 1996).

Para Franco Júnior (2007) as sociedades ocidentais – devido ao tecnicismo, à individualização e à abstração dos grupos (Estados nacionais, megalópoles, multinacionais) – promoveram um sentimento de isolamento entre as pessoas, que somente pode ser afastado por novos agrupamentos, pelo “estar junto afetivo”.

O futebol possibilita esta reaproximação das pessoas, formando comunidades nas quais elas se auto-representam e se sentem parte verdadeiramente de um grupo através de emoções compartilhadas. O futebol contribui para a preservação de uma lógica de agrupamento arcaica, que foi solapada pela modernidade – acompanhada pela industrialização, pela democracia e pelo conceito de cidadania.

Costa (1999) afirma também que o futebol cria um sentimento de proximidade e conhecimento não apenas entre as pessoas de um dado país que torcem pelo seu time,

como entre outros torcedores de localidades espalhadas pelo planeta. E essas são, em conjunto com a imprevisibilidade de uma partida, algumas das razões que fazem com que o futebol atraia multidões de seguidores em quase todo o planeta.

Segundo Franco Júnior (2007), os clubes de futebol simbolizam um pertencimento social com características específicas, demandando dos torcedores uma lealdade por toda a vida (Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer...). Muitas vezes, os locutores esportivos se referem à torcida de um clube como “nação” (“nação colorada”, “nação rubro-negra”, etc., de acordo com as cores do clube), ressaltando este sentido de “comunidade reunida” em torno do pertencimento afetivo a um grupo, a um sentimento coletivo compartilhado pelo “time do coração”. Cabe destacar que apenas uma ínfima parte dos torcedores de um “time” tem um vínculo formal com o “clube na qualidade de sócio”. A preferência por um time é muito mais uma questão afetiva (frequentemente mediada na infância por relações familiares) do que uma relação institucional entre um clube e seus sócios.

Damo (2007) ressalta que a passagem de indivíduo a torcedor no espectro do clubismo representa uma modalidade de conversão: “(...) antes de ser uma escolha, a adesão a um clube é um constrangimento.” (DAMO, 2007, p. 56)

Para o autor, um clube deve ser compreendido como tendo duas faces distintas, imbrincadas uma na outra: uma dimensão político-administrativa e uma dimensão simbólica.

O torcedor segue clubes locais, mas se nenhum deles participa da elite do futebol, o torcedor escolhe um clube de outra praça. Parece ser essa a situação do torcedor manauense.

Para Geertz (1989) O importante, porém, é fazer uma escolha, visto que é necessário engajar-se para sentir em plenitude as emoções clubísticas, assim como quem não tem galo em Bali pode apostar nos galos dos outros.

Damo (2007) ressalta que o "pertencimento" clubístico é uma máscara social, uma das tantas existentes nas sociedades complexas. A partir dela se tem acesso a um universo no qual a brincadeira e a jocosidade são essenciais, pois é por intermédio delas que se expressam sentimentos e pontos de vista, não raro preconceituosos, que dificilmente seriam ditos de outro modo e em outro lugar. Toledo (1996) confirma essa idéia de que a máscara clubística, quando vivenciada coletivamente em espaços públicos, estabelece o anonimato individual. Assim, pode-se xingar a polícia, os torcedores adversários e os atletas e dirigentes do próprio clube.

O futebol é um esporte de grande popularidade mundial de processo histórico recheado de diversidades culturais, étnicas e de lutas de classes. Esse caminho apresentado no presente capítulo, não foi um processo paralelo que ocorreu distante da totalidade dos grupos sociais que compõe a sociedade, mas ocorreu de forma simultânea aos muitos outros processos históricos. O crescimento das cidades forçou a convivência de diversos grupos sociais que passaram a lutar por espaços físicos e simbólicos num dinamismo onde diversos grupos influenciavam a prática do futebol e eram influenciados por ela.

Os times de futebol foram sendo criados em torno de grupos sociais e passaram a representá-los. Ao incorporar simbolicamente valores culturais, os times de futebol começaram a conquistar simpatizantes que se identificam com estes significados agregados em torno do fenômeno: os torcedores.

A história das torcidas apresentadas também neste capítulo evidencia sua função no universo de relações do futebol. Elas surgem com a simplicidade característica de um agrupamento ocasional e volátil de pessoas que estavam reunidas num campo de futebol apreciando e torcendo por um dos times vencerem a disputa. Aos poucos outros objetivos vão surgindo com o tempo e a própria torcida começa a adquirir ares de organização, cada vez mais complexa, até se configurar como um grupo sólido em que ela mesma passa a ser o objetivo dos seus membros. É o caso das torcidas organizadas.

Concluimos este capítulo, citando Toledo (2000) que afirma que quando dois times de futebol entram em campo, não são apenas alguns jogadores que lutarão desesperadamente durante alguns minutos para tentar passar, o maior número de vezes possível, uma bola por dentro de um de dois retângulos colocados em extremidades opostas do campo. Quem entra em campo são as cores, a tradição, a história, o jeito de ser de um grupo, ou mesmo de uma classe social, representadas através da simbologia das camisas envergadas pelos atletas. Para os torcedores, quem ganha ou perde não são os jogadores (*eles*), mas eles mesmos torcedores (*nós*). E isso vale para os torcedores comuns e os organizados aqui em Manaus ou em qualquer parte do planeta onde se assista a um jogo de futebol.

CAPÍTULO II- ESPORTE, CULTURA E CATARSE: olhares diversos sobre o futebol

“Muita gente me pergunta: mas o que você vai fazer no futebol? Divertir-me, digo a alguns. Viver, digo a outros. E sofrer, diriam meus correligionários flamengos. Na verdade uma partida de futebol é mais alguma coisa que bater uma bola, que uma disputa de pontapés.” (José Lins do Rego)

2.1 O futebol e seus significados

Era o ano de 1958. Brasil ia jogar contra a Rússia. Em sua preleção aos jogadores, Feola, então técnico da seleção brasileira, combinava a estratégia do jogo. Dizia ele: - *No meio do campo, Nilson Santos, Zito e Didi trocam passes curtos para atrair a atenção dos outros... Vavá puxa a marcação da defesa deles, caindo para o lado esquerdo do campo... Depois da troca de passe no meio do campo, a bola será lançada pelo Nilton Santos nas costas do marcador de Garrincha. Garrincha, como sempre, vence tranquilamente seu marcador, e, com a bola dominada vai até a área do adversário, sempre pela direita, e ao chegar à linha de fundo, cruza a bola na marca do pênalti. Então, Mazzola vem em grande velocidade, já sabendo onde a bola será lançada e faz o gol. Simples assim!*

Entretanto, Garrincha, com seu habitual humor e ingenuidade, disparou: -*Tá legal seu “Feola”, mas o Senhor já combinou tudo isso com os russos?* Dito de outro modo: para se organizar estrategicamente uma partida de futebol deve-se levar em consideração as múltiplas possibilidades de ações do jogo e contar sempre com o lado imprevisível desse desporto.

Essa passagem pitoresca do futebol brasileiro serve como uma metáfora inicial para adensarmos as discussões acerca do futebol e suas nuances esportivas, culturais e simbólicas. Este capítulo busca compreender a paixão nacional futebolística e sua transcendência para além das linhas reais do campo.

De acordo com as regras desse desporto, uma partida de futebol tem a duração de 90 minutos no tempo regulamentar, podendo ter, em algumas situações, mais 30 minutos de prorrogação e até disputa em pênaltis. Dependendo do campeonato, pode seguir para a próxima partida. Do ponto de vista do afeto, podem durar 20 anos, ou sua ressaca durar muito mais do que o tempo real da partida.

A regra é clara, dizem. Há pouco mais de cem anos são quase as mesmas, senão as mesmas regras, na forma moderna como as conhecemos. Dois times. Onze jogadores de cada lado do campo que pode medir entre 90 e 120 metros, dividido ao meio. Em

cada uma das extremidades, traves com redes onde a bola, disputada pelas duas equipes, deverá ser conduzida até o lado do campo do time adversário para entrar naquele pequeno espaço, o gol. Pronto, explicado o jogo, desvendado o mistério. Mas entender o futebol é tão simples assim?

Para início de conversa, com base em Costa (2004) fazemos ousadamente a seguinte afirmação: O Futebol é um fato social total! E para corroborar com este imperativo categórico buscamos âncora teórica em alguns autores, dentre eles Marcel Mauss. De acordo com o autor citado, um fato social total é aquele no qual vemos em funcionamento traços ou vestígios das instâncias fundamentais da sociedade: familiar, educativa, econômica, religiosa e recreativa.

Não será difícil verificar que o futebol apresenta no seu funcionamento muitos traços e vestígios destas seis instâncias fundamentais da sociedade. Principalmente em áreas como a educação e religião encontramos muitos aspectos que demonstram as afinidades profundas que tais áreas tem com o futebol, como também entre seus torcedores.

Sendo também um produto da sociedade industrial, o futebol moderno reproduz, por seu lado, a imagem desta sociedade com seu tipo de funcionamento, não só com as suas crises e contradições mas também com os seus sonhos e esperanças. Além disso, o futebol é um fenômeno cultural global é jogado e visto em todo mundo, sendo inclusive praticado em muitas tribos indígenas, ultrapassando todo tipo de barreiras sociais, econômicas, políticas e até de gênero.

Por essas razões, o futebol nas últimas décadas tornou-se tema de interesse de diversas áreas acadêmicas, destacando a Educação Física, a Sociologia, a Antropologia e a História como áreas que se debruçam sobre o tema “futebol” como objeto de conhecimento, dada a sua amplitude e complexidade social.

De acordo com Norbert Elias e Eric Dunning (1992), o futebol apresenta uma linguagem universal, como a música e a ciência, sua popularidade pode também ser medida pelos milhões de admiradores que cultuam esta prática desportiva no planeta terra, sempre acompanhada de uma grande paixão quase uma devoção religiosa.

Podemos ousadamente, a partir desta afirmação, comparar o futebol a uma prática religiosa. Neste caso diríamos que se trata de uma “religião” de muitas religiões, já que entre os seus seguidores se encontram católicos, protestantes, ortodoxos, judeus, muçumanos, hindus e por mais antagônico que pareça, muitos ateus, o que realça a sua conotação de sistema de crenças pessoais e coletivas.

Em nosso país o gosto pelo futebol compreende boa parte da formação da nação brasileira que incorporou esse esporte como um elemento de identidade e expressão de sua cultura. Em outras palavras, esse “jogo absorvente” e profundo chamado futebol foi incorporado ao *habitus* do brasileiro. Capaz de contar histórias e pontuar a vida do brasileiro o futebol é vivido como um drama, no qual a sociedade se revela.

O futebol foi incorporado à teia de significados do povo brasileiro. Incorporou-se tão bem que, mesmo sem sermos os inventores dessa modalidade esportiva, hoje somos reconhecidos como o “país do futebol”. É exatamente este casamento entre o futebol e o homem brasileiro que nos faz pensar na importância deste esporte em nossa cultura e as muitas possibilidades despercebidas de seu desenvolvimento e influência. O futebol é um ritual para os torcedores, um bom negócio para os investidores e uma ótima alternativa de lazer para os seus torcedores.

Enfim, retomamos à pergunta feita preliminarmente. Afinal, entender o futebol e sua teia de significados para os torcedores é algo tão simples assim? Existe um *ethos* futebolístico?

Neste capítulo apresentaremos algumas abordagens teóricas sobre o futebol bem como entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa. Tentaremos ampliar a compreensão deste universo e encontrar algumas possíveis explicações para sua grande representatividade junto aos torcedores de futebol.

2.2 Interpretando o futebol na cultura e na sociedade.

Durante muito tempo prevaleceu o entendimento de que as explicações sobre as práticas corporais e manifestações esportivas estavam restritas ao domínio das ciências biológicas e particularmente da Educação Física (DAOLIO, 2004; 1997). As raízes históricas dessa delimitação epistemológica encontram-se no fato de que os primeiros profissionais de Educação Física no Brasil foram os médicos higienistas, nas primeiras décadas do século XX.

Essa visão começou a ser modificada quando a sociologia passou a realizar severas críticas ao uso do futebol como instrumento de manipulação e de alienação das massas no contexto da ditadura militar durante a década de 70.

Tratando especificamente do futebol, Daolio (1997) contrapõe-se a uma visão reducionista desse esporte, afirmando que o mesmo é uma prática social, e como tal retrata a sociedade brasileira em suas aspirações, lutas e contradições. Da Matta (1986)

propõe o entendimento do futebol como expressão da própria sociedade brasileira, dentro do que ele denomina de “espaço do esporte e do jogo”.

Em função das contribuições dos estudos antropológicos pôde-se compreender melhor as interações entre cultura, sociedade e esporte na configuração de uma totalidade, cuja compreensão mostra-se particularmente dificultada quando seus componentes são separados.

Assim se expressa um torcedor (identificado pelo número 34 dentre os sujeitos da pesquisa) quando perguntado sobre o significado do futebol na sua vida:

Na minha vida o futebol é uma manifestação social que tem um poder muito grande de agregar valores, produtos, movimentar cidades e empresários. Envolve vários segmentos e classes sociais, provocando sensações de alegria e tristezas. Para mim é importante, mas não chego a perder o sono quando meu time perde, mas sei muito bem o que o futebol representa para o meu país. (Torcedor 34, entrevista 2012)

Partindo da discussão entre o determinismo biológico da espécie humana e a existência de uma diversidade de culturas, Laraia (2004) conclui que o comportamento humano resulta de um aprendizado que ele chama de endoculturação, ou seja, os seres humanos compartilham os conhecimentos, práticas, costumes e gostos do grupo social ao qual pertencem, não sendo seu comportamento e formas de expressão cultural determinados por herança genética, traços psicológicos inatos, anatômicos ou fisiológicos.

No campo do esporte e da atividade física nos apoiamos em Daolio (2004), para quem o corpo não é apenas um conjunto de ossos e músculos, mas, sobretudo cultura. O autor compreende que o conceito de cultura é o mais importante para a Educação Física, uma vez que todas as manifestações corporais são geradas no interior das dinâmicas culturais. Por essa razão a presente pesquisa ultrapassou as fronteiras biológicas e esportivas e se aproximou de outras áreas do conhecimento como a sociologia e a antropologia.

Uma vez que a prática dos torcedores manauenses de futebol corresponde a uma manifestação expressa da cultura de determinado grupo social, torna-se relevante definirmos o conceito de cultura sobre o qual estará alicerçada a sua compreensão.

Renegando um conceito difuso e abrangente de cultura, Geertz (1989) opta por uma definição mais estrita e tangível, concordando com Max Weber quando diz que o

homem é um animal amarrado a teias de significados tecidas por ele, sendo as formas culturais essas teias.

Com base no exposto citamos o relato do torcedor 12:

Fico muito puto quando meu time perde e alguém diz, “deixa de besteira, isso é só um jogo”. Um jogo é o cacete, só vão entender o que sinto quando torcerem como eu torço pelo meu galo. De futebol só entende quem é da nossa torcida. (Torcedor 12, entrevista / 2012)

O conceito geertziano de cultura então é um conceito ligado aos significados presentes nas práticas humanas que as tornam inteligíveis para o próprio grupo social, daí o porquê de Geertz utilizar o termo semiótico para caracterizar seu conceito. Para o autor as manifestações culturais representam o “livro vivo” que contém o registro simbólico das práticas sociais vigentes em uma dada sociedade.

Nesse sentido, Mauss (2003) contribui para uma visão integradora entre corpo e cultura por meio do conceito de “fato social total”. Este conceito abarca as dimensões sociológicas, econômicas, jurídicas, religiosas, psicológicas e fisiológicas do homem na realização de uma determinada prática social.

Corroborando com essas afirmações citamos o torcedor 24:

Não sou religioso não, mas por causa do meu Galo não perdia uma novena dia de terça feira. Pedi muito pra Nossa Senhora não deixar o meu Rio Negro ser rebaixado de novo em 2013. Mas acho que ela tinha coisas mais importantes pra fazer e fomos de novo rebaixados. Caramba que tristeza eu senti, não fui nem trabalhar na segunda-feira seguinte. (Torcedor 24, entrevista / 2013)

Bourdieu (2003) afirma que os diferentes grupos sociais unem-se em torno de um interesse comum, uma força externa, no presente caso a cultura esportiva no âmbito das torcidas dos clubes de futebol, com o interesse de impor uma visão do mundo social.

O espaço social é uma realidade invisível que não podemos mostrar nem tocar e que organiza as práticas e as representações dos agentes ou grupos, os quais são distribuídos no espaço conforme sua posição social caracterizada de acordo com dois princípios de diferenciação: o capital econômico e o capital cultural, que juntos formam o capital global. As diferenças percebidas pelos torcedores de futebol em relação aos times de sua preferência estariam, dessa forma, associadas a posições diferentes, a

hierarquias diferentes, transformando-se numa verdadeira linguagem de sistemas simbólicos constituída de signos distintivos.

Ainda segundo Bourdieu (1989), o espaço social e o espaço simbólico devem ser identificados de modo a definir os princípios fundamentais de diferenciação cultural e econômica, e, sobretudo os princípios de distinção (*habitus*). O conceito de *habitus* compreende o conjunto das práticas e costumes relacionados aos valores estéticos, fisiológicos e intelectuais de uma sociedade.

Para o autor, representa um *modus operandi*, ou seja, uma metodologia de atuação social condicionada a conhecimentos e ao capital cultural socialmente adquirido. Claramente, o *modus operandi* pode ser definido como sendo um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (*habitus*) que indicam uma disposição incorporada, quase postural, que pode ser aferida nas manifestações das torcidas de futebol.

Conforme afirma o torcedor 47:

La em casa todo mundo torce pelo flamengo, a maioria dos meus amigos também, quando dei por mim já estava gritando mengo, mengo e isso foi uma das melhores coisas que já fiz. Somos a maior torcida do Brasil, o resto é resto. (Torcedor 47, entrevista/ 2012)

Habitus são produtos das posições sociais, das hierarquias sociais. São diferentes e diferenciadores, na medida em que são encarados de forma diferente pelos agentes. Dessa maneira, o conceito de *habitus* representa uma chave interessante para se compreender as representações sociais manifestadas no ato de torcer por determinado time de futebol. E não somente as manifestações sociais, mas também a paixão ou admiração por determinado time de futebol são aprendidas/ensinadas pelos/aos sujeitos que se inserem nesse espaço de subjetividade:

(...) para cada novo recém-chegado, o universo das práticas e dos espetáculos esportivos apresenta-se como um conjunto de escolhas previamente determinadas e de possibilidades objetivamente instituídas - tradições, regras, valores, equipamentos, técnicas, símbolos - que recebem sua significação social do sistema constituído por elas e que ficam devendo, em cada momento, uma parcela de suas propriedades à história (BOURDIEU 2007: 197).

Para Elias (1997) “*habitus*” significa a “segunda natureza” ou “saber social incorporado” e que esse conceito gera um equilíbrio entre continuidade e mudança. Também ressalta que o “*habitus*” nacional de um povo não está relacionado com a genética, e sim vinculado ao processo particular de formação do Estado a que foi submetido.

Ao conceito de *habitus* enquanto *modus operandi* e critério de distinção social pode-se associar o antropológico de *ethos*, conforme enunciado por Geertz (1989), compreendendo os aspectos morais e estéticos de uma dada cultura, ao passo que seus aspectos cognitivos e existenciais são designados pelo termo “visão de mundo”. A “visão de mundo” torna-se emocionalmente aceitável por se apresentar como uma imagem de um verdadeiro estado de coisas, do qual o tipo de vida é a expressão autêntica.

Nesse sentido, no interior de cada cultura, se considerarmos as manifestações clubísticas como expressões culturais de uma sociedade complexa, operaria um *habitus* associado a um *ethos* próprio confirmado por uma determinada visão de mundo.

Esse conjunto de imagens representa um “reconhecimento” do mundo exterior mesclado entre a nossa subjetividade e os valores da cultura do grupo social a que pertencemos. Assim, passamos a apresentar e a compartilhar ou socializar o reconhecimento do que se percebe do mundo. O resultado é o que chamamos de representação social.

É o que verificamos no fala do torcedor 10:

O futebol é quase tudo na minha vida, pois é quando estou na Furacão Azul que encontro pessoas que tem a mesma ideologia que eu. É o lugar onde posso compartilhar o meu amor pelo São Raimundo junto com meus amigos. (Torcedor 10, entrevista/ 2012)

O termo representação social foi bastante utilizado por Serge Moscovici (2005; 1978; 1963) para designar a elaboração de um objeto social pela comunidade. Para esse autor, as representações, sustentadas pelas influências sociais, constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nos ligamos uns aos outros.

O conceito de representação social, segundo Moscovici (2005; 1978; 1963) corresponde a um conteúdo mental estruturado, isto é, cognitivo, avaliativo, efetivo e simbólico, sobre um fenômeno social relevante, que toma a forma de imagens ou metáforas, e que é conscientemente compartilhado com outros membros do grupo social, tais como os times de futebol, suas torcidas e os elementos materiais e simbólicos a ele ligados.

Essa representatividade é descrita assim pelo torcedor número 9:

Rapaz nem sei te falar direito o que representa o futebol pra mim. Só sei que sou totalmente influenciado por ele e por minha torcida. Meus amigos são Narraça porque a gente quer a mesma coisa. Quando nos encontramos em outros ambientes só falamos de futebol e isso deixa nossas parceiras bravas com a gente. Mas já disse pra minha “antes de te conhecer eu já era naça”. Pra falar a verdade mesmo não tem como ficar perto de alguém que não aceite essas minhas leseiras. (Torcedor 09, entrevista/ 2012)

Ao conceito de representações sociais no clubismo futebolístico podemos associar o de uma nova forma de totemismo-clânico: o futebol opera como uma forma de organização e classificação da realidade social, através da divisão do mundo em times-clãs, e pode-se dizer que existe uma estreita relação entre essa forma de classificação e a construção da nação brasileira.

Classicamente conceitua-se totemismo como um conjunto de idéias e práticas que tem como base a crença na existência de um parentesco místico entre seres humanos e a natureza, como animais e plantas. Tal realidade se passa e se dá de forma inconsciente no interior da vida social (LÉVI-STRAUSS, 1980).

Para Durkheim (1996), sendo um fato social, o totemismo é uma forma de classificação do mundo que deriva do social. Se em Durkheim há uma projeção da sociedade no mundo e na natureza externa, em Radcliffe-Brown (1973), a assim chamada natureza externa vem a ser incorporada na ordem social como parte essencial dela. No entanto, este concorda com Durkheim ao responder que a função da relação totêmica é manter viva a solidariedade do grupo enquanto tal.

Almeida Lidório (2008) defende a tese de que o totemismo está estreitamente relacionado à cosmovisão de um povo em relação à *força da vida*. Apropriando-se dessa idéia e ordenando-a ao clubismo no futebol, pode-se afirmar que essa dimensão mítica e religiosa, concentradora de alta carga emocional estaria na essência do fenômeno de associação a um clube e da organização dos clãs esportivos (as torcidas). Segundo Murad (2007), a memória “é ritualisticamente socializada na liturgia do futebol: EU = individual; SOU = identidade; EQUIPE = coletividade” (MURAD, 2007: 12).

Para se compreender a dinâmica das emoções que lhe conferem sentido, Damo (2007) afirma que os torcedores são cativados pelo drama inerente à possibilidade de ganhar e perder junto com o time vinculado ao clube, o qual representa uma “comunidade efetiva”. Para entendermos por que um jogo pode vir a ser um drama para alguns indivíduos, e uma banalidade para outros, será preciso entender o que significa

ser gremista, corintiano, tricolor etc. No futebol espetáculo, assim como na política, discute-se interminavelmente a questão da representação. (DAMO, 2007)

Podemos verificar essas dinâmicas de emoções além de questões de gênero no relato da torcedora 37:

Ah, minha nossa, o futebol é pra mim uma paixão indescritível, que compõe amor, raiva, felicidade, paixão, alegria, tristeza, amizade, rivalidade etc. Além de uma quebra de tabu na minha família, por ter uma mulher gostando tanto assim de futebol e pra desgosto dos meus pais participar de uma torcida organizada. Sofri bastante por isso, pois tenho uma família bastante tradicionalista, tive que passar por alguns desentendimentos e me impor em algumas situações para que eles pudessem ou tentassem entender o que o futebol representa pra mim. Fora o fato de que meus pais pensavam que eu era lésbica por gostar tanto de futebol. Tive que levar meu namorado em casa para que eles parassem de perguntar isso. Só que eles não gostaram muito porque ele também é da nossa torcida, é claro né? . (Torcedor 37, entrevista/2013)

Dessa maneira verificamos que a alegria que os torcedores experimentam quando seu time ganha, apesar das inúmeras situações difíceis da vida; a angústia decorrente da derrota, onde tudo parece triste e sem esperança; o amor àquele que faz o gol; o ódio ao juiz que “roubou” contra; a amizade e comunhão momentâneas que se cria entre os torcedores do mesmo time fazem das práticas torcedoras um universo amplo de dinâmicas sócias e que segundo Daolio (1997) vivencia e espera os adoráveis 90 minutos em que parece haver uma suspensão do tempo à espera do desfecho, que para alguns representará a máxima alegria e para outros a absoluta tristeza.

Com uma abordagem diferenciada, o antropólogo Roberto DaMatta, desenvolveu seu trabalho científico procurando entender os elementos culturais que constituem o Brasil. Nesta perspectiva, o futebol exerce um lugar de destaque, a quem o autor atribui um alto grau de positividade, vinculado ao seu caráter de experiência e de produtor de unidade e identidade nacionais, o que pouco se pode observar em outras esferas da vida nacional.

Essa mesma visão também é compartilhada por Helal (1997), que afirma que o futebol no Brasil pode ser visto como um poderoso instrumento de integração social e que através do mesmo, a sociedade brasileira experimenta um sentido singular de totalidade e unidade, revestindo-se de uma universalidade capaz de mobilizar e gerar a paixão em milhões de pessoas.

DaMatta (1990) propõe uma sociologia que busca entender a sociedade brasileira ”pelo avesso”, ou seja, através de temáticas esquecidas, pelo menos até o final dos anos 1970, pela sociologia “oficial”. Dessa forma, algumas expressões da cultura popular, tais como o carnaval, o futebol, o jogo do bicho, as festas populares e as paradas militares expõem uma forma de ser do Brasil.

Para o autor, o futebol no Brasil, em vez de ser o “ópio do povo”, é um drama de justiça social, um fenômeno progressista e modernizador, democrático em sua realização. O futebol para DaMatta (1982), constitui uma experiência na qual não contam os graus de parentesco ou amizade, mas a qualidade técnica; é um espaço onde não há favorecimentos individuais pelas condições financeiras, mas sim um local de chances para todos demonstrarem suas habilidades.

Para tentar entender os dilemas da sociedade brasileira, o autor optou em seus estudos, não dedicar-se às estruturas políticas, mas privilegiou eventos e acontecimentos que em princípio são considerados “pouco sérios”, “descartáveis” ou “secundários” pelas elites brasileiras, inclusive as intelectuais e/ou de tradição progressista.

Isso não significava, porém, ignorar as relações dos universos da política da economia, da arte e da universidade, mas de entendê-las no paradoxo e na negatividade, por meio dessas outras manifestações, que parecem, à primeira vista, ser sua antítese.

Vaz (2005) afirma que a modernidade brasileira constitui-se em uma combinação de paradoxos que escapariam a um modelo de coerência, o que a faz optar por certas características sociais em detrimento das outras.

Para DaMatta (1997) a sociedade brasileira combina aspectos absolutamente modernos com outros de tradição colonial, características que valem para vida pública (na rua), mas que são contraditórios com o âmbito privado.

DaMatta emprega, apoiado na tradição estruturalista – representada por Max Gluckman, Vitor Turner, Clifford Geertz e Claude Lévi-Strauss -, a categoria de drama social. O drama é uma estrutura que simultaneamente revela e esconde (DaMatta, 1982).

A análise do autor opõe-se a idéia do utilitarismo dos fenômenos sociais, em particular aplicada ao fenômeno futebol. Ele não concorda que o esporte deva necessariamente ser uma decorrência prática de outras atividades laborais e utilitárias, mas uma atividade cuja expressão estética deva ser considerada em primeiro plano.

O futebol não seria, portanto, um espaço de utilitarismo político. Para DaMatta (1982) trata-se de uma esfera que, se não está alheia, mantém-se de alguma forma

independente das relações políticas mais imediatas, configurando-se em espaço de identidade e unificação nacional, levantando à autoestima, configurada em boas lembranças de indivíduos e de grupos.

HELAL (1997, p. 25) destaca que, “O futebol no Brasil pode ser visto como um poderoso instrumento de integração social. Através do futebol, a sociedade brasileira experimenta um sentido singular de totalidade e unidade, revestindo-se de uma universalidade capaz de mobilizar a gerar paixões em milhões de pessoas”.

Alguns eventos culturais são capazes de identificar os povos. No caso brasileiro, o futebol e o carnaval são vistos como elementos de brasilidade e autoimagem do povo. Vogel (1982) indaga como o jogo de futebol pode ser tão brasileiro, sem ter nascido aqui?

DaMatta (1998) afirma que, apesar de o futebol ser um esporte vindo do “estrangeiro”, adquiriu no Brasil uma série de novos significados, num processo que ele chama de aculturação positiva. O futebol seria no Brasil um jogo, ou ainda, um esporte vivido como jogo, relacionado a outras esferas que não apenas àquelas que se realizam no campo.

DaMatta (1982) afirma que que no Brasil, o futebol adquiriu um estilo próprio de ser jogado, no qual são reconhecidos os modo de ser do brasileiro, caracterizando-se pela ambiguidade do malandro, figura simbólica em nosso imaginário social, que circula entre as portas da legalidade e da ilegalidade; a do claro e do oculto; a do implícito e a do explícito”, e cuja força estaria relacionada também ao fato de que no Brasil se joga a versão *soccer* do futebol .

Segundo DaMatta (1982), o futebol brasileiro, em oposição ao praticado na Europa, caracteriza-se por ter “jogo de cintura”, por “dobrar sem quebrar”, dissimular, improvisar e sair com elegância de situações em princípio adversas, geralmente movendo o corpo e criando um jogo esteticamente valorizado.

Vaz (2005) ressalta que como metáfora da vida cotidiana, o futebol expressaria, então, uma forma de ser brasileira, uma vez que é preciso muita malandragem para poder lidar com uma sociedade altamente modernizada de um lado, mas que convive de outro lado com características patriarcais e relações clientelistas. A malandragem, nesse sentido, pode ser uma característica altamente positiva e necessária, que exprime nossa subjetividade para lidar com a objetividade social.

Durante muito tempo as elites brasileiras, também as de esquerda, entenderam o futebol como ópio do povo. Para DaMatta (1986) porém, trata-se de um drama da

justiça social. O autor afirma que dizer que o futebol é ópio do povo significa contribuir para as desigualdades de classe e o preconceito que diz que as massas populares sempre são ignorantes, e que é preciso que as elites digam o que é certo ou errado, sem lhes reconhecer vez e voz.

Um fato relevante e que corrobora com a visão do autor foi que aconteceu recentemente por ocasião da realização da Copa das Confederações no mês de Junho de 2013. Com exceção dos jogos disputados no Recife, todos foram marcados pelas manifestações de protestos nas ruas próximas aos estádios. No total, foram 13 partidas, em Belo Horizonte, Brasília, Fortaleza, Rio de Janeiro e Salvador.

Os protestos que começaram logo na abertura da Copa das Confederações quando a Presidente do Brasil Dilma Rousseff e o Presidente da FIFA Joseph Blatter foram duramente vaiados pelo público presente estádio Mané Garrincha em Brasília. No entorno do Estádio milhares de pessoas também protestaram contra os gastos da Copa do Mundo. Em muitos casos, a FIFA foi duramente criticada e alguns ônibus da entidade foram apedrejados.

O historiador britânico T.J. Clark comentando esses eventos e a possível repercussão internacional dos mesmos afirmou que não é o culto ao futebol que está sendo questionado, ele é legítimo. Mas sim suas “igrejas”, suas “catedrais” cada vez mais suntuosas. Para ele mundo está fascinado com a visão do povo se voltando contra isso tudo, essa é uma raiva que nem Pelé será capaz de espantar.

Neste sentido, o futebol seria um reconhecimento de nossas virtudes e fracassos, e uma expressão que não só faz esquecer, mas subverte a ordem, resiste aos desmandos vinculados ao patriarcalismo, ao compadrio e à amizade.

O futebol, segundo DaMatta (1982), seria uma das raras oportunidades para a sociedade brasileira organizar-se em torno de um objetivo comum, atuando de modo coordenado, em contraste com as representações políticas e econômicas tradicionais. O autor reconhece, no entanto, que isso pode significar não só a suspensão mas também o ocultamento dos conflitos de classe. Por outro lado, ressalta que o futebol ainda seria um campo de vivências de sucesso, de vitória e de êxito, e como tal teria uma inegável força integrativa. Sobretudo os marginalizados teriam oportunidade de vencer com seus times.

Corroborando com as ideias de DaMatta e também comentando as manifestações que ocorreram na da Copa das Confederações Murad (2013) afirma:

“Tenho observado nas redes sociais certa tendência a “demonizar” o futebol e a Copa do Mundo no Brasil. Os problemas brasileiros são muitos, mas não são culpa do futebol. O país melhorou, ainda que lentamente, em alguns setores básicos, mas ainda falta muito. Porém, há que se destacar que a democracia se consolida cada vez mais no país e as manifestações sem bandeiras de partidos têm sido uma novidade na história recente do Brasil. O fato delas estarem ocorrendo justamente no período da Copa das Confederações demonstra que o futebol não engana a população. Se a intenção de aumentar as passagens e de votar a PEC 37 – já derrotada em votação -, justo neste período, era uma aposta na suposta alienação das massas, o tiro saiu pela culatra. “. (Murad, Mauricio. Entrevista site Uol/2013).

DaMatta (1994) afirma ainda que junto com seu caráter de força integradora, o futebol seria uma excelente representação da democracia, exemplo de evento cultural em que as regras são universais e do conhecimento de todos.

No futebol as regras não podem ser alteradas por quem está vencendo ou perdendo, não havendo lugar para golpes, mas para a alternância entre vitoriosos e perdedores, que projetada na vida social é a base da mais autêntica experiência democrática, devendo ser expandida para outras esferas.

2.3 Funções sociais do lazer e do esporte: contribuições de Norbert Elias e Eric Dunning

Norbert Elias e Eric Dunning provavelmente foram os primeiros cientistas sociais a dar especial atenção ao estudo do esporte e do lazer. Os autores buscaram compreender o desenvolvimento do esporte e o lazer dentro da perspectiva de excitação e de emoção compensadora, ou, melhor dizendo, de equilíbrio, reclamadas por grande parte das atividades de lazer, entre elas o esporte.

Ressaltamos que em nosso estudo consideramos as praticas torcedoras que estão presentes no esporte futebol um componente do lazer, e todas as nossas observações serão pautadas nessa premissa.

A construção teórica apresentada pelos autores salientava a importância social do lazer, e contestava a sociologia de seu tempo, que enxergava no lazer uma peça secundária no conjunto de engrenagens sociais, uma atividade do tipo não séria e sem grande relevância e, assim sendo, não merecedora de estudos mais aprofundados.

Com um ângulo de visão diferenciado em relação aos estudos das formas de lazer, Elias e Dunning (1992) apontam para a complexidade existencial que envolve e

está envolvida no contexto dessas formas. Os autores concluem que o estudo do lazer não se restringe a um único campo da ciência, o seu desenvolvimento dentro da sociedade é estabelecido por meio de necessidades sociais e individuais, sendo que estas últimas ainda se dividem em psicológicas e biológicas.

A literatura sociológica, segundo os autores, apresenta forte tendência a considerar o lazer como um mero acessório do trabalho. Neste sentido, o que aí impera é uma tradição de pensamento estabelecida pela dicotomia trabalho/lazer, na qual se deleita o entendimento de que a satisfação agradável proporcionada pelas atividades de lazer se apresenta apenas como um meio para aliviar a tensão do dia-a-dia e melhorar a capacidade das pessoas para o próprio trabalho. A solidez dessa corrente de pensamento, justificada pelo predomínio desse tipo de abordagem, reflete-se, em larga medida, em função de um sistema de valores e de crenças pré-estabelecidas que se submetem à idéia de que as pessoas procuram no lazer o alívio para a fadiga dos esforços do trabalho.

Contrariando e superando essa forma tradicional de entendimento do lazer, Elias e Dunning desenvolveram um estudo no qual buscaram desvendar o verdadeiro sentido desse acontecimento social. Entre muitos aspectos, verifica-se que o seu papel estende-se para além dos limites galgados até aquele momento. Numa visão mais ampliada, não em termos de causas e efeitos que envolvem e estão envolvidos no contexto do lazer, mas sim no contexto de uma teoria das configurações e do desenvolvimento, os autores conceituaram que o lazer corresponde a uma necessidade existencial para as sociedades do momento em que vivemos.

É o que verificamos no relato do torcedor 19:

Cara, ralo semana inteira, dou conta de um monte de coisas: mulher, meus filhos e tal. Faço sempre o que é preciso e não deixo as pessoas que amo na mão. Mas não dá pra ficar sem futebol. Só se meus filhos estiverem doentes, senão domingo é sagrado pra eu curtir os jogos do meu Vascão. Vou lá pro Eldorado e encontro uma moçada vascaína e a gente se diverte pra caramba. E mesmo que meu time perca, o que tem acontecido muitas vezes ultimamente, volto pra casa zerado, pronto pra mais uma semana de batalha, graças a Deus! (Torcedor 19, entrevista/ 2012)

A concretização de tais conceitos, resumidamente, quebra com o já relatado paradigma da dicotomia trabalho/lazer. Não obstante, os autores sugerem que a emergência daquilo que se tornou o foco básico das preocupações da sociologia moderna foi um processo que não se encontrava isento de influências, ou, em outras

palavras, seria como se os sociólogos atuais revelassem os seus valores de compromisso em virtude da limitação de seu campo de visão provocada pela aderência aos paradigmas dominantes. Nesse sentido, o seu campo de visão se restringe a um conjunto comparativamente estreito de atividades sociais, apesar do empenho da maioria quanto ao ideal de neutralidade ética e da idéia de sociologia enquanto ciência que trata das sociedades em todas as suas dimensões.

Assim, apesar de reconhecer o envolvimento do cientista social, os autores condenam o não afastamento dos paradigmas atuais e da não isenção em relação a tais influências. Esses seriam os motivos pelos quais os sociólogos teriam ignorado o esporte e conseqüentemente o lazer enquanto objeto de reflexão sociológica.

Para os autores, o esporte, e o lazer uma vez que o primeiro está contido na esfera do segundo, parece ter sido ignorado como objeto de reflexão sociológica e de investigação porque é considerado como algo que se encontra situado no lado que se avalia de modo negativo no "complexo dicotômico de sobreposição convencionalmente aceite como, por exemplo, entre os fenômenos de 'trabalho' e 'lazer', 'espírito' e 'corpo', 'seriedade' e 'prazer', 'econômico' e 'não econômico'". Isto é, no quadro de tendência que orienta o pensamento reducionista e dualista ocidental contemporâneo.

A abordagem de Elias e Dunning permite avaliar o significado social do esporte, e conseqüentemente do lazer, e nessa linha se esforça, entre outras coisas, por estabelecer os fundamentos da teoria sociológica das emoções. Esta teoria procura também sublinhar o controle individual e social da violência e os processos de longa duração que podem ser observados a este respeito. Em síntese, é uma teoria do desenvolvimento.

Para os autores, as deficiências nas pesquisas sociológicas que se destinam a encontrar respostas para as abordagens sobre o lazer, tendem a ser elucidadas pela considerável confusão que existe na utilização de certos termos. A abordagem de Elias e Dunning, no entanto, abandonando as limitações impostas à teorização e investigação do lazer, rompem com a herança da tradicional dicotomia trabalho-lazer. A relação de antítese entre trabalho e lazer já não é capaz de dar suporte às investigações devido à sua limitação teórica.

Diante desse tipo de problema e procurando formular respostas para as questões que permeiam os conceitos de lazer, criaram os autores um quadro teórico, uma tipologia que servisse como um ponto de partida para elucidações teóricas. O primeiro

quadro, de caráter provisório, foi denominado atividades de tempo livre. Neste quadro inicial, as atividades de tempo livre foram classificadas da seguinte forma:

1. Trabalho privado e administração familiar: enquadram-se aqui as atividades voltadas para a administração familiar, incluindo as provisões da casa.
2. Repouso: estar sentado sem fazer nada, ou estar a fumar ou a tricotar e, acima de tudo, dormir.
3. Provimento das necessidades biológicas: comer, beber, defecar, fazer amor, assim como dormir.
4. Sociabilidade: relacionadas ou não com o trabalho, enquadram-se aqui as atividades como uma excursão, a ida a um bar, um clube, restaurante ou festa, estar com outras pessoas.
5. A categoria das atividades miméticas ou jogo: as discussões acerca das atividades de lazer têm grande incidência em atividades desse tipo; são atividades que produzem nas pessoas uma agradável excitação-prazer e, que representam assim, ao mesmo tempo, o complemento e a antítese da tendência habitual diante da banalidade emocional verificada nas rotinas racionais da vida.

A abordagem dos autores volta-se em particular com esta última categoria e é nela que o presente estudo busca sua principal âncora teórica tentando estabelecer uma possível linha de interpretação dos significados sociais do ato de torcer.

O quadro referenciado anteriormente realça de forma esclarecedora alguns pontos em relação ao tempo livre e ao trabalho e em relação ao tempo de lazer e o de não lazer. Mostra de forma ímpar que parte considerável de nosso tempo livre não é destinada a atividades de lazer, colocação que contraria a polarização entre lazer e trabalho em sua forma tradicional, a qual sugere que todo o tempo que não é despendido a uma forma remunerada de trabalho, ou seja, todo o tempo livre pode ser dedicado ou ainda compreendido como tempo de lazer.

Esta tipologia também elucida que o trabalho não é a única esfera social a subordinar de forma regular e equilibrada os sentimentos pessoais. Elias e Dunning (1992) esclarecem ainda que em sociedades como as nossas, o manto das restrições é estendido até mesmo ao campo das atividades de tempo livre, pois, ainda que com diferenças relativas de grau, estende-se a todas as relações humanas, até mesmo as familiares.

É possível explicar com esse modelo que nas sociedades industriais avançadas as atividades de lazer, sobretudo as do tipo miméticas, constituem um dos poucos senão o

único meio aprovado no quadro social, desencadeadores de um comportamento moderadamente excitado, em público. A esfera mimética é parte integrante da realidade da sociedade moderna:

A estimulação emocional peculiar e a renovação de energias proporcionada pelas atividades de lazer da categoria mimética, culminando numa tensão agradável, representam um equivalente mais ou menos institucionalizado face ao poder e à uniformidade das restrições emocionais exigidas por todos os tipos de ações intencionais dos indivíduos nas sociedades mais diferenciadas e civilizadas. A agradável excitação-prazer que as pessoas procuram nas suas horas de lazer representa assim, ao mesmo tempo, o conhecimento e a antítese da tendência habitual perante a banalidade das valências emocionais que se deparam nas premeditadas rotinas “racionais” da vida; enquanto a estrutura das próprias organizações e das instituições miméticas representa a antítese e o complemento das rotinas formalmente impessoais e das instituições orientadas para o trabalho, que deixam pouco espaço às emoções apaixonadas ou às oscilações de disposição [...] A esfera mimética te distinta e integral da “realidade” social. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 115-116).

A conformação dessa polarização é tida pelos autores como ponto de partida e, segundo eles, possibilita enxergar, com maior clareza, o problema básico com que se deparam aqueles que se dedicam a estudar o lazer. Duas questões interdependentes são colocadas pelos autores de forma a traçar o caminho em direção à resolução do problema: Quais as características das necessidades individuais de lazer desenvolvidas em nossa sociedade? E quais as características das atividades específicas de lazer desenvolvidas na sociedade para a satisfação das referidas necessidades?

Nas sociedades contemporâneas, inclinações para expor em público excitações do tipo sérias, que ameacem a ordem estabelecida, estão cada vez mais reduzidas. Para serem considerados normais, os adultos dessas sociedades devem controlar a tempo a sua excitação. Espera-se desses um comportamento adequado e igualmente condizente com o nível organizacional atingido pela atual sociedade. O efeito disto é um comportamento padronizado e um estilo de vida rotineiro, sem riscos para si e para os outros.

Os autores apresentam algumas características estruturais que permitem distinguir atividades de tempo livre, atividades de tempo não livre e trabalho profissional. Os principais tipos de atividades de tempo livre das sociedades contemporâneas estão indicados no quadro de classificação que compõe o espectro do tempo livre:

6. Rotinas do tempo livre: provisões rotineiras como necessidades biológicas e cuidados com o próprio corpo, as rotinas familiares e o governo da casa.

7. Atividades intermediárias de tempo que servem, principalmente, para as necessidades de formação e, ou também, autossatisfação e autodesenvolvimento: trabalho não profissional como, por exemplo, participação em questões locais, atividades de caridade, estudo privado com vista a progressos profissionais, passatempos do tipo hobby, atividades religiosas, leituras de jornais, visão de programas de jornais informativos.
8. Atividades de lazer: atividades pura ou simplesmente sociáveis, que podem ser mais formais ou menos formais, atividades de jogo ou miméticas, com participação em nível de membro da organização, como espectador ou como ator e uma miscelânea de atividades de lazer menos especializadas, como viajar nos finais de semana, banho de sol e outras.

Elias e Dunning (1992) afirmam que algumas atividades de tempo livre têm o caráter de trabalho, mesmo que sejam facilmente distinguidas do trabalho profissional; algumas atividades de tempo livre são voluntárias, contudo muitas não o são e, em grande parte delas, não se observa a alegria do fazer. Os autores salientam que, além do trabalho profissional, há ainda, dentro do chamado "tempo livre", atividades de não lazer que são altamente rotineiras. É neste aspecto que o espectro do tempo livre contribui para uma melhor compreensão dos problemas do lazer.

O controle social em exercício, segundo Elias e Dunning (1992), reduz ao máximo as ‘oportunidades de excitações agradáveis. Assim sendo, as características das necessidades individuais de lazer são socialmente desenvolvidas com base nessa falta de oportunidade de se expressar de forma prazerosa. Não obstante, as características das atividades específicas de lazer, ainda que mais complexas, desenvolvem-se no sentido de suprir tais necessidades. Dessa forma, os conceitos de catarse e mimese apresentados por Elias e Dunning elucidam como se conformam, socialmente, as atividades de lazer.

Para uma formulação conceitual mais apropriada sobre o lazer, os autores vêm a necessidade de transcender os limites das especialidades acadêmicas previstos na atualidade. Seguindo essa linha de pensamento, procuraram abordar o problema à luz da disciplina que antecede ao fracionamento das diferentes especialidades, ou seja, na matriz global da filosofia.

Os autores encontraram em Aristóteles um conceito bastante sugestivo, o conceito de catarse. Aristóteles, por sua vez, formulou a sua interpretação a partir de fatos estudados na fisiologia. A palavra catarse vem do conceito médico ligado ao expulsar de substâncias nocivas do corpo, uma limpeza do corpo por meio de uma

purga. Aristóteles propunha em sua tese, num sentido figurado, que a música e a tragédia provocavam algo similar nas pessoas.

O termo mimético, no seu sentido literal é imitativo. É utilizado pelos autores num sentido mais alargado e figurado. Nesse aspecto constitui-se em uma característica comum em todas as atividades de lazer classificadas com essa denominação. A excitação mimética, na perspectiva individual e social, é desprovida de perigo e pode ter um efeito catártico, contudo, a última forma pode vir a se transformar na primeira.

Observações sobre o efeito catártico que formas miméticas de lazer proporcionam nas pessoas, e a busca cada vez maior por essas formas de lazer, acentuam a concepção que as pessoas procuram nas atividades de lazer não o atenuar das tensões, mas sim, uma tensão específica, uma forma de excitação, normalmente, evitada na vida cotidiana.

É o que verificamos no relato do torcedor 54:

O futebol pra mim é um alívio. Sou bancário e vivo engravatado e acho um saco. Mas no momento e que estou com meus parceiros torcendo, posso ser eu mais do que nunca, pois ninguém vai ter a coragem de me recriminar ou reprimir a minha bagunça. A gente fica tirando sarro e falando mal de do juiz e dos adversários. É muito bacana! (Torcedor 54, entrevista 2013)

Segundo os autores, é em sociedades mais complexas que se exigem uma disciplina emocional bastante atuante, e manifestações de uma série de sentimentos agradáveis são severamente vetadas. Os autores afirmam que, na atual sociedade, de uma maneira geral, os adultos não revelam suas emoções. As crianças o fazem. Para elas é natural expressar os seus sentimentos, a sua emoção, através de todo o corpo. Sentir e agir, através de toda a musculatura, de todo o corpo, em razão de uma situação estimulante, ainda não estão divorciados.

Elias e Dunning (1992) afirmam que gradualmente, no decurso do processo de crescimento e submetidos ao processo de civilização, as pessoas vão deixando de agir de acordo com os impulsos emocionais, vão sendo ensinadas a controlar com bastante severidade, e em parte automaticamente, a necessidade de resposta aos estímulos. Elas vão aprendendo a fazer aquilo que as crianças não são capazes de fazer, ou seja, controlarem, não apenas os sentimentos, mas a parte atuante de um estado de agitação de todo o organismo.

Para os adultos das sociedades modernas, as atividades miméticas, assim como os outros tipos de lazer, caracterizam-se como antídotos para as rotinas de suas vidas.

Contudo, as da classe mimética se caracterizam por despertar excitações de tipo específico. Os sentimentos advindos, por exemplo, do fato de derrotar um adversário, e o desenrolar das manifestações por meio de expressões corporais e também verbais, transbordando o triunfo da vitória, estão no contexto de todas as atividades miméticas de lazer.

Concordando com o exposto, assim se expressa o torcedor 2:

Quando meu time está jogando é adrenalina pura. Graças a Deus não tenho problema cardíaco, senão já teria morrido. Quando meu mengo joga enlouqueço, desabavo, xingo e até choro, como na vez que estávamos ganhando 3x0 do América do México e pegamos 3 gols e fomos eliminados da Libertadores, Quase morri. Mas já me alegrei bastante também. Mas gosto desse sobe e desce de emoções acho que a vida seria muito sem graça sem o futebol, e meus filhos estão indo no mesmo caminho também. (Torcedor 2, entrevista 2012)

Experimentar a ansiedade causada pelo suspense de estar frente à ameaçadora derrota e/ou triunfo da vitória, opõem-se à vida de rotinas relativamente harmoniosa e sem emoção das pessoas, quebrando assim, a grande regularidade de controle emocional exigido, em nível elevado, em todas as relações humanas. No contexto mimético, excitações agradáveis são permitidas não apenas pela sociedade, mas acima de tudo, pela própria consciência.

A fim de corroborar com essas afirmativas apresentamos o relato do torcedor 21:

Quando estou torcendo sou outra pessoa, grito bastante, xingo quem for preciso, pulo, ando de um lado para o outro, fico inquieto, não gosto de ficar parado. Quando meu time ganha abraço todo mundo e vai embora todo meu estresse e ganho meu dia. Mas se ele perde fico chateado durante um tempo e digo que não vou mais perder meu tempo com o São Paulo. É só papo, no próximo jogo faço tudo de novo e não me sinto mal por isso não. (Torcedor 21, entrevista 2012)

Daolio (1997) cita alguns exemplos de comportamentos que são típicos nos estádios de futebol e que, fora dele, seriam considerados descontextualizados. As expressões verbais e xingamentos que os torcedores manifestam nos estádios são considerados deselegantes e abusivos na vida cotidiana. O contraste entre o que se permite falar nos estádios e fora deles é ainda maior quando se trata de mulheres que tem a cumprir na sociedade um papel de delicadeza e boas maneiras.

Confirmando essa exigência sobre o comportamento feminino apresentamos o relato da torcedora 44:

No estádio vendo o Rio Negro jogar me comporto completamente diferente do que em outros locais. É porque mulher nem pode chamar palavrão, não deve gritar, curtir com a cara dos outros. Mas quando estou na Império é diferente, grito, chamo palavrão adoidada e ninguém diz que por ser mulher não devo agir assim. Só espero que meu pai e meu namorado nunca me vejam torcendo. Mas não vou largar minha torcida por causa deles não (Torcedor 44, entrevista 2012).

A destruição da rotina pode ser compreendida como uma função do lazer. O fazer algo que não se tem completo domínio e/ou conhecimento, proporciona um grau de insegurança, cria a expectativa do inesperado e do arriscado, produzindo tensão e excitação em virtude da ansiedade que as acompanha. Estes altos e baixos de breves e alternados sentimentos antagonistas, tais como esperança e medo, exaltação e abatimento, são uma das fontes de renovação emocional das quais tratam os autores.

CAPITULO III - PAIXÕES DA TORCIDA BARÉ

. “Que hoje o amazonense prefere o time de fora isso é a pura realidade. Não podemos impedir que isso aconteça. O torcedor sente falta é de times que atendam suas expectativas. Já realizamos projetos de incentivo ao torcedor e nada “ .(Dissica Valério Thomaz, Presidente da Federação Amazonense de Futebol. Entrevista Portal Amazônia/ 2012)

Neste capítulo buscaremos fazer uma análise das possíveis causas do distanciamento visível entre os torcedores manauenses e os clubes locais de futebol profissional e as razões do redirecionamento da paixão futebolística para os times de futebol de outros estados brasileiros, finalizando com a discussão dos significados sociais do ato de torcer para os torcedores barés.

Para melhor visualizar o atual cenário do futebol profissional local, começaremos este capítulo relatando uma reunião entre os presidentes de clubes, a imprensa e o governo do Amazonas, ocorrida em 9 de dezembro de 2012.

Nesse encontro os representantes governamentais afirmaram terem gasto cerca de R\$ 6,5 milhões em cinco anos com o futebol profissional local sem retorno em nível nacional, ou seja, nenhum clube conseguiu o acesso as principais divisões do futebol brasileiro permanecendo na série D.

Na atualidade, o futebol profissional brasileiro está organizado em quatro divisões: séries A, B, C e D, sendo que esta última está reservada aos clubes de menor expressão no cenário nacional.

Na reunião foi estipulada pelos presentes uma meta ambiciosa: colocar um clube amazonense no Campeonato Brasileiro da Série B 2015, ou seja, em 2013 um time do Estado terá de ascender para a Série C 2014, e conseguir nova promoção na temporada seguinte.

A realidade atual do futebol praticado no Amazonas, uma das sedes da Copa do Mundo de 2014, não nos permite sonhar com um time na segunda divisão nacional, a qual teve o São Raimundo como último participante em 2006.

O quadro atual nos mostra que o Penarol, clube de futebol profissional com sede no município de Itacoatiara, foi eliminado já na primeira fase da competição, ficando em quarto lugar de seu grupo, melhor apenas que o Náutico de Roraima.

Além do fracasso no campo de futebol, o que mais pesou para o time de Itacoatiara foram as dívidas contraídas durante a competição, apesar da ajuda do

Governo do Estado do Amazonas. Em virtude dessa situação, o presidente do Penarol, Daniel Macedo, viu-se obrigado a contrair empréstimo pessoal para quitar os compromissos, além de promover festas na sede do clube com bingos, com a finalidade de arrecadar dinheiro para a temporada 2013 e quitar as dívidas contraídas em 2012 com o futebol profissional.

Tanta dificuldade levou o treinador da equipe, Aderbal Lana, considerado o treinador mais vitorioso da história do futebol profissional amazonense, afirmar: *“Se algo não for feito, as coisas continuarão paradas. E isso vem acontecendo há muito tempo. O torcedor vem ficando a cada ano mais distante do nosso futebol e assim entramos neste marasmo em que vivemos após o término do calendário”*.

Apesar dessa realidade, a cultura do futebol ainda está presente na vida dos manauenses? O manauense ainda demonstra paixão pelo futebol?

O futebol transcende sua condição de fenômeno esportivo, tornando-se também importante elemento sociocultural e espacial interessando as mais amplas e variadas camadas sociais no mundo inteiro e de maneira mais intensa no Brasil, que por seus resultados esportivos e por sua imensa popularidade se tornou mundialmente conhecido como o país do futebol.

Sendo assim, essas características se encontram presentes também na sociedade amazonense, expressas particularmente nos torneios de futebol realizados em comunidades localizadas no interior. Os torneios agregam o interesse das comunidades caboclas, ribeirinhas e indígenas, constituindo-se em importantes manifestações da sociabilidade, da afetuosidade e da cultura amazonense.

Tais torneios mobilizam as populações da capital e do interior na organização dos “recreios” e caravanas que se utilizam dos barcos de linha regionais, os quais transportam os times de futebol amador e os torcedores para diversas localidades do interior, onde são realizadas as partidas de futebol paralelamente a várias outras atividades de lazer, como banhos de rio e danças de salão.

Outra forma de expressão da importância do futebol como prática esportiva, manifestação cultural e forma de representação das práticas sociais da sociedade manauense é demonstrada por Netto (2001) em seu estudo sobre a realização do Peladão, maior torneio mundial de futebol amador.

Nessa competição amadora de futebol, somente em 1998 o torneio arregimentou um total de 526 equipes participantes, com uma participação média de 11.572 atletas populares.

No torneio de 2012, foram 514 equipes na categoria de elite, 118 na categoria Master (atletas a partir de 40 anos de idade), no naipe feminino 33 atletas, no Peladinho 59 atletas entre 12 e 14 anos, e no recém-criado Peladão Indígena 20 equipes, totalizando assim 744 equipes participantes.

O quadro referenciado demonstra a presença da cultura futebolística na sociedade amazonense apesar do estágio atual do futebol profissional local. Porém, em relação ao ato de torcer por uma equipe de futebol profissional quais são as paixões dos torcedores barés? A primeira tentativa de buscar respostas para essa indagação foi com a realização de levantamento realizado em uma escola em Manaus¹ onde atuávamos como educador físico em 2008. O resultado obtido nessa pesquisa revelou a hegemônica preferência por clubes de outros estados, sobretudo do Rio de Janeiro e São Paulo e um total desconhecimento sobre os clubes locais de futebol profissional.

Outras pesquisas² demonstraram que as práticas torcedoras estão presentes na vida dos manauenses, direcionadas, porém para times de futebol profissional de outros estados.

A partir dessa premissa, surgiu em nós o desejo de conhecer quais as possíveis razões do distanciamento evidenciado entre os torcedores manauenses e os clubes de futebol profissional locais, nascendo assim o projeto de pesquisa que durante sua elaboração e execução estabeleceu como um de seus objetivos específicos identificar os motivos desse distanciamento.

A fim de confirmar as informações anteriormente mencionadas e antes de tentar identificar os motivos do distanciamento entre os torcedores manauenses e os times locais de futebol profissional, fomos a campo também pra saber se de fato esse distanciamento existe.

Assim, encontramos os seguintes resultados demonstrados no Gráfico 09: 34 torcedores afirmaram torcer pelo Flamengo, 16 pelo Vasco da Gama, 08 pelo São Paulo, 06 pelo Corinthians, 02 pelo Nacional de Manaus, e os times Fluminense, Santos, Botafogo, Palmeiras, Rio Negro e São Raimundo foram citados apenas por um torcedor respectivamente.

Os resultados obtidos mostram que os torcedores locais em sua grande maioria realmente tem como objeto de sua paixão clubística os times de futebol dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

¹ Pesquisa realizada no Centro Educacional Santa Teresinha com alunos do Ensino fundamental e médio. Fevereiro de 2008

² Pesquisa publicada no Jornal A Crítica (“A Força dos importados”, 28/03/08), encomendada à Empresa Perspectiva.

Entre 72 torcedores comuns pesquisados, apenas 4 disseram torcer por um time de futebol profissional local. Vale ressaltar que 48% dos sujeitos pesquisados torcem pelo Clube de Regatas Flamengo, confirmando a imensa popularidade desse clube em nossa cidade. Tal fato pode ser facilmente observado no uso de camisas do flamengo nos mais variados ambientes, esportivos ou não.

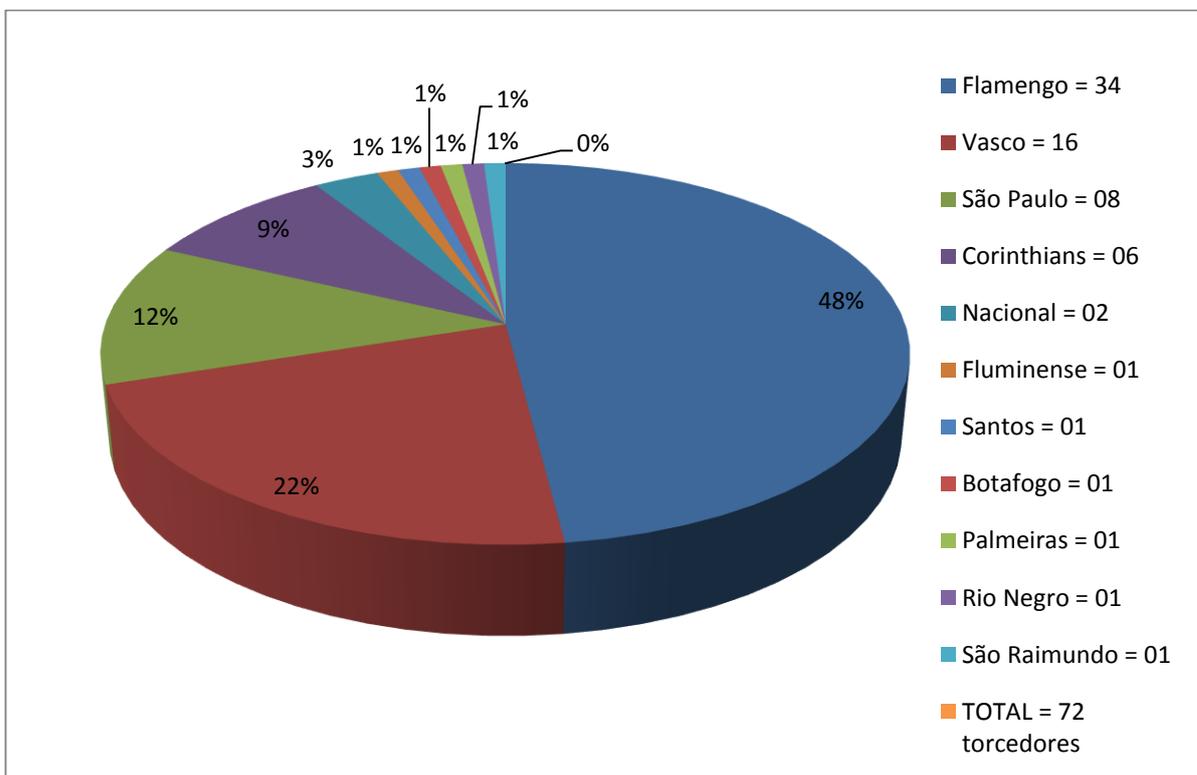


Gráfico 09 – Preferência dos torcedores comuns de futebol. Fonte: pesquisa de campo/ 2012.

3.1 Quem é o Torcedor Baré?

Apesar do atual momento do futebol amazonense foram escolhidos como sujeitos de nossa pesquisa as torcidas organizadas que torcem dos times locais, pois elas existem e possuem representatividade local. A coleta de dados da pesquisa envolveu 21 torcedores organizados da torcida Império Alvinegro, 18 da torcida organizada Narração e 15 da torcida organiza Furacão Azul, conforme demonstra o Gráfico 10.

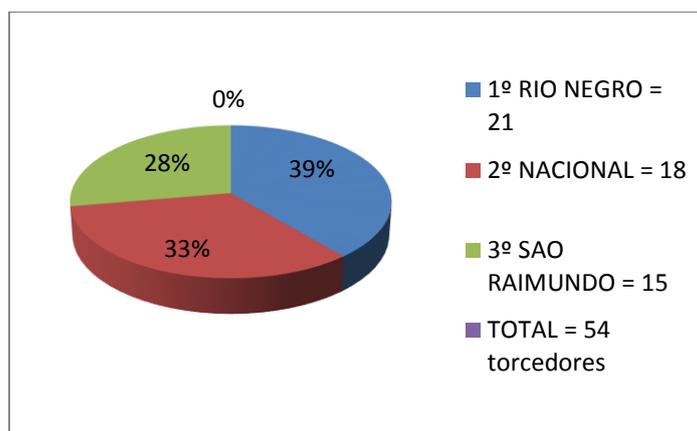


Gráfico 10 – Torcedores organizados participantes da pesquisa. Fonte: pesquisa de campo/ 2013.

Era nossa primeira intenção que o número de sujeitos pesquisados nas torcidas organizadas fossem 20 em cada uma delas. Porém, no momento da aplicação dos questionários e a realização das entrevistas, alguns torcedores desistiram de participar da pesquisa.

A primeira torcida organizada participante foi a *Império Alvinegro* do Atlético Rio Negro Clube, que no ano de 2013 apresentou resultados esportivos aquém do esperado, sendo rebaixado pela terceira vez para a segunda divisão do campeonato estadual em menos de 5 anos. É uma das torcidas com maior contingente de jovens, a maioria cursando o nível superior e apresentam capacidade logística para acompanhar o time nos jogos do campeonato amazonense nas diversas localidades onde são realizados.

Vale ressaltar que esta torcida organizada foi a que maior interesse e receptividade demonstrou quanto ao acolhimento dessa pesquisa, haja vista sermos convidados a participar das viagens que eram feitas pelos torcedores para acompanhar o seu time, Atlético Rio Negro Clube, fato que ocorreu em jogo no município de Itacoatiara localizado a 177 quilômetros de Manaus (Foto 01).



Foto 01 - Torcida organizada *Império Alvinegro*. Fonte: página de Facebook da torcida *Império Alvinegro*

A torcida organizada *Império Alvinegro* acompanhou o time em todos os jogos do campeonato amazonense realizados tanto na capital, Manaus, quanto no interior do Estado. Para conseguir levantar recursos para esse deslocamentos foram feitas diversas promoções como venda de camisas, rifas, bingos e festas.

A única torcida organizada que permaneceu entre aquelas que anteriormente haviam sido escolhidas para esta pesquisa foi a *Narraça*. Torcida do time Nacional Futebol Clube, que, segundo seu presidente Wilson Machado é a torcida organizada de maior tempo de existência na cidade de Manaus.

A foto 02 mostra a torcida organizada *Narraça* acompanhando o time na final do Campeonato Amazonense de Futebol de 2012.



Foto 02 - Torcida organizada Narrança. Fonte: site torcida organizada Narrança

A principal característica da torcida organizada *Narrança* é que seus membros não torcem por nenhum outro clube de futebol além do Nacional Futebol Clube, pois como veremos mais adiante, entre os demais torcedores locais existe uma segunda preferência clubista, o que não acontece com os membros dessa torcida.

Um fato que vale ressaltar é que esta torcida recentemente realizou uma campanha de valorização do futebol local com a distribuição de adesivos para carros que traziam a seguinte frase: “*Sou Amazonense, sou Naça, valorizo as coisas da minha terra*”, reafirmando que por serem amazonenses deveriam torcer por um time de Manaus.

Outra torcida escolhida para participar desta pesquisa foi a *Furacão Azul* do São Raimundo Esporte Clube, que em virtude dos títulos conquistados pelo clube no final da década de 90 e início dos anos 2000, conseguiu arregimentar muitos membros. A década de 90 foi o último grande momento do futebol amazonense.

Nesse período, o São Raimundo Esporte Clube conquistou o tricampeonato da Copa Norte (1999/2000/2001), competição da qual participavam os principais times da região Norte, e o vice- campeonato da série C do campeonato brasileiro.

A foto 03 mostra a torcida organizada *Furacão Azul* no Campeonato Amazonense de Futebol de 2013.



Foto 03 - Torcida organizada Furacão Azul. Fonte: site torcida organizada Furacão Azul

A torcida organizada *Furacão Azul* teve seu auge no final da década de 90 e início dos anos 2000 pois o seu time de preferência o São Raimundo Esporte Clube, foi o último time local a conseguir resultados expressivos a nível nacional, o que fez com que muitos torcedores amazonenses torcessem pelo São Raimundo e se filiassem a esta torcida organizada, a qual se caracteriza pelos protestos feitos nos campo de futebol onde são realizadas as partidas.

O último desses manifestos aconteceu no campeonato amazonense de 2013 quando seus filiados levaram uma faixa ao estádio com os seguintes dizeres: “ *senhores árbitros de futebol, se forem roubar, roubem com moderação*”, fato que gerou uma multa imposta pela Federação Amazonense de Futebol de R\$ 5.000,00 que até o fim dessa pesquisa de campo ainda não tinha sido paga, o que lhes faz correr o risco de ser extinta enquanto torcida organizada.

Verificamos no decorrer da pesquisa de campo que as torcidas organizadas pesquisadas acompanham diariamente os seus clubes de preferência através dos sites dos clubes, dos meios comunicação, principalmente nos diversos jornais impressos de nossa cidade. Esse acompanhamento também acontece com visitas regulares aos locais de treinamento dos times, incentivando e cobrando empenho e dedicação dos jogadores.

Outro fato que vale a pena ressaltar é que as torcidas organizadas pesquisadas não acompanham somente os jogos dos times profissionais de seus clubes de preferência, mas também acompanham com o mesmo entusiasmo os jogos das equipes

das categorias de base, ou seja, os times infantis, juvenis e juniores ao longo de todo ano.

A coleta de dados da pesquisa junto às torcidas organizadas aconteceu nos locais onde as torcidas faziam reuniões, normalmente na casa do presidente da torcida, nos estádios onde eram realizadas as partidas de futebol dos times e em alguns bares onde os torcedores se reuniam após as partidas.

Além dos torcedores organizados também fizeram parte dessa pesquisa os torcedores comuns, com a finalidade de se averiguar suas percepções sobre os significados do ato de torcer e se estas diferiam das percepções dos torcedores organizados, assim como também para conhecer quais os times de sua preferência.

No caso dos torcedores comuns, a coleta de dados da pesquisa aconteceu em bares onde os torcedores se reuniam para assistir os jogos, principalmente os localizados na Praça do Caranguejo no conjunto residencial Eldorado, bairro Parque 10, em Manaus, já consolidado por grande número de torcedores como local preferido para assistir jogos e torcer pelo seu time.

Apresentaremos os dados extraídos através do questionário que foi aplicado em 126 torcedores que trará informações sobre o perfil socioeconômico que consideramos relevantes para o nosso estudo: estado civil, gênero, faixa etária, renda mensal e nível de escolaridade.

Com relação ao estado civil dos torcedores organizados (Gráfico 11), nossa pesquisa apresentou os seguintes dados: 22 casados, 30 solteiros, 01 viúvo e 01 divorciado.

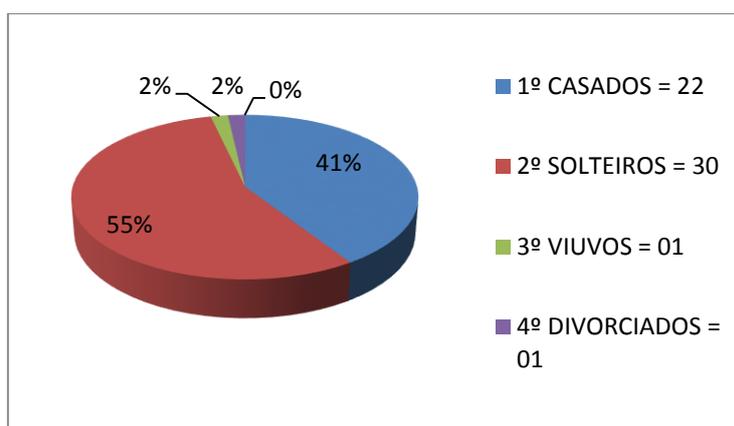


Gráfico 11 – Perfil dos torcedores organizados por estado civil. Fonte: pesquisa de campo/ 2012.

Já entre os torcedores comuns participantes da pesquisa (Gráfico 12) são 21 casados, 43 solteiros, 02 viúvos e 06 divorciados.

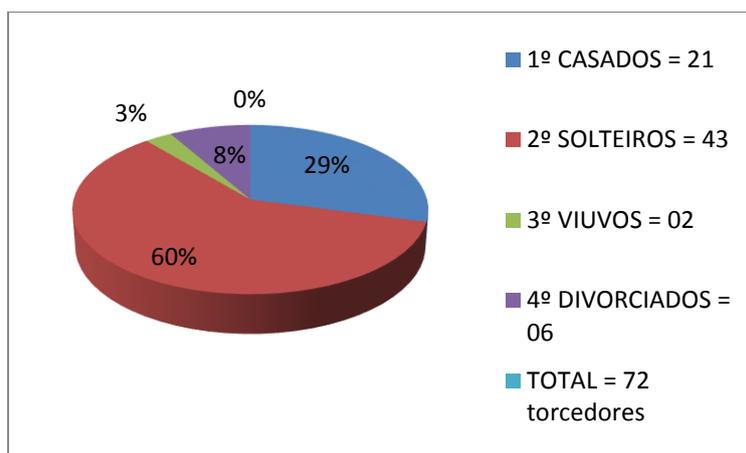


Gráfico 12 – Perfil dos torcedores comuns por estado civil. Fonte: pesquisa de campo/ 2012.

Pudemos perceber na pesquisa de campo realizada em bares que o número de torcedores comuns solteiros é bastante superior ao dos casados. Já na pesquisa de campo feita nos estádios de futebol esses números praticamente se equivalem. É possível que a explicação dessa ocorrência esteja atrelada ao fato de que a nossa pesquisa de campo em bares ocorreu, na maioria das vezes, nos dias de quarta-feira e quinta-feira onde havia uma predominância de pessoas solteiras ou de casais de namorados. Nas vezes em que fizemos nossa pesquisa de campo em bares nos finais de semana percebemos que o número de solteiros e casados quase se equiparavam cabendo aqui uma série de interpretações que não é objetivo desse estudo.

Dos 54 torcedores organizados pesquisados, 40 eram do sexo masculino e 14 do sexo feminino (Gráficos 13).

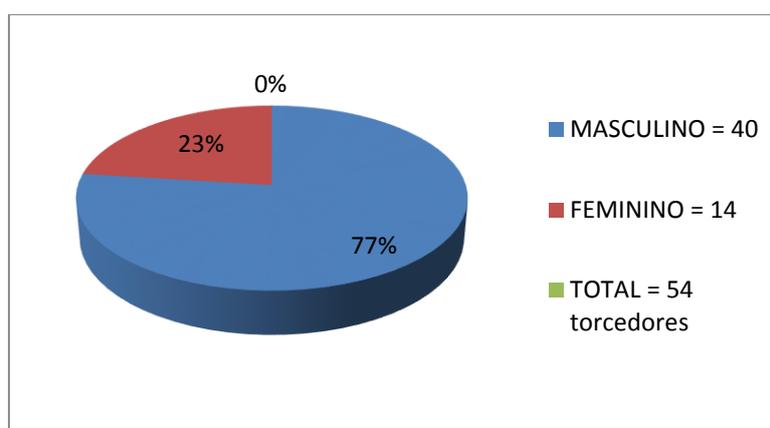


Gráfico 13 – Perfil dos torcedores organizados por sexo. Fonte: pesquisa de campo/ 2012.

Dos 72 torcedores comuns pesquisados, 54 homens e 18 mulheres conforme demonstra o gráfico 14.

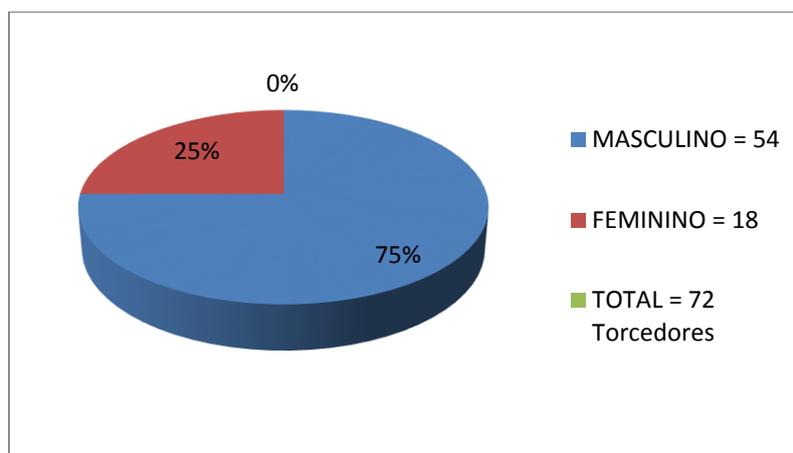


Gráfico 14 – Perfil dos torcedores comuns por sexo. Fonte: pesquisa de campo/ 2012.

Os dados mencionados demonstram que, apesar da mulher se fazer cada vez mais presente nas práticas torcedoras, ainda existe um predomínio masculino nesse universo. Corroborando com essa afirmativa (REIS e ESCHER, 2006) ressaltam que o futebol pode ser apontado como uma área de predomínio e dominação masculina.

A presença de mulheres torcedoras nos estádios e em bares é visivelmente menor que a dos homens. Entretanto, é possível uma interpretação diferente destes dados, que não o de simples predomínio masculino. Campos e Silva (2009) afirmam que as mulheres “vêm participando da construção desse espetáculo tornando-o uma das principais atividades de lazer” da população feminina, ainda que esta incorporação apresente obstáculos e preconceitos.

Se por um lado os estádios e os bares ainda não são espaços ocupados frequentemente pelas mulheres, pode-se perceber que o ato de torcer por um clube não remete à mesma resposta. Lembro aqui o explicitado por Damo (1998, p.13) quando afirma que “a contrapartida da fidelidade clubística é a liberdade com que cada torcedor constrói e vivencia seu pertencimento”. As mulheres podem ainda não ser frequentadoras assíduas dos estádios e em bares onde foi realizada nossa pesquisa, contudo constroem e vivenciam seu pertencimento clubístico de distintas maneiras enfrentando as mesmas dificuldade que encontram nos demais seguimento sociais.

Encontramos a seguinte distribuição dos torcedores organizados por faixa etária: 24 torcedores com até 21 anos de idade, 17 com idade entre 22 a 40 anos e 13 torcedores acima dos 40 anos de idade (Gráfico 15).

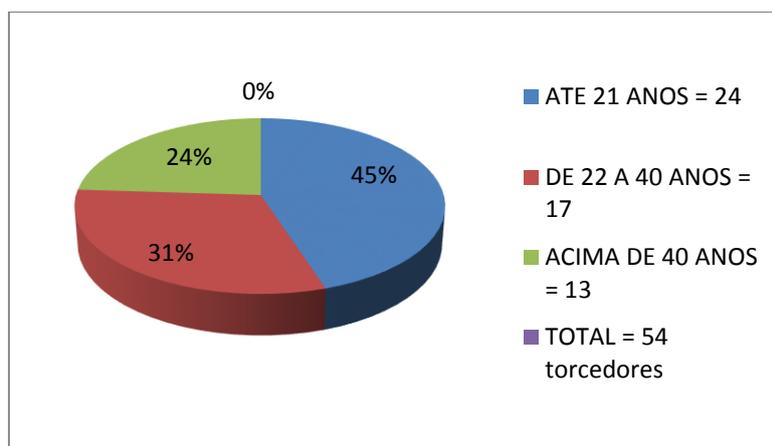


Gráfico 15 – Distribuição dos torcedores organizados por faixa etária. Fonte: pesquisa de campo/ 2012.

Essa distribuição por faixa etária entre os torcedores organizados está relacionada às características específicas de cada torcida pesquisada e pelo tempo de existência da mesma.

A torcida *Império Alvinegro*, fundada no início de 2012 tem em seus membros predominância da faixa etária até 21 anos de idade. A torcida *Furacão Azul*, que foi fundada no final da década de 90 tem uma predominância de faixa etária de até 40anos de idade. Já na torcida organizada *Narraça*, fundada em setembro de 1991, predomina a faixa etária acima de 40 anos.

A partir desses dados podemos presumir que a adesão a uma torcida organizada provavelmente acontece aproximadamente até 21 anos de idade, podendo acompanhar o indivíduo por muitos anos.

No grupo dos torcedores comuns encontramos os seguintes dados com relação à faixa etária: 21 torcedores com até 21 anos, 17 torcedores entre os 22 e 40 anos e 21 acima dos 40 anos de idade, conforme demonstra o Gráfico 16.

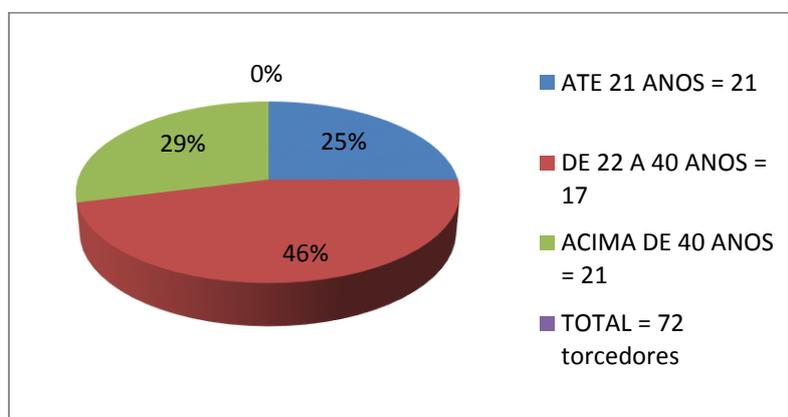


Gráfico 16 – Distribuição dos torcedores comuns por faixa etária. Fonte: pesquisa de campo/ 2012.

No grupo dos torcedores comuns verificamos que a presença do ato de torcer está distribuída praticamente de forma igualitária nas faixas etárias pesquisadas. Podemos deduzir, a partir dos dados coletados, que o gosto pelo futebol está presente em grande parte da vida do indivíduo.

Referente à renda mensal (Gráfico 17), 15 torcedores organizados afirmaram não ter nenhuma renda, 16 tem renda mensal de até 03 salários mínimos e 05 possuem renda mensal superior a 03 salários mínimos.

Um fator que pode explicar que 33 torcedores organizados não possuem renda nenhuma é que a maioria desses torcedores são jovens estudantes de nível superior e que ainda não estão inseridos no mercado de trabalho formal.

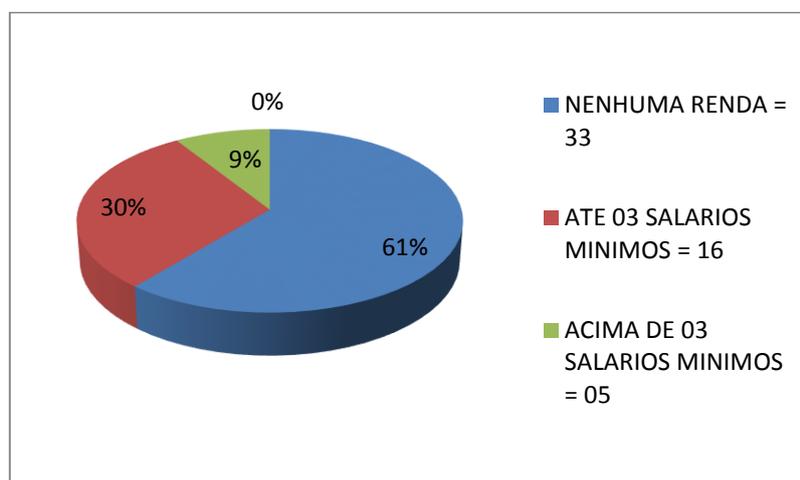


Gráfico 17 – Distribuição dos torcedores organizados por renda mensal. Fonte: pesquisa de campo/ 2012

No caso dos torcedores comuns, a renda mensal distribui-se da seguinte forma: 15 com nenhuma renda, 49 com até 03 salários e 08 acima de 03 salários mínimos, conforme demonstrado no Gráfico 18.

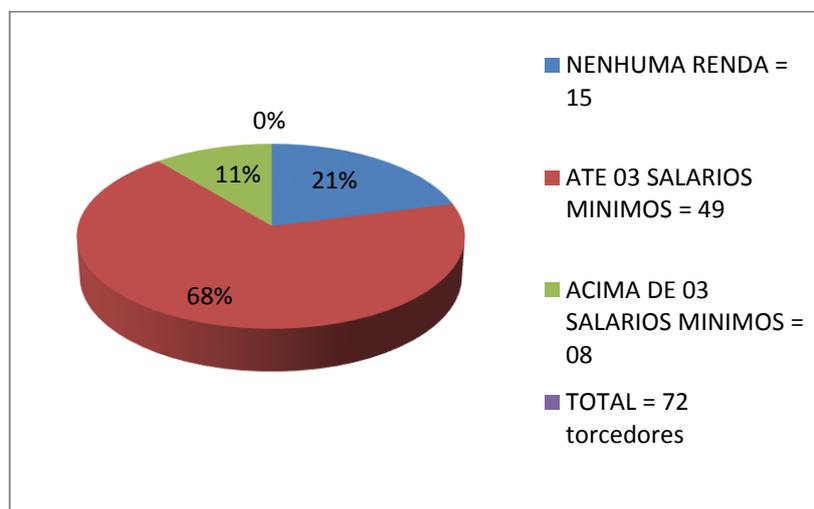


Gráfico 18 – Distribuição dos torcedores comuns por renda mensal. Fonte: pesquisa de campo/ 2012.

O nível de escolaridade dos torcedores organizados (Gráfico 19) se apresenta da seguinte forma: 02 com ensino fundamental completo; 02 com ensino médio incompleto; 10 com ensino médio completo; 16 com ensino superior incompleto; 19 com ensino superior completo e 05 com pós-graduação.

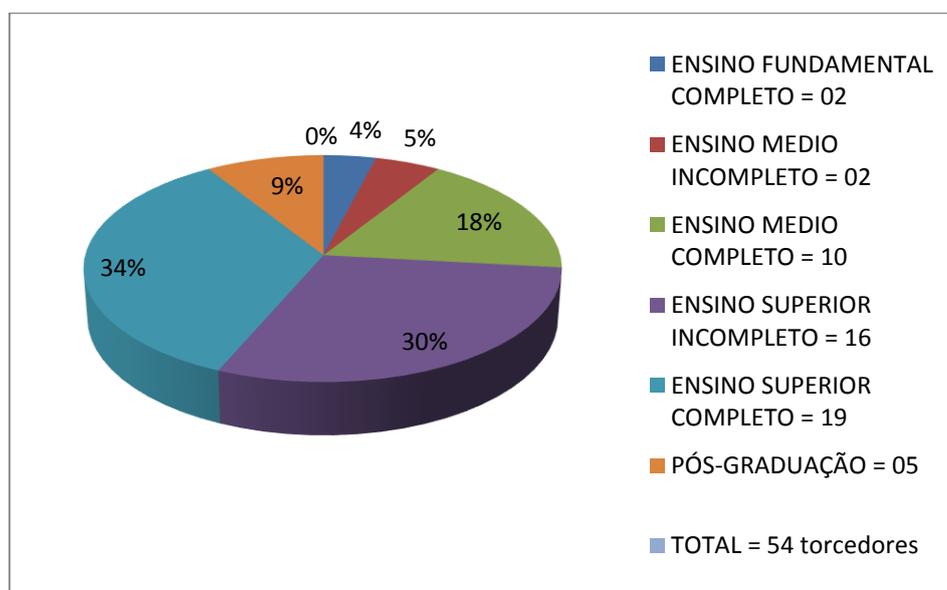


Gráfico 19 – Distribuição dos torcedores organizados por nível de escolaridade. Fonte: pesquisa de campo/ 2012

No que diz respeito ao nível de escolaridade dos torcedores comuns (Gráfico 20), 03 que tinham o ensino fundamental incompleto; 05 com ensino fundamental completo; 09 com ensino médio incompleto; 14 com ensino médio completo; 21 com ensino superior incompleto; 15 com superior completo e 05 com pós-graduação.

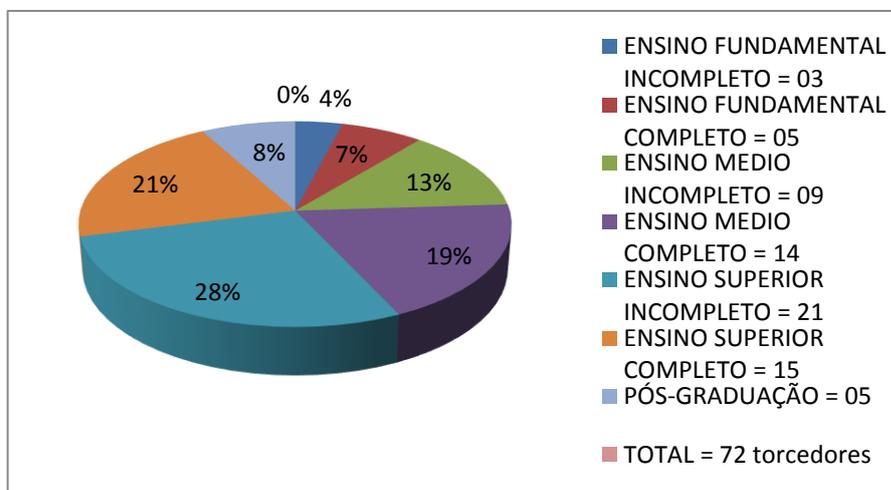


Gráfico 20 – Distribuição dos torcedores comuns por nível de escolaridade. Fonte: pesquisa de campo/2012.

Em relação ao nível de escolaridade dos torcedores pesquisados, tanto dos organizados quanto dos comuns, verificou-se que o ato de torcer está presente nos segmentos mais escolarizados, pois em nossa pesquisa a maioria dos torcedores sujeitos pesquisados está situada entre os que possuem nível superior incompleto até a pós-graduação.

Essas informações são relevantes porque o torcedor de futebol em algumas situações é visto pelo senso comum de um modo depreciativo. Para alguns intelectuais aquele que frequenta estádios é, em geral, um indivíduo “pobre” intelectualmente, com atitudes irracionais, de mentalidade provinciana e fala coloquial. É possível que a razão dessa corrente de pensamento esteja relacionada ao fato do futebol ser considerado um esporte de massa e em virtude da simplicidade aparente das práticas torcedoras.

3.2 Por que o torcedor baré se distancia dos clubes de futebol profissional locais?

Junto aos torcedores pesquisados e nos apoiando em autores que fazem parte de nosso estudo, encontramos respostas que podem ser divididas em quatro principais grupos de motivos:

- a) Influência dos meios de comunicação;
- b) Má gestão dos clubes locais e da Federação Amazonense de futebol;
- c) Falta de identificação com os elementos culturais locais;
- d) A não participação dos times locais nas principais competições nacionais.

No que se refere aos meios de comunicação, os fomentadores deste distanciamento seriam a força da representatividade da imprensa do Sul e no Sudeste em detrimento da imprensa local. É o que expressa o torcedor 52:

A imprensa esportiva do Rio de Janeiro e de São Paulo se impõem e mostram os jogos que querem, no horário que querem aqui pro Amazonas. Deve ser pela força econômica desses Estados. Mas o fato é que ninguém reclama disso. E a nossa imprensa vive comentando os jogos de lá. É claro que ainda existem alguns poucos jornalistas que falam do nosso futebol, mas a maioria do tempo é dedicada a esses clubes de fora. Como vamos pensar no Rio Negro e no Nacional se eles nunca aparecem na televisão? Meus filhos não fazem idéia da existência deles. Difícil, muito difícil mudar isso. É a merda dessa Globo que determina tudo nesse país. (Torcedor 52, entrevista /2013)

É fato o que expressa o torcedor 52, porém há que se ressaltar que nos 3 últimos campeonatos amazonenses de futebol uma rede de televisão local transmitiu os jogos, entretanto, os níveis de audiência foram prejudicados pela concorrência direta com a transmissão de outros jogos pela rede de televisão que detêm a hegemonia de audiência no Amazonas e no Brasil inteiro.

Concordando com o torcedor 52, apresentaremos a fala do torcedor 55 sobre essa mesma temática:

O futebol amazonense foi esquecido pela imprensa. Aparece uma coisinha de nada aqui, outra ali. Você abre o jornal e tem 3 ou 4 páginas falando dos times do Rio de Janeiro: sobre o treinador, sobre o esquema da equipe, quem tá machucado, quem comprou quem, qual vai ser o próximo jogo, aparece a torcida nos estádios. Na televisão é a mesma coisa. Até no rádio é assim, não tem uma rádio FM que transmita os jogos daqui, até pra sintonizar o rádio AM pra ouvir os jogos campeonato amazonense é escroto. Tá certo que o nosso futebol tá uma merda, a gente não ganha nada e jornal tem que vender, mas como a gente vai sair dessa situação sendo invisível? (Torcedor 55, entrevista/ 2013)

Sobre essa realidade e apresentando um possível caminho de compreensão sobre a mesma, Damo (2007) afirma que a divulgação dos meios de comunicação em alta escala sobre os clubes do eixo Rio-São Paulo está diretamente relacionada com o poderio econômico das regiões onde estes clubes estão inseridos. O autor resalta ainda que as preferências clubísticas, assim como outras dinâmicas culturais não ficam alheias as influências econômicas e aos seus desdobramentos.

Ainda sobre o papel dos meios de comunicação no distanciamento entre os torcedores e os times locais de futebol de futebol profissional, o torcedor 39 se expressa da seguinte maneira:

O problema dessa situação são os novos jornalistas. Esses caras nunca viram os momentos de glória do nosso futebol. Cresceram e se tornaram jornalistas vendo os times do Rio jogar. Estão sob essa influência como a maioria dos jovens de nossa cidade. São os caras bem formados que estão substituindo nossos velhos jornalistas que já estão morrendo ou se aposentando. Sabem de tudo sobre futebol, só não sabem que nós já batemos em muitos times do Rio e de São Paulo. Tenho muita saudade de ouvir a crônica do Orlando Ribeiro, do Flaviano Limonge que já morreram, das narrações do Arnaldo Santos e do Waldir Corrêa que nunca mais ouvi. Mas ainda torcemos pelos times daqui. Na verdade torço pelo Naça e só vou deixar de torcer por ele quando morrer. (Torcedor 39, Entrevista/ 2013)

Outro motivo apontado como fator de distanciamento entre os torcedores de futebol e os clubes profissionais locais é a má gestão dos clubes locais e da Federação Amazonense de futebol.

Sobre a gestão do futebol profissional feita pela Federação Amazonense de Futebol/FAF, assim se expressa o torcedor 19:

Meu amigo com esse caras que administram nosso futebol não tem jeito não. Esse Dissica está a mais 20 anos no poder, é prefeito de Eirunepé, como pode comandar o nosso futebol? Em 20 anos de gestão desse cara o que conquistamos? Se tivesse uma série no futebol brasileiro estaríamos nela, entramos em um abismo e nunca mais saímos. Nunca vi esse cara nenhuma vez no estádio! Já caiu o Ricardo Teixeira (presidente da Confederação Brasileira de Futebol/CBF), só esse cara não sai! Alguém tem que fazer alguma coisa pra acabar com essa ditadura. (Torcedor 19, entrevista/ 2013)

Os resultados alcançados pelos clubes amazonenses de futebol na gestão atual da FAF e que já dura mais de 20 anos, são realmente pouco expressivos. Com exceção do tricampeonato da Copa Norte (1999/2000/2001), competição da qual participavam os principais times da região norte, e o vice- campeonato da série C do campeonato brasileiro de 1999, o futebol amazonense não alcançou nenhum outro título de expressão nacional.

Sobre a responsabilidade da FAF sobre a realidade do futebol profissional local e consequentemente o afastamento do torcedor dos estádios apresentamos a fala do torcedor 5:

A Federação Amazonense de Futebol, gestora principal do nosso futebol, está a muito tempo afastada da realidade administrativa e cada vez mais distante do seu verdadeiro papel. Não basta somente o órgão gerenciar uma tabela sem levar em consideração as questões econômicas, técnicas e de público. Um ponto a ser discutido prioritariamente é diferenciar o nosso calendário local do calendário nacional em razão do período de chuvas que afasta o público dos estádios. Como dica acho que deveríamos começar o nosso campeonato pelo menos em Maio pra fugir das chuvas. Outra coisa que a nossa federação não faz é que sem o apoio da imprensa não vamos a lugar nenhum. Veja o que aconteceu após uma semana de intensa divulgação sobre Clássico Rio Negro e Nacional que completava 100 anos: lotamos o estádio do SESI e todos os torcedores estavam com a camisa do seu clube. Pra mim é por aí. (Torcedor 5, entrevista/ 2012)

Em nossa pesquisa de campo vivenciamos esse jogo relatado pelo torcedor 05 e realmente foi impressionante esse momento. Não percebemos nenhum torcedor com camisa de time de outro estado. O que vimos foi de um lado uma multidão de pessoas com camisas preta e branca e do outro uma multidão de pessoas vestindo azul. Ter presenciado esse momento nos fez voltar ao tempo aonde íamos ao extinto estádio Vivaldo Lima na companhia de nossos pais.

A adequação do calendário do futebol profissional sugerida pelo torcedor 05, que levasse em consideração as condições climáticas de nossa região, já foi proposta e debatida em muitos momentos, porém tem esbarrado sempre nas imposições da CBF que exige que as competições locais terminem antes do início das competições nacionais.

Uma vez que os times de futebol profissional do Amazonas não estão participando das principais competições nacionais, quais seriam então os reais motivos para o impedimento da construção do calendário esportivo local mais adequado à realidade climática local? Para essa pergunta não obtivemos resposta.

Porém, a má gestão como causadora do distanciamento do torcedor de futebol e os clubes locais não se refere apenas Federação Amazonense de Futebol, estando também relacionada aos clubes de futebol profissional de nosso Estado.

Sobre esse modelo de gestão esportiva dos dirigentes de clubes de profissional local assim se posiciona o torcedor 30:

A primeira coisa pra mudar essa realidade dos amazonenses torcerem pelos times de fora é botar gente de confiança na presidência dos clubes. Todo ano o governo e prefeitura injetam dinheiro nos time de futebol. Ninguém sabe o que eles fazem com a grana, nunca prestaram conta pra ninguém. Só contratam jogadores desconhecidos e que não levam ninguém para os estádios. Mas o bolso deles vive cheio e o nosso futebol está cada vez pior. Como pode termos aqui o pólo industrial que temos e ninguém patrocinar uma equipe daqui. É uma questão de credibilidade (Torcedor 30, entrevista/2013).

Corroborando com a fala do torcedor 30, em um debate realizado na Assembleia Legislativa do Amazonas em março de 2011, o deputado estadual Marcos Rotta afirmava que nos últimos anos milhões e milhões de reais foram investidos no futebol amazonense sem, contudo, os torcedores e nem o desporto de uma maneira geral terem obtido algum tipo de resultado prático com esse investimento público.

Sobre a possibilidade de investimentos das indústrias do Distrito Industrial, Rotta defende que isso só vai acontecer quando for resgatada a imagem do futebol amazonense, que sofre por conta das gestão dos recursos. O deputado, acrescenta que ao tentar tratar desse assunto com um representante do Polo Industrial de Manaus-PIM foi informado que, por desacreditarem no gerenciamento dos recursos, as empresas não investem nos clubes de futebol locais.

É nossa opinião que a não prestação de contas sobre o dinheiro público investido nos clubes de futebol profissional, aliada a pouca visibilidade nacional dos mesmos, são

as principais causas do não investimentos das empresas do polo industrial de Manaus no futebol local.

Um exemplo desse modelo de gestão dos clubes locais foi o que aconteceu com o América Futebol Clube no ano de 2010. O América nesse ano foi o vice-campeão da Série D e foi punido com a perda de seis pontos mais a multa de R\$ 300,00 (trezentos reais), em virtude da escalação irregular de um jogador.

Por essa razão, o clube perdeu os pontos da partida, válida pelas quartas-de-final da competição e perdeu a chance de disputar a série C no ano seguinte. Tal fato não teria ocorrido se alguém do clube tivesse percebido que o referido jogador não tinha condições de jogar por ter tomado o segundo cartão amarelo na competição e ter que cumprir obrigatoriamente uma partida de suspensão, o que de fato não ocorreu causando assim a penalidade imposta ao clube amazonense.

Ainda sobre esse modelo de gestão dos clubes e abordando outro aspecto, assim se expressa o torcedor 07:

O futebol profissional no Brasil caminha a passos largos pra uma total profissionalização em todos os seus setores. O problema é que essa profissionalização na chegou ao futebol profissional do Amazonas. Não existem setores competentes para as várias demandas do clube. Tudo fica na mão do presidente que trata do clube como se fosse a sua casa. E o pensamento amador prevalece. Resolvem-se as coisas com o jeitinho, não há planejamento sistemático de ações. Por exemplo, você já ouviu algum dirigente apresentar um plano de perspectiva para chegar até a serie A do campeonato Brasileiro? Trabalho há muito tempo com gestão de pessoas e sei que sem um planejamento feito por profissionais especializados não se chega a nenhum lugar. E por isso vamos continuar sendo o quintal do Rio de Janeiro em quase tudo, inclusive do futebol. (Torcedor 07, entrevista/ 2012)

Na opinião de Brunoro e Afif (1997, p. 57), um clube de futebol deve contar com os seguintes departamentos:

- Departamento técnico, que deve preocupar-se com a operação do time de futebol e pode ser dividido em setor profissional e amador;
- Departamento administrativo e de recursos humanos, organizado para as atividades de suporte ao departamento técnico: atividades burocráticas (registros, assessoria jurídica, etc.), logística interna e externa (reserva de hotéis, alimentação e locais de treinamento, provisão de materiais esportivos, etc.) e elaboração de política salarial e de carreira e sistemas de recompensa;

- Departamento financeiro, que está subordinado ao departamento administrativo e tem como função o controle do fluxo de caixa para o cumprimento das diretrizes traçadas;
- Departamento de marketing que cuida de valorizar a marca e a imagem do clube para a maximização e a captação de receitas;
- Departamento de Patrimônio: é o responsável pela gestão do centro de treinamento e do estádio.

Apesar de alguns clubes alegarem possuir os departamentos acima mencionados, ousamos dizer que é provável que a condução dos mesmos seja feita por pessoas não capacitadas para tal, pois objetivamente não é perceptível a atuação dos mesmos.

Outro possível motivo encontrado para o distanciamento do torcedor manauense dos clubes de futebol local é a falta de identificação com os elementos culturais locais.

Sobre esse aspecto, assim se pronuncia o torcedor 55:

O problema é que aqui no Amazonas existe o *Amarioca*. É uma raça batizada por mim. Assim chamo os amazonenses que torcem por times do Rio de Janeiro. É um problema cultural, ou falta de cultura mesmo. Os caras passam uma semana no Rio de Janeiro e já voltam querendo falar como carioca. Pra essa raça nada daqui presta. Tudo de fora é melhor, seja o futebol, os médicos, o clima, as mulheres. Tudo. Chega a dar nojo dessa raça. Eu não. Quando estava nascendo ouvi minha mãe dizendo naça meu filho, naça por favor ! e aqui estou eu . Sou naça desde o nascimento. Quando me pergunto por qual time eu torço em Manaus eu digo Nacional. Quando perguntam qual time torço fora do Estado eu digo Nacional. Não tenho duas mulheres porque teria dois times? Tenho muito orgulho de tudo que tem no meu Estado! Por isso sou naça até morrer! (Torcedor 55, entrevista/ 2012)

Ainda sobre essa realidade, assim se pronuncia o torcedor 49:

Infelizmente os amazonenses não tem amor próprio. Nas raras vezes em que um time daqui joga contra um time do Rio de Janeiro, o estádio fica lotado de gente torcendo contra os times daqui. É uma vergonha vê os caras sacaneando nossos times, vibrando e torcendo por um bando de jogadores que nem sabe que eles existem. Que reclamam do clima da cidade, que dizem que aqui é o fim do mundo. Ai nosso time perde e vai todo mundo embora feliz. Sei que não tem mais jeito, mas essa situação me deixa envergonhado, nunca vi um povo com tamanha falta de identidade, a minha mulher é paraense e ela diz que isso não tem por lá não. (Torcedor 49, entrevista/ 2012)

Apesar de verificarmos na sociedade manauense muitos aspectos da fala dos torcedores 55 e 49, não podemos incorrer no erro de uma interpretação superficial dessa realidade, pois se faz necessário um aprofundamento que possibilite uma tentativa de

compreensão dos fenômenos e de suas causas. No caso do presente estudo, as razões do distanciamento dos torcedores manauenses e os clubes locais.

Quando perguntamos aos torcedores de futebol sujeitos de nossa pesquisa sobre o que era identidade cultural para eles, a grande maioria dava a entender que era uma série de características, tais como a estrutura fixa e intocável de determinada sociedade ou grupo de pessoas. Será que é esse o verdadeiro significado de identidade?

Para Hall (1977), identidade cultural é vista como uma forma de identidade coletiva característica de um grupo social que partilha as mesmas atitudes. Está apoiada num passado com um ideal coletivo projetado e se fixa como uma construção social estabelecida e faz os indivíduos se sentirem mais próximos e semelhantes.

É ela a responsável pela identificação e diferenciação dos diversos indivíduos de uma sociedade, sendo esta comparada em diversas escalas. A identidade cultural de determinado povo está intimamente ligada à memória deste, mas não pode ser vista como sendo um conjunto de valores fixos e imutáveis que definem o indivíduo e a coletividade a qual ele faz parte. Faz parte do processo de sobrevivência das sociedades a incorporação de elementos novos e isso é o que as mantém ao longo do tempo.

A partir das afirmativas de Hall (1977) e considerando o ato de torcer como um elemento de identificação cultural, podemos supor que esse processo de assimilação de novos elementos ocorreu com o passar dos anos entre os torcedores locais. Com a pós-modernidade e todo o processo de desenvolvimento das novas informações e tecnologias, torna-se difícil a percepção de contornos nítidos do que chamamos “identidade cultural” de determinada sociedade.

Verificamos na maioria dos torcedores de futebol pesquisados a existência de uma identidade cultural esportiva, que para eles não está relacionada e nem se opõe ao fato de serem manauenses. Segundo Hall (1977) a identidade cultural, seja ela de qualquer natureza ou a identidade cultural esportiva como no caso específico de nosso estudo, é fator condicionante da relação indivíduo-sociedade, pois é através dela que o indivíduo se adapta e reconhece um ambiente como seu. Dessa forma, sem a identidade cultural seria impossível que as pessoas se encaixassem em uma sociedade com características próprias.

Outro motivo destacado para o distanciamento dos torcedores manauenses e os clubes de futebol locais é a não participação desses clubes nas principais competições nacionais. É o que verificamos na fala do torcedor 17:

Eu até gosto dos times daqui, vou ao estádio ver os jogos do campeonato amazonense e me divirto muito. O problema é que depois de Maio praticamente não tem mais futebol em nossa cidade e não posso ficar sem torcer. Dai torço pelo meu Botafogo até dezembro, ele tá na primeira divisão, pode até não ganhar mas me garante a farra de ver meu time jogando, porque eu gosto mesmo é de torcer! (Torcedor 17, entrevista/ 2012)

E ainda o torcedor 24:

A gente até tenta torcer por um time do nosso Estado, mas na série D é difícil né? Eles não ganham nada, nunca aparecem na televisão, não tem expressão nenhuma. Bom mesmo é torcer pelo Flamengo, ele aparece toda hora na mídia e tem uma galera que torce pelo mengo, somos uma nação. (Torcedor 24, entrevista/ 2012).

Em concordância com os torcedores mencionados, Damo (2007) afirma que o torcedor segue clubes locais, mas se nenhum deles participa da elite do futebol, o torcedor escolhe um clube de outra praça. O importante é fazer uma escolha, visto que é necessário engajar-se para sentir em plenitude as emoções clubísticas, assim como quem não tem galo em Bali pode apostar nos galos dos outros (GEERTZ, 1989).

A seguir, apresentaremos o Gráfico 21 que demonstra esse desejo do manauense em participar das emoções clubísticas. O referido gráfico nasceu da pergunta número 8 de nosso questionário: *Além do seu time de preferência você torce por mais algum outro time?*

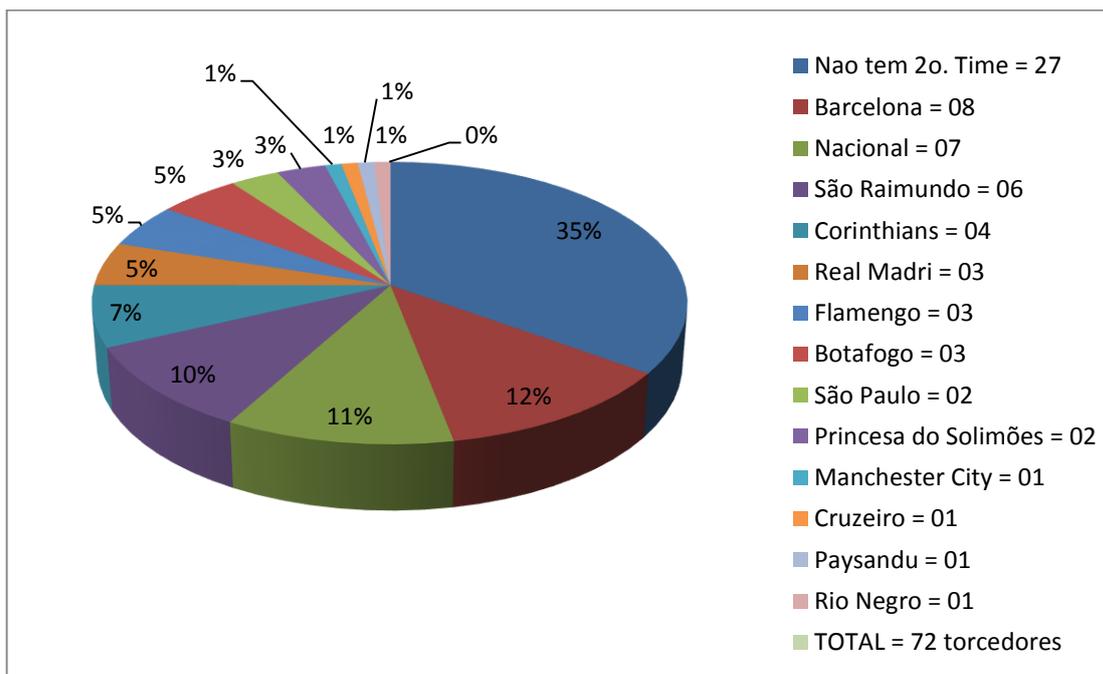


Gráfico 21 – Segundo time de preferencia dos torcedores comuns de futebol. Fonte: pesquisa de campo/ 2013.

Vale ressaltar que 13 torcedores apontaram como seu segundo time de preferência times de outros países como o Barcelona e o Real Madri, o que parece demonstrar que a exposição desses times na mídia de forma globalizada influencia também a preferência clubísticas dos manauenses, fato já bastante comentado em nosso estudo.

Foi feita no decorrer deste capítulo uma análise das possíveis causas do distanciamento entre os torcedores manauenses e os clubes de futebol profissional locais e a paixão por times de futebol de outros Estados.

As explicações encontradas têm sua parcela de verdade, passíveis de serem contestadas e não podem ser vistas isoladamente, dado que estas explicações se articulam em determinados momentos.

A paixão por times de outros estados ou países está presente na vida de muitos manauenses e foi evidenciada no decorrer de nossa pesquisa de campo. Existem, porém, muitos torcedores que torcem por times locais, expressando uma paixão semelhante aos torcedores que torcem pelos times de “fora”.

Enquanto sistema simbólico, o ato de torcer define redes de relacionamento e identidades sociais, apenas deslocando o objeto-alvo, seja ele local, nacional ou mundial (global), em função de algumas variáveis destacadas na análise do discurso dos torcedores.

3.3 Significados sociais do ato de torcer para a torcida baré

Apresentaremos agora gráficos descritivos dos grupos de sujeitos pesquisados, onde foi possível analisar os detalhes sobre os diferentes aspectos socioculturais que estão relacionados às discussões até aqui apresentadas e aos significados do ato de torcer por uma equipe de futebol profissional em Manaus segundos sujeitos entrevistados.

Adentrando nas questões subjetivas, perguntamos sobre a importância do ato de torcer por seu time de preferência para os torcedores organizados (Gráfico 01) e para os torcedores comuns (Gráfico 02).

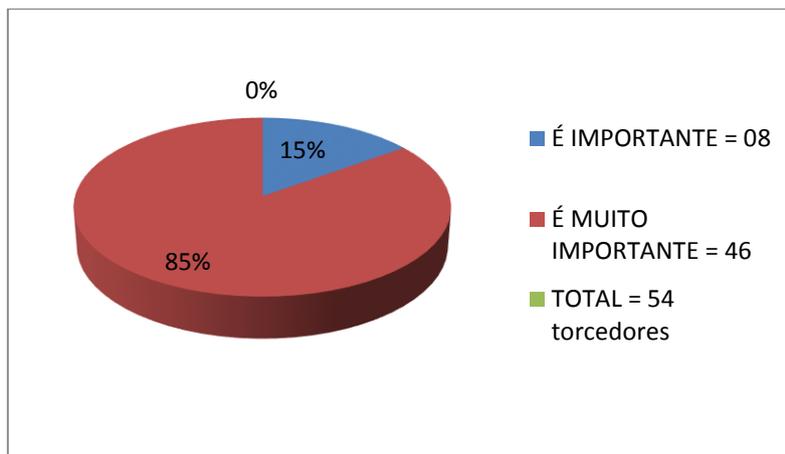


Gráfico 01 – A importância do ato de torcer para o torcedor organizado de futebol. Fonte: pesquisa de campo/ 2012.

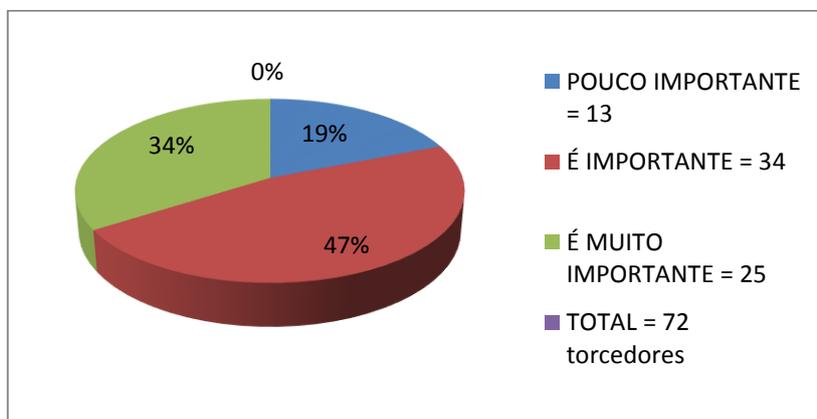


Gráfico 02 – A importância do ato de torcer para o torcedor comum de futebol. Fonte: pesquisa de campo/ 2012

De acordo com os dados apresentados nos gráficos verifica-se que para os torcedores organizados a importância do ato de torcer é maior do que para os torcedores comuns, uma vez que nenhum torcedor organizado considerou pouco importante a sua prática torcedora. Já entre os torcedores comuns o percentual dos que a consideraram de pouca importância foi de 19 por cento. O percentual dos que consideram o ato de torcer muito importante foi maior também entre os torcedores organizados revelando que apesar do futebol e as representações simbólicas contidas nele estarem presentes na vida da maioria dos sujeitos pesquisados, entre os organizados acontece de forma mais ampla.

No que se refere ao sentimento que o torcedor tem com relação aos que torcem pelo mesmo time que ele (Gráficos 03 e 04), e as formas de relacionamento (Gráficos 05 e 06) encontramos os seguintes dados:

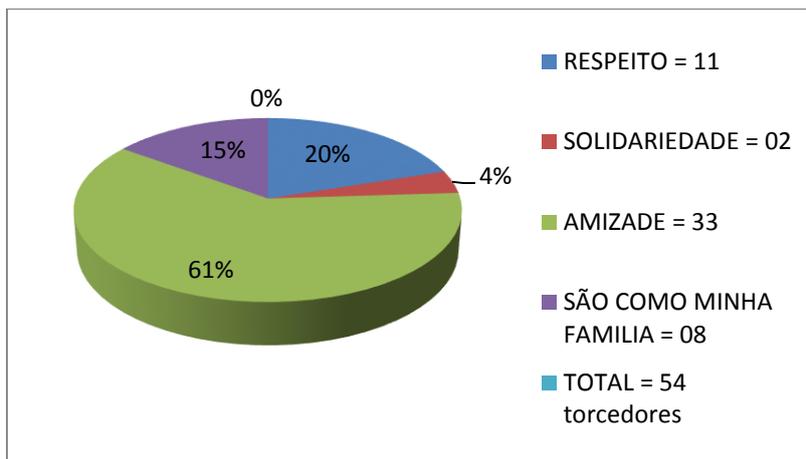


Gráfico 03 – Sentimento dos torcedores organizados pelos que torcem por seu time de preferencia. Fonte: pesquisa de campo/ 2012.

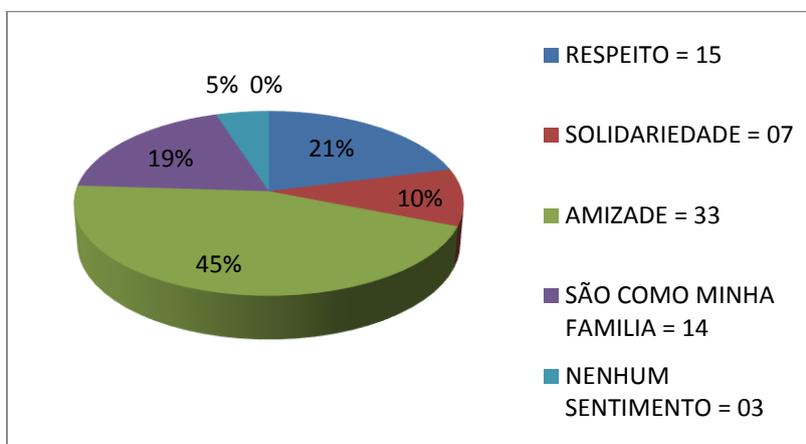


Gráfico 04 – Sentimento dos torcedores comuns pelos que torcem por seu time de preferencia. Fonte: pesquisa de campo/ 2012.

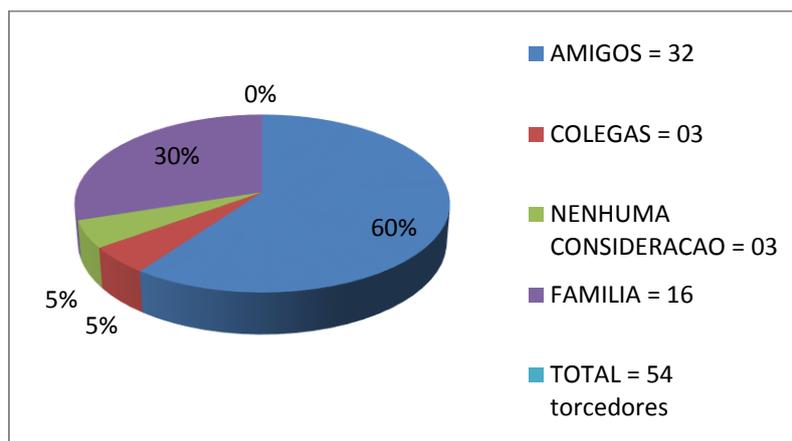


Gráfico 05 – Formas de relacionamento entre torcedores organizados do mesmo time. Fonte: pesquisa de campo/ 2012.

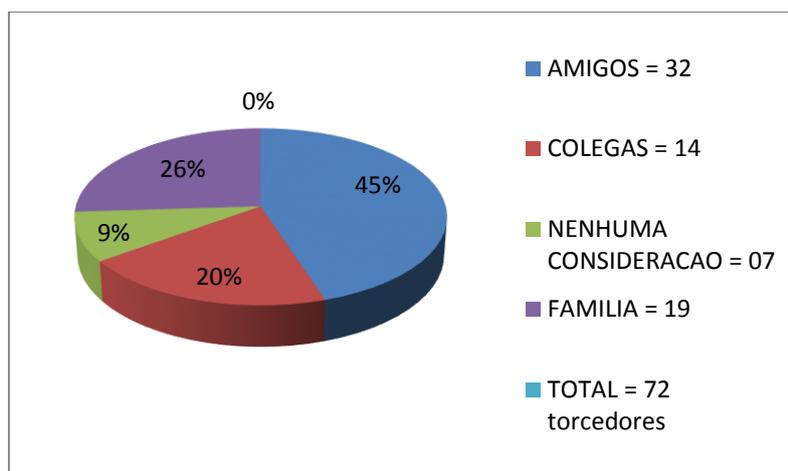


Gráfico 06 – Formas de relacionamento entre torcedores comuns do mesmo time. Fonte: pesquisa de campo/ 2012.

A predominância dos sentimentos de amizade demonstrada nas respostas dos torcedores de futebol e expressa nos gráficos anteriormente apresentados, aponta a sociabilização presente nas práticas torcedoras como um dos principais fatores que explicam o grande apelo junto do ato de torcer por uma equipe de futebol para os brasileiros, e em especial os manauenses.

A noção de sociabilidade deriva da obra do sociólogo e filósofo alemão Georg Simmel, que a definiu como “a forma lúdica da associação” (Simmel, 1983, p. 168). Para Simmel, a sociabilidade é uma forma de interação na qual os participantes se mostram a um só tempo interessados e descomprometidos, autonomizando suas atuações no sentido de evitar qualquer demonstração de um interesse objetivo nos assuntos tratados – o tipo de conversa ocorrente em um estádio de futebol ou em um bar seria talvez um bom exemplo.

Para Damo (2007) Os clubes de futebol simbolizam um pertencimento social com características específicas, demandando dos torcedores uma lealdade por toda a vida (Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer...). Muitas vezes, os locutores esportivos se referem à torcida de um clube como “nação” (“nação colorada”, “nação rubro-negra”, etc., de acordo com as cores do clube), ressaltando este sentido de “comunidade reunida” em torno do pertencimento afetivo a um grupo, a um sentimento coletivo compartilhado, no caso, mediado pelo “time do coração.

Verificamos em nossa pesquisa de campo que a sociabilidade estabelecida em torno do consumo coletivo de jogos de futebol e a tematização dos fatos do jogo em interações sociais cotidianas, evidenciam lógicas simbólicas de pertencimento e exclusão, que, mediadas pelo futebol, resolvem através da jocosidade tensões que em

casos extremos poderiam conduzir a confrontos físicos e violência. É evidente que brigas entre torcedores ocorrem, entretanto não testemunhamos em nossa pesquisa de campo nenhuma ocorrência nesse sentido.

Segundo Toledo (1996), no que concerne à dimensão da sociabilidade, o futebol é importante elemento de coesão social, solidariedade e identificação coletiva em metrópoles que, durante o processo de industrialização de base no Brasil, foram marcadas por grandes fluxos humanos, contribuindo para o enraizamento social de pessoas provenientes das mais distintas regiões do país e do mundo.

Em relação aos motivos que influenciaram na escolha do time de sua preferência, apresentamos os resultados nos Gráficos 07 e 08:

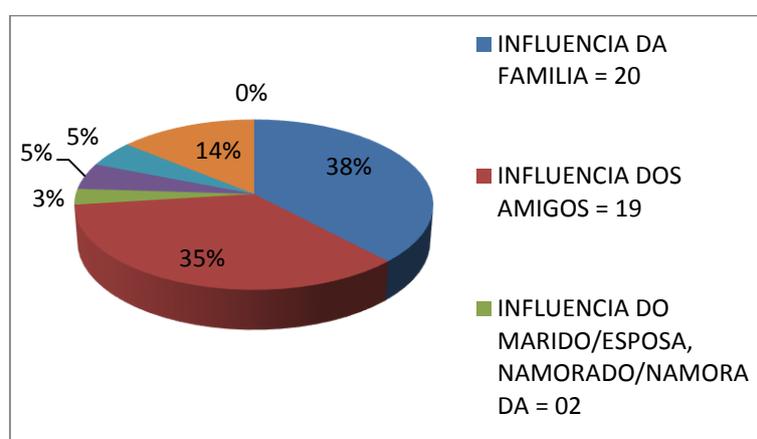


Gráfico 07 – Motivos que influenciaram o torcedor organizado na escolha do time de preferência. Fonte: pesquisa de campo/ 2012.

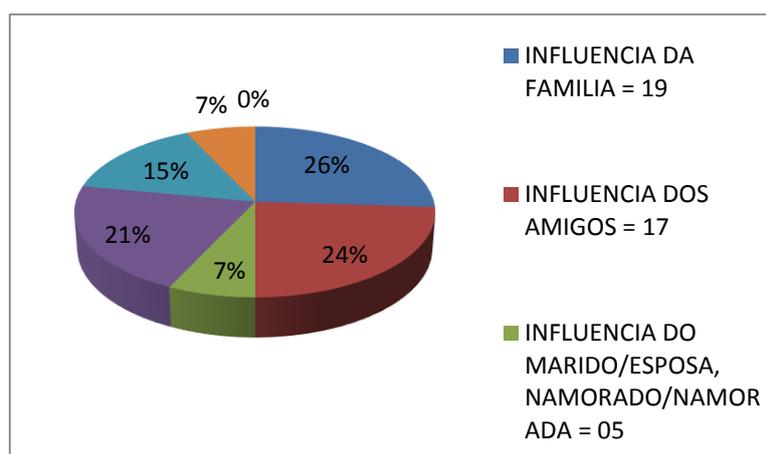


Gráfico 08 – Motivos que influenciaram o torcedor comum na escolha do time de preferência. Fonte: pesquisa de campo/ 2012.

Os dados obtidos demonstram que é grande a influência das relações interpessoais familiares na escolha do time de preferência. Minicucci (2001) afirma que nas relações humanas, as influências interpessoais desenvolvem-se como um processo

que envolvem componentes como os modos de ser, de pensar, de sentir, de agir e de mudança de comportamento, sendo mais perceptíveis estas influências nas relações mais primárias entre pais e filhos

Damo (2007) afirma que a escolha por um time é indissociável das redes de sociabilidade próximas ao indivíduo, tais como família, vizinhos e amigos. Não por acaso se diz que os clubes são do coração, o *topos* corporal no qual se representam as emoções, e os distintivos dos clubes estão fixados do lado esquerdo do peito. A rede de sociabilidade responsável pela socialização primária e, portanto, pela inculcação de certas sensibilidades emocionais e tem papel fundamental na iniciação clubística do torcedor. A importância de se ter um clube para torcer pode ser dimensionada pela precocidade da escolha e pela sua extensão

Corroborando com autor anteriormente mencionado, Da Matta (1994) reitera que a “escolha” do clube do coração é realizada desde muito cedo, ocasião a partir da qual o indivíduo torna-se pessoa, passando a fazer parte de um mundo mais amplo que a casa e a família, o que lhe permite se definir e exercitar como parte de uma totalidade, vivida na rua, em pleno domínio público.

Verificamos também em nossa pesquisa de campo a existência de famílias de torcedores cujo “pertencimento” a mesma agremiação remonta três e até quatro gerações, assemelhando-se a uma casta. Outros, geralmente lembram com detalhes o momento em que se tornaram flamenguistas, vascaínos ou rionegrinos. Quando se trata da escolha ter sido influenciada pelo namorado/namorada, marido/esposa, esse convencimento foi travados na esfera das emoções e o “sim” normalmente é ritualizado: por ocasião de um presente, de um autógrafo e da ida ao estádio.

Apesar dos dados encontrados em nossa pesquisa de campo demonstrarem que fatores como a visibilidade e destaque do time nos meios de comunicação, títulos já ganhos pelo time, cores, bandeira, hino e mascote do time serem fatores que influenciam a escolha por um time, os fatores principais que determinam a preferência clubística são as redes de sociabilidade.

A seguir apresentaremos os resultados das entrevistas feitas com 60 torcedores, sendo 30 organizados e 30 comuns.

Para decodificar os discursos dos sujeitos entrevistados e extrair deles a essência do fenômeno, utilizamos a análise do discurso com base em Lefrèvre (2005), que a define como sendo a reconstrução, a partir das respostas individuais, de um discurso-síntese que expresse uma representação social, ou seja, um discurso coletivo. Optamos

por essa metodologia interpretativa por entendermos que ela possibilita a análise da fala dos sujeitos em um contexto, ajudando a compreender como as pessoas pensam e agem no mundo concreto.

Por essas razões escolhemos a análise do discurso que será apresentada e discutida a partir de categorização das palavras dos sujeitos entrevistados. Segundo Moraes (1994), a categorização é uma operação de classificação dos elementos de uma mensagem seguindo determinados critérios. Ela facilita a análise da informação, mas deve fundamentar-se numa definição precisa do problema, dos objetivos e dos elementos utilizados na análise de conteúdo.

Na pergunta o que significa para você os símbolos do seu time? (cor da camisa, mascote, escudo, bandeira e hino). Encontramos as seguintes categorias no grupo dos torcedores organizados:

Cor da camisa: *Sangue / Prosperidade e Alegria / Harmonia / segunda Pele / Manto Sagrado*

Escudo: *Identidade / Coração / Minha história/ Digno de todo Respeito*

Mascote: *Força / Raça / Alegria / Perseverança /*

Bandeira: *Manto Sagrado / Segunda Pele / Identidade*

Hino: *Motivação para Viver / Exemplo de Vida / Batalhas / Sentimento Inexplicável*

No grupo os torcedores comuns:

Cor da camisa: *Sangue / Identidade / Prosperidade e Alegria / Harmonia / Segunda Pele / Manto Sagrado /*

Escudo: *Identidade / Imponência / Coração / Digno de todo Respeito / Conquistas*

Mascote: *Força / Alegria / 5 Perseverança / Majestade/ Poder / Um Guerreiro*

Bandeira: *Manto Sagrado / Segunda Pele / Identidade*

Hino: */ Exemplo de Vida / Batalhas / Sentimento Inexplicável*

Segundo as categorias formuladas a partir das respostas dos torcedores, tanto dos organizados quanto os comuns, percebemos que além de representar a qualidade da paixão pelo time, os símbolos devem servir como modelo de identificação para o torcedor, sendo expressados como parte indissociável da vida do mesmo. Nesse contexto o torcedor procura identificar-se com as qualidades construídas simbolicamente inerentes ao símbolo escolhido.

Os torcedores, então, têm por símbolos objetos que lhes significam bravura, coragem, heroísmo, força, imponência, etc.; Características humanas e animais sempre exaltadas em quase todos os discursos românticos e liberais, principalmente aqueles relativos às batalhas, às conquistas, à sobrevivência e à justiça. Valores altamente exaltados por nossa cultura, mas raramente concretizados. Caracteres que os torcedores desejam associados a eles próprios e aos seus times. Eles querem ver seus jogadores em campo, lutando para vencer a batalha.

Vale ressaltar que o símbolo de maior significação para os torcedores pesquisados é a camisa. Além da paixão pelo time, a camisa revela o afeto pelo grupo, e as vezes é revestida de um caráter sacralizado. Toledo (1996) afirma que ela demarca diferenças, delimita espaços, reitera identidades, solidariedades e oposições. Sua eficácia consiste no uso pelas ruas, trajetos até os estádios, nos barés, nos momentos de jogo e muito depois deles.

Em nossa vivência junto aos torcedores organizados verificamos ainda a presença de dois outros símbolos de muita importância para os torcedores: a bateria e toda a diversidade da fala torcedora.

A bateria é o suporte sonoro que sustenta e dita os ritmos específicos na realização das diversas manifestações empreendidas pelo conjunto, nas arquibancadas. Ela jamais pára de tocar durante o jogo e isto nos mostra que a torcida não se limita a incentivar ou vaiar o time.

A bateria é o coração da torcida. Fica sempre localizada no meio do grupo e seus integrantes muitas vezes ficam de costas para o gramado. São responsáveis pela marcação dos cantos, dos gritos de guerra, dos hinos, dos xingamentos contra o time e as outras organizações torcedoras adversárias. Além de tudo isso, é a responsável pela manutenção e sintonia dos movimentos e coreografias, pelo tremular das bandeiras e entusiasmo dos integrantes, exigindo sempre, dos torcedores organizados, uma postura e uma garra que transcende a posição de meros espectadores do jogo que se desenrola entre as quatro linhas.

Junto à bateria, destacam-se os cantos, as falas e os xingamentos dos torcedores. Este instrumental simbólico verbal caracteriza-se pela criatividade, ofensividade, ironia, graça e sátira. Os usos e abusos de uma linguagem cotidiana, popular e também de palavrões, pelos torcedores organizados, compõem verdadeiros duelos verbais, típicos e característicos da atalha protagonizada pelo esporte de origem anterior: aquela romanticamente nomeada como britânica.

A seguir iremos apresentar as categorias encontradas a partir das perguntas 3 e 4 de nosso roteiro de entrevista. A análise e discussões das categorias encontradas nessas duas perguntas serão feitas conjuntamente pois as mesmas se relacionam diretamente e também por terem sido encontradas as mesmas categorias tanto para os torcedores organizados quanto para os torcedores comuns.

Na pergunta o que você sente quando o seu time está jogando? (no momento do gol do seu time; quando seu time sofre um gol; na derrota do time; na vitória; quando é campeão; quando é pressionado durante uma partida; quando você acha que seu time foi prejudicado pela arbitragem e etc.). Encontramos as seguintes categorias:

Ódio / Tristeza / Alegria / Desespero / Impotência / Angústia

Na pergunta como você se comporta quando está torcendo? (grita, xinga, se descontrola, faz muitas coisas que em outros momentos não costuma fazer e etc.) Encontramos as seguintes categorias:

Grito / Fico descontrolado / Xingo / Vibro / Saio de Mim

A partir das categorias formuladas podemos afirmar que o jogo de futebol para os torcedores manauenses é de fato um “jogo absorvente”. A idéia de jogo absorvente é retirada de um texto clássico em Antropologia, sobre a Briga de galos em Bali (Geertz, 1989).

DaMatta (1994) afirma que utilizando a chave hermenêutica geertziana, pode-se dizer que compreenderemos algo sobre a cultura brasileira observando o comportamento dos torcedores em torno do campo, da mesma forma que se observa a rinha de galos em Bali. Para tanto é necessário aprender certos códigos do embate, como é o caso das regras e das apostas, e saber diferenciar um galo bom da sua imitação, coisa que apenas os iniciados estão aptos. Finalmente, é preciso saber que os homens não fazem suas apostas pensando apenas no lucro pecuniário que poderão obter, mas respeitando certos códigos sociais. O jogo absorvente é aquele que põe frente a frente galos (atletas) de boa linhagem e seus donos de status elevado (clubes tradicionais). O risco e a excitação decorrem dessa combinação.

Podemos perceber ainda que o torcedor manauense (organizado e o comum) busca em suas práticas torcedores vivenciar uma emoção do tipo mimética, seja assistindo uma partida nos estádio de futebol ou em bares na frente da televisão.

Para Elias e Dunning (1992) o futebol atende a uma necessidade básica de satisfação, de desencadear emoções, de provocar excitação satisfatória. Para eles sempre houve atividades que proporcionassem esse tipo de excitação nas pessoas, sendo o esporte um diferencial, pois permite um “descontrole controlado”, a oportunidade de vivências miméticas propiciadas pelos esportes, que não são conseguidas pelo trabalho ou por outras formas de convivência nas quais não são permitidos descontroles. Porém, as atividades miméticas permitem um descontrole com um certo autocontrole e regulamentação que minimizam as possibilidades de atitudes violentas.

O futebol seria então propiciador de excitação por meio de criação de tensões, pela vivência de um prazer mimético. Teríamos, portanto, no processo civilizador, verificado na esportivização do futebol um maior autocontrole, uma maior interdependência e uma restrição maior a atitudes violentas tanto para seus participantes quanto para seus espectadores, que também aumentaram seu limiar de repugnância a atitudes violentas (ELIAS E DUNNING, 1992).

Sobre esse aspectos Reis (2006) ressalta que :

“o futebol possui uma característica mimética que propicia ao seu público situações de elevada tensão na expectativa do desenrolar das ações dos jogadores e da equipe. Essa tensão provoca no indivíduo um alto grau de expectativa e ansiedade no desfecho da ação que prende o espectador ao jogo” (p. 9).

O futebol permite ao torcedor vivenciar emoções associadas à sua vida cotidiana, mas sobretudo permite expressões que só são possíveis naquele contexto. Segundo Cunha (2006) o torcedor de futebol expressa um comportamento quando está torcendo que, muitas vezes, não expressa em outra situação. Tudo isso em função de uma dinâmica emocional imposta por uma partida de futebol.

Um jogo raramente possui um desenvolvimento linear, tendendo a oscilações significativas que são o produto do enfrentamento e da disputa entre os contendores, razão pela qual cada gesto ou sequência de movimentos tende a ser acompanhada com expectativa. A excitação proporcionada por uma partida de futebol decorre, fundamentalmente, da experimentação das ambiguidades proporcionadas pelo desenrolar dos eventos próprios à sua dinâmica e principalmente por sua imprevisibilidade.

Experimentar a ansiedade causada pelo suspense de estar frente à ameaçadora derrota e/ou triunfo da vitória, opõem-se à vida de rotinas relativamente harmoniosa e

sem emoção das pessoas, quebrando assim, a grande regularidade de controle emocional exigido, em nível elevado, em todas as relações humanas. No contexto mimético, excitações agradáveis são permitidas não apenas pela sociedade, mas acima de tudo, pela própria consciência. A excitação mimética, na perspectiva individual e social, é desprovida de perigo e pode ter um efeito catártico, contudo, a última forma pode vir a se transformar na primeira.

O espetáculo modifica o espectador. O torcedor é, ao mesmo tempo, os polos antagônicos. Pode esbravejar ou chorar, cair em desânimo ou se exaltar em esperanças. O silêncio e a eloquência fazem parte do mapa do comportamento. A torcida se transforma e é capaz de tudo. No estádio, no decurso de uma série de emoções, o torcedor se liberta (Cunha, 2006).

A destruição da rotina pode ser compreendida como um dos principais elementos que justificam a paixão pelo futebol. O fazer algo que não se tem completo domínio e/ou conhecimento, proporciona um grau de insegurança, cria a expectativa do inesperado e do arriscado, produzindo tensão e excitação em virtude da ansiedade que as acompanha. Estes altos e baixos de breves e alternados sentimentos antagonistas, tais como esperança e medo, exaltação e abatimento, são uma das fontes de renovação emocional que o ato de torcer proporciona.

Por essas razões e apoiando-nos Elias e Dunning (1992) ousamos afirmar que o ato de torcer por uma equipe de futebol para os torcedores manauenses, exerce uma importante função social na vida dos mesmos, pois possibilita a restauração do tônus mental normal através de uma perturbação temporária e passageira da excitação agradável.

Essa função não uma miragem ou fantasia, ela é real e não tem a pretensão de sublimar traumas e compensar frustrações, amarguras e frustrações. Ela é uma possibilidade de encontro simples com a nossa própria humanidade muitas vezes instável. Como afirma Cavichioli (2004):

A categoria mimética não pode ser considerada fantasia, pois faz parte integral da realidade social, sendo o polo oposto da uniformidade das restrições emocionais. Os sentimentos acabam fluindo nesse contexto simbólico, aliviando-se o fardo inerente à vida cotidiana. Na vida cotidiana os seres humanos se esforçam para conter suas emoções decorrente de procedimentos que foram desenvolvidos durante várias gerações, e isso não é uma atitude “natural”, há realmente um empenho para manter esse controle. Viver em sociedade e conservar esse amplo controle dos sentimentos de acordo com padrões desenvolvidos só é possível se ocorrer a aprendizagem; para se tornar

humano, os impulsos primários são colocados sob controle, ajustados a cada situação social construída. A aprendizagem do autodomínio passa a ser uma condição humana universal. (CAVICHIOILLI, 2004, p. 186).

O ato de torcer apesar de sua aparente simplicidade e esterilidade funcional, possibilita aos que o exercem, vivências intensas e instintivas sem censuras e proibições em uma sociedade que sofre pela morte da espontaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos a presente dissertação uma de nossas preocupações era em relação ao movimento de colocar o futebol para o interior do ambiente acadêmico, sobretudo o ambiente acadêmico amazônico. O futebol é muito pensado e discutido pela mídia especializada, e entre os seus milhões de entusiastas, mas poucas vezes ele é estudado como um tema transversal capaz de contribuir para o entendimento das dinâmicas sociais existente na sociedade brasileira e a manauense de forma particular.

Dessa forma ao trazermos o futebol para dentro da academia optamos pelo exercício de desvendamento das significações sociais dadas pelo grupo que ele construiu em torno de si: os torcedores.

Nossa tentativa partiu de uma concepção do ato de torcer por uma equipe de futebol como entretenimento, lazer ou estilo de vida, que implica em trocas, conflitos e contaminações com os demais grupos sociais existentes, congregando indivíduos de variadas expectativas, faixas etárias, níveis econômicos e visões

Segundo Sevcenk (1998) a origem da palavra torcer expressa o contorcer-se, remoer-se, contrair-se. E isso podemos verificar em nossas vivências de campo, pois nas suas práticas torcedoras há uma participação ativa, incorporando emocionalmente as disputas que ocorrem dentro de uma partida de futebol.

Verificamos no decorrer de nosso estudo que as características miméticas, as diversas possibilidades de sociabilização e processos de identificação são os elementos simbólicos principais que estão presentes no ato de torcer, que justifica seu grande apelo na vida dos torcedores de futebol, organizados e os comuns.

Com relação ao caráter mimético do ato de torcer verificamos que o corpo de cada torcedor torna-se assim, foco de ação no qual repercutem, em profundidade, as vicissitudes do combate simbólico absorvendo o que ocorre no campo de futebol. Preso de emoção intensa a um lance qualquer do jogo, o torcedor alheia-se inteiramente de tudo naquele momento, são apenas nervos tensos: crispações, contorções, torcimentos e, quando por fim, advém uma explosão de entusiasmo, delírio, raiva ou desespero ele se liberta.

Constatamos ainda em nosso estudo que a condição de torcedor abre a possibilidade de determinadas vivências, tipos de sociabilidades, formas de identificação e imagens simbólicas que transcendem aquelas do cotidiano. Porém o torcedor não apenas incorpora valores e imagens, ele também as gera, influenciando e

sendo influenciado por estas. Foi interessante notar como diferentes atores sociais, situados de diferentes formas nas teias de relacionamentos que perfazem o cotidiano social, representam o ato de torcer como prática catártica, bem como incorporam um mesmo *habitus* específico.

O conteúdo simbólico que um time de futebol representa para um torcedor é de extremo significado, pois é considerado patrimônio do clube, e este é composto por uma esfera tanto material como afetiva. Este patrimônio é representado através de diversas formas e pelo modo nos quais os torcedores se identificam: as conquistas do time, os bens patrimoniais do clube, as cores, as bandeiras, as camisas, o hino e o mascote.

Baseados nos resultados de nossa pesquisa e nos autores que nos deram o suporte teórico para nossas práticas de campo, ousamos afirmar que o ato de torcer para os torcedores manauenses de futebol, que em sua grande maioria torcem prioritariamente por clubes profissionais do Estado do Rio de Janeiro, exerce uma importante função social na vida dos mesmos. Nossa afirmação fundamenta-se por ter verificado nas práticas torcedoras formas de sociabilização e identificação, e por sua capacidade de gerar momentos excitantes e emocionantes, no seio de um cotidiano altamente regulamentado e normatizado, que se constrói em apreço a um tempo tedioso, a um tempo de monotonia que se expande a todo o manto da vida social.

O ato de torcer para os torcedores é um ato de paixão, emoção, doação, encontro, trocas e convívio social, que se desenvolve nas festas, caravanas e encontros nos bares e estádios, onde podem usufruir seus espaços, pedaços ou áreas da cidade, vivenciando, através do futebol, um estilo de vida que busca visibilidade e identificações coletivas, por meio de suas práticas torcedoras.

Sabemos muito bem que o mundo de hoje é feito de ciência e de tecnologia com fórmulas e palavras exatas cheias de sentido e razão, mas vazias de sensações e sentimentos. Em nosso cotidiano faltam aventuras pra viver e histórias pra contar, emoções e paixões para repartir. E tão carentes e esfomeados estamos dela.

Acreditamos que o ato de torcer, seja ele vivenciado em qualquer espaço, na sua forma individual ou coletiva, pode contribuir como um antídoto contra a grande regularidade de controle emocional exigido, criando em nossa volta um espaço maior que nosso corpo e do nosso viver, nos ajudando a imaginar estados da alma que há muitos deixamos para trás.

Apesar da nossa paixão pelo futebol e de tudo que ele pode representar, sabemos que ele não é isento de todos os problemas da sociedade, ao contrário, ele os reproduz e

muitas vezes, de forma ampliada, como nos casos de violência. Isso porque o futebol e o universo de relações em torno dele são um espelho fidedigno das contradições sociais vigentes, contradições que podem ser exemplificadas no fato de muitos amazonenses ignorarem os clubes locais e torcerem por times de “fora”. É paradoxal ver um amazonense torcer contra o Nacional ou Rio Negro por exemplo, numa partida contra o Flamengo.

Portanto, se quisermos compreender o futebol e o que ele representa para seus torcedores, é preciso transcender a leitura simplista de regras e sistemas táticos e estudá-lo através de sua totalidade, observando as inter-relações intrínsecas e extrínsecas ao campo esportivo, pois o mundo do Futebol não é um mundo a parte, não é uma espécie de mundo paralelo. É uma parte indissociável de todos elementos que compõem a sociedade e, se lido corretamente, pode até explicar o funcionamento da mesma.

Ao pensar a ciência como um fazer cumulativo a presente dissertação certamente deixa questões para futuras pesquisas e estudos sobre os significados sociais das práticas torcedores. Mas ao finalizarmos nosso estudo ressaltamos que o ato de torcer é uma manifestação cultural que não pode ser apreendida apenas sob seu aspecto racional, mas também, e fundamentalmente sob sua dimensão afetiva e emotiva, pois o amor ao jogo e tudo que o torna imponderável, é o que atrai, aproxima e toma conta dos torcedores, estando incluídos neste grupo nós que realizamos a presente pesquisa. Que venham outras pesquisas, ou dito de outra forma: que venham outros gols!

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Palavras e sinais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, Max. **A Indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas.** In:____. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. P. 113-156.

ALMEIDA LIDÓRIO, RONALDO. **Totemismo.** In: Revista Antropos – Volume 2, Ano 1, Maio de 2008.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia da Prática Escolar.** 13.ed. Campinas/SP: Papirus, 2007

AUGÉ, M. **Os não lugares: introdução a uma antropologia da super modernidade.** Campinas: Papirus, 1994.

BASSANI, J. J.; VAZ, A. F. **Indústria Cultural.** In: GONZÁLEZ, F.; FENSTERSEIFER, P. E (Org.). Dicionário crítico de educação física. Ijuí: Ijuí, 2005. (p.239-242).

BOURDIEU, Pierre **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Trad. Mariza Corrêa. 4ª ed. Campinas: Papirus, 2003.

_____. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: DIFEL, 1989.

_____. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, P. **Coisas ditas.** Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise M. Pegorin; e revisão técnica de Paula Montero. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 207-220.

_____. **O habitus e o espaço dos estilos de vida.** In: BOURDIEU, Pierre. A Distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP: 162-211. 2007

BRUNORO, J. C. & AFIF, A. **Futebol 100% profissional.** São Paulo, Ed. Gente, 1997.

BRUYNE, Paul.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica.** 5ª edição, 1991, RJ, Editora Francisco Alves.

BYINGTON, C. **A Riqueza Simbólica do Futebol.** Psicologia Atual, v.5 n25 ,1982.

_____. **Psicologia Simbólica Junguiana – A viagem de humanização do cosmos em busca da iluminação.** São Paulo: Ed. Linear B. 2000.

CAVICHIOILLI, Fernando Renato. **Abordagens do lazer no Brasil: um olhar processual.** 2004. 216 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2004.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; SILVA, Silvio Ricardo da. Mulheres e o lazer esportivo nos campos de futebol. In: **Anais do XVI Congresso Brasileiro de**

Ciências do Esporte / III Congresso Internacional de Ciências do Esporte.
Salvador – BA, 2009.

CONDE, Alexandre Ferreira. **Aspectos da construção das novas relações sociais.** Taubaté: Vogal, 2005.

COSTA, Antônio da Silva. Abordagem Sócio-Antropológica em Portugal, País de Futebol. *In:* OLIVEIRA, José; GARGANTA, Júlio; MURAD, Maurício (orgs). **Futebol de Muitas Cores e Sabores.** Porto: Campos da Letras, 2004.

COSTA, André Lucirton. **A organização cordial** – Ensaio de cultura organizacional do Grêmio Gaviões da Fiel. (in.) RAE – Revista de Administração de Empresas. São Paulo. v. 35, n. 6. P.40-54. Novembro/Dezembro 1999.

CUNHA, F. A (2006). *Torcidas no Futebol: Espetáculo ou Vandalismo?* São Paulo: Scortecci.

DaMATTA, Roberto. *Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro.* *In:* DaMATTA, Roberto (org.). **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira.** Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

_____. **Explorações:** ensaio de sociologia interpretativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. **Carnavais, Malandros e Heróis:** para uma sociologia do dilema brasileiro. 5. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

_____. “**Antropologia do obvio**”. São Paulo: Revista USP, n. 22, p. 10-17, jun/jul/ago. 1994.

_____. **Torre de Babel.** Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

_____. **A casa e a rua:** espaço, cidadania, mulher. Rio Janeiro: Rocco, 1997.

_____. “**Uma antropologia da sociedade brasileira:** entrevista com Roberto Damatta”. Revista de sociologia e política: Curitiba, n.10 e 11, p. 195-211(entrevista concedida a Marcos Lanna e Pedro Rodolfo Bodê de Moraes)”. 1998 a.

_____. “**Vitória na Copa não terá dono**”. Jornal do Brasil: Rio de Janeiro, p. 14, 10 de Jun. 1998 b

DAMO, Arlei Sander. **Do Dom à Profissão:** a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderal & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

_____. **"Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro."** *Estudos Históricos.* Rio de Janeiro, FGV, v.13, n.23, 1998,

_____. **Para o que der e vier:** o pertencimento clubístico no futebol
DANTAS, José Adalberto Maurão. Trabalho e ideologia. São Paulo: FAMD, 1986.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura: Educação Física e Futebol**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. **Educação Física e o Conceito de Cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

_____. **Futebol, Cultura e Sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. **As contradições do Futebol Brasileiro**. In: CARRANO, Paulo C.R. (org.) *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

DUNNING, E. **Football in Civiling Process**. In: Anais do V Encontro de história do Esporte, Lazer e Educação Física. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.

DURHAM, Eunice R. **Prefácio**. In: Macedo, Carmem Cinira. **Tempo de Gênese – o Povo das Comunidades Eclesiais de Base**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DURKHEIM, Èmile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIAS, N., DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992.

FIGUEIREDO, Aguinaldo Nascimento. **História Geral do Amazonas**. Manaus: 2001.

Força dos “Importados”: Flamengo, Vasco, São Paulo e Corinthians Disparam na Preferência da Torcida Manauense. *Jornal A Crítica*. Manaus, 28 de Março de 2008; Caderno Craque; página 4.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

_____. **O Saber Local: novos ensaios de antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 2001.

GIL, A .C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIANOLI, Manuel Gustavo Manrique. *O torcedor de futebol e o espetáculo da arquibancada: características da participação de torcedores brasileiros em jogos de futebol*. 1996. 203f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – ECA – USP, São Paulo.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1977.

HELAL, R. **Passes e Impasses**. Petrópolis: Vozes, 1997.

HOLANDA, Bernardo Borges. **Futebol, Arte e Política**: a catarse e seus efeitos na representação do torcedor. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2009.

HUIZINGA, J. Homo Ludens. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um Conceito Antropológico. 17ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber** – Manual de metodologia da pesquisa em ciências Humanas. Belo Horizonte, Editora UFMG. 1999.

LEFÉVRE, Fernando; LEFÉVRE, Ana Maria. **Depoimentos e Discursos**. Uma proposta de análise em pesquisa social. Brasília: Liber Livro Editora, 2005

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Totemismo Hoje**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

LUCENA, Ricardo. Elias: Individualização e *Mimesis* no Esporte. *In*: Lucena, Ricardo; Proni, Marcelo (orgs.). **Esporte**: História e Sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa uma introdução**. São Paulo – EDUC. 1996.

MACHADO, Carlos Augusto. *Sociologia do esporte*. São Paulo: Perspectiva, 1997

MAGNANI, José Guilherme C. Discurso e Representação ou de Como os Baloma de Kiriwvwa podem Reencarnar-se nas Novas Pesquisas. *In*: Cardoso, Ruth. **A Aventura Antropológica**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MEZZARROBA, C. Esporte e lazer na perspectiva da indústria cultural. Esporte e Sociedade. Ano 4, n.11, Mar/Jul, 2009. Disponível em www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1105.pdf . Acesso em: 10 de Janeiro de 2013.

MINAYO, M. C. S. et al. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINICUCCI A . **Relações Humanas**: psicologia das relações interpessoais. 6. ed. São Paulo: Atlas. 2001

MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. *Attitudes and opinions*. Annual Review of Psychology, 14, p.231 – 260, 1963.

_____. **Representações Sociais**: investigação em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2005.

MORIN, E. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

MURAD, Mauricio. **Dos pés à cabeça. Elementos básicos de Sociologia do Futebol**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996, p. 92.

MURAD, Mauricio. **Violência e Futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

NASCIMENTO, R.M.; MARCELLINO, N.C. **Notas sobre as possíveis contribuições de Theodor W. Adorno para estudos sobre laser**. Licere, Belo Horizonte, MG, v.3, n.1, 2010.

NEGRINE Airton **A pesquisa qualitativa na Educação Física**: alternativas metodológicas. 2ª Edição. Porto Alegre: Editora: Sulina. 2004.

NETTO, Sidney. **A Organização nas Estruturas Desportivas**: Um Estudo de Caso sobre o Campeonato de Peladas do Amazonas – PELADÃO. 2001. 232 pg. Dissertação de Doutorado em Ciências do Desporto e de Educação Física – Universidade do Porto, Portugal.

NOGUEIRA, Claudio José Gomes. **Educação Física na Sala de Aula**. 3ª ed. Rio de Janeiro: SPRINT, 2000.

NORMANDO, T. S. **Jogos de Bola, Projetos de Sociedade**. Por uma História Social do Futebol na Belle Époque Manaura. Dissertação de Mestrado. Manaus: PPG Sociedade e Cultura na Amazônia, 2007

OLIVEIRA, Ana Beatriz Correia. **Representações da torcida “Raça Rubro-Negra” sobre o ídolo do futebol**. 2000. 138f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

PANZERI, Dante – *Fútbol, dinámica de lo impensado*. Buenos Aires, 1967

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas organizadas de futebol**: violência e autoafirmação. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997

PRADO, D. de A. **Seres, coisas, lugares**: do teatro ao futebol. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Estrutura e Função na Sociedade Primitiva**. Petrópolis: Vozes, 1973.

REIS, Helena Baldy dos. **Futebol e sociedade**: as manifestações da torcida. Campinas. 1998. 127f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual da Campinas.

REIS, H. H. B. **Futebol e violência**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

RODRIGUES FILHO, Mário. **Histórias do Flamengo**. Rio de Janeiro: Gernasa, 1964.

SEVCENKO, Nicolau. **A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio**. In: sevcenko, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil -volume 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SIMMEL, Luiza, **A Dinâmica dos Símbolos**. São Paulo: Loyola, 1997.

SOARES, Artemis de Araújo. SILVA, Almir Liberato da. NETO, José Cardoso. LIMA, **Diagnóstico Esporte e Lazer na Região Norte Brasileira**. Manaus: Edua, 2011

SOBRINHO, David Alma Cintra do espetáculo ou público pagante? Uma análise culturológica sobre as representações do torcedor de futebol na mídia esportiva impressa / Dissertação de Mestrado. Bauru : [s.n.], 2005. 234 f.

STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, Lazer e Estilos de Vida: um estudo etnográfico**. Campinas: Autores Associados, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Huicitec; Fapesp, 2000

TURTELLI, Sandra Regina. **Estudo da linguagem de um evento esportivo numa abordagem qualitativa**. Rio de Janeiro: Artium Editora, 2002

VAZ, A.F. **Teoria crítica do esporte: origens, polêmicas, atualidades**. *Esporte e sociedade*: Rio de Janeiro. V.1, n.1, p.1-23, 2005.

VERENA, Kast. **A Dinâmica dos Símbolos**. São Paulo: Loyola, 1997.

VOGEL, Arno. “O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional” In: DAMATTA, Roberto (org.) **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

ZAMITH, Carlos. **Baú Velho**. 2ª ed. Manaus: Ed. Valer, 2008.

ANEXOS**ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - ICHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA PPGSCA**

PAIXÕES E CORES DA TORCIDA BARÉ
**Significados sociais do ato de torcer por um time de futebol profissional em
Manaus**

I. Questionário

- 1) **Nome:** _____
- 2) **Estado Civil:** _____ **Sexo:** _____ **Idade:** _____
- 3) **Bairro:** _____
- 4) **Renda Mensal:**
 Nenhuma Renda
 Até 3 (três) Salários Mínimos
 Acima 3 (três) Salários Mínimos
- 5) **Nível de Escolaridade:**
 Ensino Fundamental Incompleto () Ensino Fundamental Completo
 Ensino Médio Incompleto () Ensino Médio Completo
 Ensino Superior Incompleto () Ensino Superior Completo
 Pós- Graduação
- 6) **Em que tipo de imóvel reside o seu grupo familiar**
 Próprio
 Alugado/financiado
 cedido/emprestado
- 7) **Qual o time de sua preferência?** _____
- 8) **Além do time mencionado você torce por algum outro time?** _____

9) Para você qual a importância de torcer pelo seu time de futebol?

- () Pouco importante
- () É importante
- () É muito importante

10) O que você sente em relação aos torcedores que torcem pelo mesmo time que você?

- 1- Respeito ()
- 2- Solidariedade ()
- 3- Amizade ()
- 4- São como minha família ()
- 5- Nenhum sentimento

11) Como você considera aqueles que torcem por seu time de preferência?

- 1 - Amigos ()
- 2 – Colegas ()
- 3 – Família ()
- 4 – Nenhuma consideração ()

12) Quais os motivos que influenciaram na escolha do time de sua preferência?

- 1- Influência da família ()
- 2- Influência dos amigos ()
- 3- Influência do marido/esposa ou namorado/namorada ()
- 2 - Visibilidade e destaque do time nos meios de comunicação ()
- 3 - Títulos já ganhos pelo time ()
- 4 – Cores, bandeira, hino e mascote do time ()

ANEXO 2 - ENTREVISTA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - ICHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA PPGSCA**

PAIXÕES E CORES DA TORCIDA BARÉ

Significados sociais do ato de torcer por um time de futebol profissional em Manaus.

II. Roteiro da Entrevista

1. **O que significa para você os símbolos do seu time?** (cor da camisa, mascote, escudo, bandeira e hino)?
2. **O que o futebol representa na sua vida?**
3. **O que você sente quando o seu time está jogando?** (no momento do gol do seu time; quando seu time sofre um gol; na derrota do time; na vitória; quando é campeão; quando é pressionado durante uma partida; quando você acha que seu time foi prejudicado pela arbitragem e etc.).
4. **Como você se comporta quando está torcendo?** (grita, xinga, se descontrola, faz muitas coisas que em outros momentos não costuma fazer e etc.)
5. **Um grande número de amazonenses torce mais por times de outros estados do que pelos times daqui. O que você pensa sobre isso? Por que isso acontece em sua opinião?**

ANEXO 3 – TECLE PRESIDENTES DE TORCIDAS ORGANIZADAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS (UFAM)
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS (ICHL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA (PPGSCA)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PRESIDENTE DE TORCIDA

Pelo presente temos a satisfação de convidar V. Senhoria na condição de dirigente da torcida organizada para participar da Pesquisa **PAIXÕES E CORES DA TORCIDA BARÉ, significados sociais do ato de torcer por uma equipe de futebol profissional em Manaus**”, sob a responsabilidade do pesquisador Alexandre Marco Araújo Chaves, mestrando do PPG SOCIEDADE E CULTURA DA AMAZONIA do ICHL- UFAM.

Nessa pesquisa pretendemos investigar no seio de algumas torcidas, a importância e os significados sociais do ato de torcer por um time de futebol profissional em Manaus.

Sua participação na pesquisa será voluntária e ocorrerá por meio de entrevista com perguntas abertas e registro em audiovisual.

Não há riscos previsíveis decorrentes de sua participação na pesquisa, porém aqueles que ocasionalmente surgirem serão tratados e minimizados pelo pesquisador.

Ao aceitar participar da pesquisa, o (a) Sr (Sra.) estará contribuindo de forma decisiva para a compreensão da importância do ato de torcer, pois este representa um momento de libertação de tensões, sendo portanto, um importante elemento de prazer dos torcedores, o qual deve ser reconhecido e respeitado pela sociedade.

Mesmo depois de consentir em sua participação esclarecemos que o (a) Sr (a) tem o direito e a liberdade de desistir em qualquer fase da pesquisa, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr. (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM), na Av. General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3000, Campus Universitário, Coroado I - Manaus/Amazonas, telefone (92) 3305-4580, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador deseja fazer e porque precisa da minha colaboração, tendo entendido todas as explicações. Por isso eu concordo em participar da pesquisa na condição de dirigente máximo da torcida organizada do NARRAÇA , sabendo que não vou receber nada em troca e que posso desistir quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: ___/___/_____

Assinatura do dirigente da Torcida

Assinatura do Pesquisador Responsável



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS (UFAM)
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS (ICHL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA (PPGSCA)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente estamos convidando Vossa Senhoria para participar da Pesquisa **PAIXÕES E CORES DA TORCIDA BARÉ, significados sociais do ato de torcer por uma equipe de futebol profissional em Manaus**, sob a responsabilidade do pesquisador Alexandre Marco Araújo Chaves, mestrando do ICHL- UFAM.

Com essa pesquisa pretendemos investigar no seio de algumas torcidas os significados sociais do ato de torcer por um time de futebol profissional em Manaus.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista com perguntas abertas.

Não há riscos previsíveis decorrentes de sua participação na pesquisa , porém aqueles que ocasionalmente surgirem, serão tratados e minimizados pelo pesquisador.

Se Sr. (a) aceitar participar, estará contribuindo para compreensão da relevância do ato de torcer, e que tal ato ajuda a manter o organismo social vivo e ainda contribui para uma libertação de tensões sociais específicas, desencadeadora de prazer e que compõe um processo de inter-relação crescente.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr. (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM), na Av. General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3000, Campus Universitário, Coroado I -

Manaus/Amazonas, telefone (92) 3305-4580, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130.

Consentimento Pós–Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador deseja fazer e porque precisa da minha colaboração tendo entendido todas as explicações. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou receber nada em troca e que posso desistir quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: ___/___/___

Assinatura do participante

Assinatura do Pesquisador Responsável